

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Verônica Bohm

Violência contra pessoas idosas: narrativas de agressores.

Porto Alegre

2016

Verônica Bohm

Violência contra pessoas idosas: narrativas de agressores.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Johannes Doll

Linha de Pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação

Porto Alegre/RS

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Bohm, Verônica

Violência contra pessoas idosas: narrativas de
agressores. / Verônica Bohm. -- 2016.
135 f.

Orientador: Johannes Doll.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-
Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Violência. 2. Velhos. 3. Agressores. 4.
Educação. 5. Rede de atenção. I. Doll, Johannes,
orient. II. Título.

Verônica Bohm

Violência contra pessoas idosas: narrativas de agressores.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Doutorado em Educação.

Apresentada em 03 de junho de 2016.

Prof. Dr. Johannes Doll - Orientador

Profa. Dra. Maria Clara Bueno Fischer - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Sergio Antonio Carlos - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Vicente de Paula Faleiros - Universidade Católica de Brasília

DEDICATÓRIA

Aos meus avós, vô Ivar e Dona Annunciata (vó Chica), aos quais serei sempre grata, não apenas pela convivência deliciosa, mas por me mostrarem como a velhice é ímpar, e que a qualidade do nosso envelhecer dependerá muito da maneira como encaramos a vida.

AGRADECIMENTOS

Ao encerrar a escrita de uma tese, muitos são os agradecimentos que precisam ser feitos. Estou certa de que este não foi um trabalho solitário, mas representa o empenho, apoio e o incentivo de muitas pessoas que estiveram comigo ao longo destes anos e foram extremamente importantes para que este momento chegasse. Vivencio esta ocasião com as emoções de quem está em um terminal: é um lugar de chegada, mas também, um ponto de partida.

Assim, quero agradecer inicialmente ao meu marido, Marcelo, por ter sempre me incentivado a dar o próximo passo em relação à minha formação; por estar sempre comigo, e por me mostrar que ter alguém ao nosso lado é o que dá brilho à vida.

Aos meus pais, por sempre valorizarem a educação como a grande herança que poderiam deixar a uma filha.

À equipe da Fundação de Assistência Social de Caxias do Sul, pois a confiança que depositaram em mim foi vital para a realização do trabalho de campo.

Aos amigos do meio acadêmico que tão gentilmente lançaram ideias e percepções sobre a temática escolhida, além de confortantes abraços. Não poderia deixar de nomear algumas pessoas que também são inspirações profissionais, as quais tenho a honra de poder chamá-los de amigos: Dra. Sueli Souza dos Santos, Dr. Sergio Antonio Carlos, Dra. Vania Beatriz Merlotti Herédia, Dra. Caroline Stumpf Buaes, Ms. Eliana Andrade Panozzo e, minha sempre mestre, Ms. Ivonne Assunta Cortelletti.

Aos colegas do grupo de pesquisa em educação e envelhecimento, Saulo, Denise, Elisangela, Carmen, Nilsa, Nelsa e Julia pelas trocas, questionamentos, cafés compartilhados, que me ajudaram a seguir neste percurso.

Ao meu orientador, professor Dr. Johannes Doll, que através de sua fala sempre afetuosa, abria algumas "janelas" para que novas possibilidades fossem vislumbradas através do material que lhe era apresentado.

E encerro com um agradecimento muito especial, a todos que gentilmente concordaram em ser entrevistados para esta tese, expondo situações tão íntimas de suas vidas, recordações por vezes dolorosas, vivências tensas e intensas que misturavam

sentimentos antagônicos, sem esperar algo maior em troca, talvez tenham aceitado ao convite, apenas para poder falar sem serem julgados.

Muito obrigada a cada um de vocês!!

EPÍGRAFE

Silêncio

*Assim como do fundo da música
brota uma nota
que enquanto vibra cresce e se adelgaça
até que noutra música emudece,
brota do fundo do silêncio
outro silêncio, aguda torre, espada,
e sobe e cresce e nos suspende
e enquanto sobe caem
recordações, esperanças,
as pequenas mentiras e as grandes,
e queremos gritar e na garganta
o grito se desvanece:
desembocamos no silêncio
onde os silêncios emudecem.*

Octavio Paz

RESUMO

A história mostra que a violência contra velhos não é um problema recente na sociedade. Em diversas culturas, por muitas gerações, os comportamentos violentos contra os velhos vêm se repetindo. Nos últimos anos, percebe-se movimentos da sociedade para fazer frente à esta problemática. Leis são elaboradas, manuais de enfrentamento são disponibilizados, mas ainda insuficientes para dar conta do sofrimento das famílias envolvidas nesse tipo de violência. Autores como Foucault, Elias e Scotson e Faleiros foram alguns dos consultados para dar suporte teórico ao trabalho de campo e, posterior análise. Ciente da complexidade desta questão, esta tese se propôs a ouvir os agressores, por entender que todos os lados devem ter a possibilidade de falar. Os estudos sobre violência até então têm pesquisado basicamente esta questão a partir das vítimas, ou de dados registrados em serviços públicos que servem de porta de entrada para que as denúncias ocorram. Assim, o objetivo principal desta pesquisa é analisar os fatores que conduziram à violência contra as pessoas idosas através da perspectiva dos agressores, a fim de elaborar uma discussão que subsidie intervenções educativas no campo da violência. Para tal, tem-se como objetivos específicos a) conhecer as histórias da vida dos agressores de idosos; b) identificar os possíveis gatilhos que desencadearam as agressões; c) compreender os aspectos estruturais que possam ter relações com a prática da violência e d) oferecer elementos para intervenções educativas no campo da violência. Partindo dos objetivos propostos, optou-se por uma pesquisa exploratória, de caráter qualitativo, onde, através de narrativas, teve-se maior aproximação com as histórias das pessoas envolvidas. A amostra foi constituída por conveniência, sendo 5 mulheres e 3 homens, todos filhos, exceto um que era marido. Os resultados analisados a partir da Análise de Conteúdo proposta por Moraes foram organizados em duas grandes categorias, a saber: Multidimensionalidade da violência, subdividida em "Construção das relações familiares", "Consumo de drogas ilícitas e álcool" e "Desemprego", e a segunda categoria, nomeada de "Mecanismos Sociais de Atenção à Violência". Através do estudo, constatou-se que a maioria dos agressores é familiar muito próximo dos idosos, geralmente filhos e netos que, em geral, carregam as lembranças de terem sido vítimas de violência em outras fases das suas vidas. Os gatilhos para que a violência aconteça estão relacionados à desestrutura familiar, ao desemprego e ao consumo abusivo de álcool e/ou outras drogas ilícitas. Também identificou-se uma atuação precária dos mecanismos sociais de proteção aos idosos, que não conseguem garantir a segurança dos velhos. Além disso, ficam lacunas na prestação de um serviço realmente efetivo em decorrência de inúmeros fatores, mesmo quando contando com técnicos que possuam desejo para tal. Os resultados encontrados apontam para a complexidade da violência contra velhos, caracterizando-se como um processo multidimensional, no qual não é

possível identificar uma única causa como geradora do evento. Alguns caminhos são apontados para minimizar as ocorrências. Desbanalizar a violência psicológica pode ser um caminho, uma vez que ela foi identificada como uma prática de menor gravidade pelos agressores. A reestruturação da rede de atenção, reestabelecendo os canais de comunicação entre as instituições, afim de agilizar as ações, dar suporte aos técnicos e evitar que novas violências sejam cometidas contra os velhos pode estar no percurso da proteção. Também sugere-se a urgência de repensar os currículos escolares nos diferentes níveis da educação formal, desde a pré-escola até os níveis universitários, para desenvolver relações intergeracionais positivas, que, certamente, será uma importante contribuição no âmbito da prevenção. Sabe-se que a tese trouxe contribuições para compreender o complexo processo da violência, mas também sinaliza para a necessidade de novas pesquisas paralelas a ações efetivas que mostrem para a sociedade que efetivamente se tem buscado fazer a diferença.

Palavras-chave: violência, velhos, agressores, educação, rede de atenção.

ABSTRACT

History shows us that the violence against old people is not a recent problem in the society. In several cultures, for many generations, the violent behavior against elderly has been repeated. In the last few years, a shift of behavior in society have been noticed in response to this problem. New laws are created, coping guides are shared, but these movements are insufficient to face the suffering of the families involved in this kind of violence. Foucault, Elias and Scotson and Faleiros were some of the authors referred to give theoretical support to the field research and subsequent analysis. Aware of the complexity of this subject, this thesis allowed the aggressors to be heard, understanding that all sides of the violence should be able to speak. Up to now, the studies about violence basically researched this issue from the victim's view or based on data recorded in public services that work as gateways of complaints registration. Thus, the main objective of this research is to analyze the factors that led to the violence against elderly from the aggressor's view, in order to organize a discussion to feed educational operations on the field of violence. To this purpose, it has as specific objectives: a) get to know the history of life of the old people's aggressors; b) identify the possible triggers that cause aggressions; c) understand the structural aspects that could be related to the practice of violence; d) provide some elements for educational interventions in the field of violence. Based on the proposed objectives, it's been opted for an exploratory research, of qualitative character, where through the narratives it was possible to become closer to the stories of the involved people. The sample has been created by convenience, constituted by 5 women and 3 men all of them sons and daughters excluding one that was husband. The results analyzed from the Analysis of Content proposed by Moraes were organized into two big categories, namely: Multidimensionality of violence, subdivided into "Construction of family relationships", "Consumption of illicit drugs and alcohol" and "unemployment", and the second category named "Social Mechanisms of Attention to Violence". Through the study it was evidenced that most of the aggressors were a very close relative of the elderly, usually children and grandchildren who generally carry the memories of having been victims of violence in other phases of their lives. The triggers to violence are related to family dysfunction, unemployment and abusive consumption of alcohol and / or other illicit drugs. Also it has been identified a precarious actuation of the social mechanisms of protection of the elderly, which aren't able to guarantee the security of the old people. In addition it keeps some gaps in rendering effective services due to numerous factors, even when it counts on technicians who have the desire to do so. The found results lead to the complexity of the violence against elderly and it is characterized as a multidimensional process without a single cause as event generator. Some paths are pointed to minimize occurrences. Considering the psychological violence could be a way, since the aggressors

identified it as a minor severity practice. Restructuring the network of care, restoring the communication channels between the institutions in order to make the actions more efficient, give support to the technicians and prevent further violence being committed against the elderly could be in the protection route. The urgency to rethink the school curricula at all levels of formal education is suggested, from the pre-school to university levels, to develop positive intergenerational relations, which certainly will be an important contribution for the range of prevention. It is known that the thesis brought contributions to understand the complex process of violence, but also points to the need of further researches and effective actions, that shows to the society that it has tried to effectively make the difference.

Key Words: violence, elderly, aggressors, education, care network.

SUMÁRIO

1 JUSTIFICATIVA.....	14
2 OBJETIVOS	24
2.1 OBJETIVO GERAL	24
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	24
3 REVISITANDO ALGUNS ESCRITOS SOBRE ENVELHECIMENTO E VIOLÊNCIA.....	25
3.1 VELHICE: O QUE ESCREVEM OS QUE OLHAM PARA UMA FASE DA VIDA QUE MUITOS NÃO QUEREM VER.	25
3.2 ENTENDENDO A VIOLÊNCIA A PARTIR DE DIFERENTES PERSPECTIVAS.....	37
3.3 ESTRATÉGIAS PARA LIDAR COM A VIOLÊNCIA	45
4 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	51
4.1 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	51
4.2 Os SUJEITOS DA PESQUISA	57
4.3 AS ENTREVISTAS.....	58
4.4 QUANTO À ANÁLISE DO MATERIAL COLETADO	59
4.5 ASPECTOS ÉTICOS	63
5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	64
5.1 MAPEANDO O CAMPO	64
5.2 CONHECENDO OS SUJEITOS DA PESQUISA E SEU CONTEXTO	74
5.2.1 ANITA.....	74
5.2.2 SIDINEI.....	75
5.2.3 ISABELA	75
5.2.4 CRISTINA	76

5.2.5 SUSANA	77
5.2.6 ROBERTA.....	77
5.2.7 ÁLVARO	78
5.2.8 ZELFINO.....	79
5.3 A VOZ DOS AGRESSORES	80
5.3.1 MULTIDIMENSIONALIDADE DA VIOLÊNCIA.....	80
5.3.1.1 Construção das Relações Familiares	81
5.3.1.2 Consumo de drogas ilícitas e álcool	90
5.3.1.3 Desemprego.....	93
5.3.2 MECANISMOS SOCIAIS DE ATENÇÃO À VIOLÊNCIA.....	97
6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	108
REFERÊNCIAS.....	121
APÊNDICES.....	131
APÊNDICE A – TÓPICOS NORTEADORES PARA ENTREVISTA.....	132
APÊNDICE B - DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO ENVOLVIDA	133
APÊNDICE C- DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA SOBRE O USO DAS DEPENDÊNCIAS DA INSTITUIÇÃO.....	134
APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	135
APÊNDICE E - SUGESTÃO DE PLANILHA PARA REGISTRO DE OCORRÊNCIAS	137

1 JUSTIFICATIVA

Este trabalho nasce de um olhar atento e angustiante em relação ao envelhecimento populacional em um país que não se preparou para este processo e que, por vezes, ainda reproduz uma fala que não cabe mais na boca de pessoas responsáveis, que o Brasil é um país de jovens. Algumas pessoas até podem olhar com otimismo para as estatísticas brasileiras referentes à redução das taxas de natalidade e aumento da expectativa de vida, mas, quando analisadas as implicações deste fato, a preocupação ganha destaque. Estamos discutindo a situação de um país que segue envelhecendo em uma velocidade muito mais rápida do que a agilidade empregada para a criação de políticas públicas e/ou estratégias que dêem conta das demandas advindas de um país de velhos. Nesta tese, frequentemente será empregada a expressão “velhos” para fazer alusão aos homens e mulheres que chegaram à velhice. Entendemos que, ao nominá-los desta forma, algumas pessoas possam se sentir incomodadas, mas marca-se um posicionamento claro sobre a relação contraditória que existe na sociedade para com estas pessoas: por um lado, a ideia de descartáveis, inúteis, por outro, todo carinho e admiração que apenas velhos amigos, com velhas histórias, conseguem compartilhar.

O Brasil vem, há alguns anos, tentando criar políticas que, de certa maneira, forneçam algum suporte e garantam direitos a esta parcela da sociedade. Temos aí a própria Constituição de 1988, a Lei nº 8842, que institui a Política Nacional do Idoso (1994), o Estatuto do Idoso aprovado em 2003, o qual vigora há mais de uma década, mas ainda tem conteúdo desconhecido por boa parte dos cidadãos, fragilizando muito sua efetivação na cena pública. Este desconhecimento que se tenta atribuir ao desinteresse das pessoas, é reflexo da falta de investimentos na divulgação e conscientização da população quanto aos seus direitos.

O que deveria ser encarado como uma conquista, a chegada à velhice, passa a ser objeto de preocupações. A criação de tantas Leis leva a pensar na eficácia das mesmas. A Constituição de 1988 garante uma série de direitos que são regulamentados na Lei nº8842/94 e, novamente, no Estatuto do Idoso. Fato que explicita que direitos básicos não estão sendo respeitados, uma vez que se torna necessário, em pleno ano de 2003, afirmar que é obrigado notificar agressões contra velhos (BRASIL, 2003). Velhos não são brasileiros? Velhos não estão contemplados na Constituição? A Subsecretaria Nacional de Direitos Humanos (SNDH), buscando dar conta de algumas diretrizes presentes no Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento de 2002, bem como de artigos contidos no Estatuto do Idoso (2003), desenvolveu o Plano de Ação para Enfrentamento da Violência

Contra Pessoa Idosa (BRASIL, 2005). Este tem como principal objetivo propor ações que garantam os direitos contidos nas leis, buscando enfrentar todas as formas de maus tratos em relação aos velhos brasileiros. Entende maus tratos como ações que causam sofrimento ou outros tipos de prejuízos a alguém, praticadas por pessoas que deveriam ser fonte de segurança e confiança (KRUG et al, 2002). No entanto, este Plano de Ação é desconhecido pela maioria da população, e sua repercussão concreta pouco expressiva. Mais recentemente, foi elaborado um manual de enfrentamento à violência contra os velhos (BRASIL, 2014), o qual também teve pouca repercussão na mídia e nas instituições. Fato que não surpreende, pois um questionamento ganha destaque quando pensamos nos velhos: que lugares são ocupados, ou destinados a eles na sociedade brasileira atual diante destas constatações? Medeiros (2004) sugere de forma nada animadora qual é este lugar: o não lugar. Visão parecida com a de Castilhos (2007), ao mencionar que, dentro das próprias famílias contemporâneas, são poucos os espaços que ainda restam aos velhos. Assusta perceber que, de maneira progressiva, esta parcela da população tem perdido *status* em relação ao seu valor social (MELMAN, CILIBERTI, AOKI, FIGUEIRA JUNIOR, 2010).

Nestes discursos e práticas contraditórias, que por vezes parecem estar a serviço de proteger os cidadãos, muito pouco de efetividade se constata na prática, ressoando nos escritos de Beauvoir (1990), quando apontava para esta relação dissonante dos adultos para com os velhos. Na ocasião, chamou de “duplicidade”, esta forma de relação que, para atender aos anseios da sociedade, diz e tenta tratar bem seus pais, mas buscaria sistematicamente marcar a condição decadente que passam a assumir as pessoas com o avançar dos anos.

Assim, as projeções sobre o envelhecimento da população são revestidas por uma inquietação sem precedentes aos olhos das pessoas mais críticas. Passou o tempo de começarmos a pensar em algo para prevenir possíveis problemas advindos com o envelhecimento populacional. O que cabe agora é propor e tentar colocar em prática ações preventivas e reativas. O próprio manual elaborado pelo governo federal de enfrentamento à violência (BRASIL, 2014) explicita que o poder público está ciente de que “temos que trocar os pneus com o carro andando” (BRASIL, 2014, p.17). Esta citação encontra respaldo em qualquer canal de televisão, ou jornal, pois somos bombardeados por notícias através da mídia sobre as formas como o Estado, instituições formais e, até mesmo, certas famílias estão hoje tratando seus velhos. São muitos os aspectos que poderiam ser objeto de estudo em uma tese que se propõe a investir esforços na compreensão das velhices brasileiras atuais para assim, buscar propor ações mais efetivas em prol destas.

Sim, velhices! A partir de autores como Baltes (1987) e Beauvoir (1990), não é possível caracterizar a velhice como sendo uma fase uniforme. Entende-se como a última fase do ciclo vital (ERIKSON, 1998), no entanto, alcançada através de um processo extremamente heterogêneo e irreversível denominado de envelhecimento (BALTES, 1987). Processo que acompanha os humanos ao longo de toda a vida e será influenciado por características de personalidade, situação econômica, contexto, enfim, por inúmeros aspectos que inviabilizam qualquer possibilidade de entender a velhice como uma fase da vida igual para todas as pessoas. Entretanto, em alguns momentos, esta tese precisará encontrar alguns pontos de confluência nestas diferentes velhices, para poder, com isso, pensar de forma macro alguns fenômenos que podem estar impactando em parcela significativa de velhos no Brasil.

Neste sentido, esta tese coloca em relevo um tema triste e ainda atual que está fazendo parte da vida de muitas pessoas na velhice: a violência. É um fenômeno que está presente ao longo da história. De acordo com Souza (2007), ao analisar a arte paleolítica, era possível constatar atos violentos como o ataque ao Bisão. Na Idade Média, as Cruzadas explicitaram a violência, chegando esta até os dias de hoje. Não podemos esquecer que a própria história das religiões, desde àquelas que se baseiam no cristianismo, onde Jesus foi crucificado para libertar o povo, ou àquelas que sacrificam animais na tentativa de purificação, relatam o tema. Paixão Júnior e Rocha (2013) lembram que em mensagem à filha, o Rei Lear já manifestava uma relação violenta entre pai e filha, quando dizia que foi muito agredido. Conforme material publicado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), intitulado "*Missing Voices: views of older persons on elder abuse*" (2002a), o abuso contra os velhos foi descrito pela primeira vez em uma revista científica britânica no ano de 1975, o que não significa que tenha sido rapidamente incorporado nas pautas de discussões.

Quando abordamos especificamente a violência contra idosos, no Brasil, o Estatuto do Idoso (2003), baseado no conceito de violência contra idosos da Organização Mundial da Saúde, define violência como "qualquer ação ou omissão praticada em local público ou privado que lhe cause morte, dano ou sofrimento físico ou psicológico (Estatuto do Idoso, Cap.IV, art.19, §1). Alguns autores (FIGUEIREDO et al, 2010) ampliam o conceito e a classificam em três tipos: estrutural, interpessoal e institucional. A primeira estaria ligada às desigualdades sociais; a segunda, às relações sociais; e a terceira, à gestão das políticas públicas.

A violência estrutural, segundo Boulding (1981), refere-se às estruturas institucionalizadas, desde a família, como os sistemas políticos, econômicos e culturais de

uma sociedade, os quais acabam fragilizando as pessoas através de práticas opressivas. Para a autora, é a legitimação destas estruturas que determina as estratégias de socialização que fazem com que as pessoas se submetam, ou cometam determinadas ações, mantendo a estrutura social definida. Este tipo de violência está presente em sociedades onde a desigualdade social e econômica é uma marca forte, negando o direito à cidadania para as pessoas que não possuem prestígio, sendo a maioria das pessoas neste tipo de sociedade (TELES, 2011). Há uma tendência no Brasil de explicar a violência como consequência da pobreza e das desigualdades existentes, explicação ligada à compreensão da violência como fenômeno estrutural. Peralva (2001) sugere que não se atribua tanta força explicativa a estas duas situações, visto que não acredita ser possível encontrar ali as raízes para ações violentas. Segundo esta autora, mais instigador para a continuidade da violência no Brasil do que a pobreza e as desigualdades, é a falta de respostas efetivas institucionais a esta problemática. A partir deste entendimento sobre violência estrutural, ressalta-se que ocorre em todas as camadas da sociedade, garantindo a manutenção das relações de dominação e subordinação. Por outro lado, existem dinâmicas específicas em cada esfera. Mesmo em uma sociedade constituída por classes sociais, deixando parte significativa da população em situações problemáticas, não são todas as instituições que são violentas, muito menos, todas as famílias. Existem razões específicas e dinâmicas próprias que levam estas instâncias a se tornarem violentas. Sobre a violência intrafamiliar ou interpessoal, Faleiros (2007) escreve que esta acontece de forma conjunta à violência social, visto que há complexas relações com a estrutura social, que nega às pessoas *status* social positivo. Acrescenta:

A violência intrafamiliar é um processo complexo de interseção e combinação de dinâmicas e da estrutura familiar com a dinâmica e a estrutura social, haja vista, por exemplo, a violência social do tráfico, do consumismo e da discriminação presentes nas relações familiares (FALEIROS e BRITO, 2007, p.115).

Em síntese, é possível entender que a violência estrutural vem do conjunto da sociedade, ao passo que a violência institucional é oriunda das instituições que podem ser reformadas ou re-adequadas ao longo de suas trajetórias, dificilmente extintas. É sabido que as mudanças estruturais são mais difíceis, pois pressionam o conjunto da sociedade, e não parte deste conjunto, como as instituições, mas, é inquestionável, a presença da violência contra velhos em todos estes níveis.

Além desta classificação das violências por níveis, autores como Bernal (2010), Faleiros (2009), Minayo (2006) apresentam diferentes tipos de violência que podem acontecer nos diferentes níveis, dentre as principais, a física, a psicológica e a financeira. No entanto, mesmo com o aparato legal existente obrigando as pessoas a denunciarem a

violência, há um silêncio que perpassa estes casos, situação denominada por Faleiros (2007) de “conluio do silêncio”.

Ehrlich (2001) acredita que a violência faz parte da vida, e apenas somos incomodados pelas formas de violência que nos afetam diretamente. Este posicionamento é relativizado por Muchembled (2012), onde através de uma revisão sobre a história da violência desde o fim da Idade Média até a atualidade, não chega a uma resposta precisa sobre o fato da violência ser inata ou não. Escreve que a agressividade pode ser inata, sendo entendida como uma “potencialidade de violência”, podendo ser fortemente controlada e/ou inibida através dos processos de socialização.

Alguns países estão desenvolvendo pesquisas consistentes e sistemáticas há anos sobre a violência contra idosos. No Canadá, na província de Québec, há um grupo bastante atuante coordenado pela professora Marie Beaulieu que se preocupa com aspectos relacionados às diversas formas de violência. Há mais de 30 anos, estudos estão sendo desenvolvidos, no entanto, apenas em 2010 o Canadá adotou o primeiro Plano de Ação Governamental para atuar de maneira mais estruturada na tentativa de prevenir, minimizar e/ou solucionar problemas de maus tratos contra idosos (BEAULIEU, GARON, COUTURIER, 2012). Chama a atenção o tempo que demorou entre a publicação da Declaração de Toronto (2002b) sobre a prevenção global de abuso contra velhos até a concretização do primeiro plano de ação governamental. Esta declaração foi produzida em parceria entre a OMS, duas universidades canadenses (Toronto e Ryerson) e a Rede Internacional para Prevenção de Abuso contra Velhos (IMPEA) e clamava pela necessidade do envolvimento dos diversos setores da sociedade, bem como para a urgência de desenvolver estruturas de serviços que respondessem adequadamente, tanto nos casos de violência identificados, como para agir na prevenção das diversas formas de abuso. Nos Estados Unidos, no estado do Texas, por exemplo, existe dentro de um departamento de proteção, um segmento específico para atender adultos e idosos em situação de vulnerabilidade, denominado *Adult Protective Services*. Além de receber e averiguar as denúncias, fazendo os devidos encaminhamentos, este serviço produz dados que mapeiam a realidade do Estado neste aspecto, servindo como importante sinalizador e provocador de ações cada vez mais efetivas (TEXAS, 2013).

Recentemente, foi publicado um artigo (DONG, 2015) na Revista da Sociedade Americana de Geriatria, no qual a autora se refere aos abusos contra idosos como um problema de direitos humanos e de saúde pública global. Sobre o cenário americano, relata que cerca de 10% dos velhos americanos foram vítimas de algum tipo de violência, sendo que uma minoria destes procurou o Serviço de Proteção a Adultos. Através desta pesquisa,

identificou uma série de lacunas nas publicações sobre o tema que podem dificultar uma atenção mais efetiva a este público. Segundo a autora, a fraca consistência na definição do que é considerado abuso contra velhos é um importante dificultador para melhor compreensão da temática. Outro limitador encontrado foi a inexistência de um instrumento consistente para mensurar o abuso. A autora é clara ao afirmar que os estudos por lá desenvolvidos focam-se nas características dos velhos, não de quem os agrediu. Neste sentido, acredita que sobrecarga do cuidador, questões relacionadas à saúde mental, abuso de substâncias químicas e qualidade do relacionamento com o velho, antes deste último estar em uma condição de dependência, podem influenciar a presença de práticas violentas contra os velhos. Sobre os achados positivos (não no sentido de serem bons, mas de estarem presentes), Dong identificou como possíveis fatores de risco para a ocorrência do abuso o comprometimento físico e cognitivo, bem como, sentimento de angústia vivenciados pelos velhos.

Com base neste breve passeio por outras realidades, é fato que a violência não é privilégio de um país. No entanto, é sabido que no Brasil, a violência em todos os níveis está quase banalizada. É impressionante a constatação desta banalização, talvez até como estratégia empregada pelos brasileiros para enfrentar cada novo dia em um país que apenas entre os anos de 2008 a 2011 registrou 206.005 casos de homicídio (WASELFI SZ, 2013). Segundo Waiselfisz (2013), a taxa de homicídio no país em 2010 era de 27,4 casos por 100.000 habitantes, colocando o Brasil na quinta colocação no *ranking* dos países mais populosos quando considerado este indicador. Se lançarmos nosso olhar pelos estados brasileiros, encontraremos Alagoas ocupando o topo da lista com o alarmante índice de 72,2 casos de homicídios por 100.000 habitantes. Na base desta mesma relação, encontramos o Estado de Santa Catarina com 16,6/100.000 e o Rio Grande do Sul, com 19,2 registros de homicídio, seguindo o mesmo número de habitantes como parâmetro. Estes números colocam os gaúchos na vigésima quarta posição no país. Embora o Estado esteja muito longe da realidade de Alagoas, está distante demais do que poderíamos considerar uma meta possível quando observamos a tabela do *United Nations Office on Drugs* (2013), que mostra taxas zeradas de homicídios em países como Mônaco, na Europa, e Palau, este último, na Oceania.

Os dados referentes aos homicídios são aqui apresentados, pois dão visibilidade inquestionável para a violência, ou melhor, para uma forma de, denominada violência física. Mas esta não é a única. A violência é classificada por Muchembled (2012) como sendo multiforme, de difícil investigação ao longo da história as formas brandas, devido à subnotificação. Fato que não é constatado apenas no Brasil, mas também nos Estados

Unidos (PILLEMER e FINKELHOR, 1988). Paixão Júnior e Rocha (2013) são claros ao afirmar que estes outros tipos de violência são tão danosos quanto à violência física.

Nos últimos anos, algumas ações estão sendo feitas por parte do governo federal na tentativa de amenizar o problema da violência. Disponibilizou-se uma linha telefônica para receber denúncias anônimas, o Disque Direitos Humanos, serviço conhecido como Disque 100, que está em funcionamento desde 2011. Mesmo sendo anônimas as denúncias, não se pode ignorar a afirmação de Faleiros (2009) sobre a dificuldade das pessoas se mobilizarem a ponto de denunciarem. Cientes desta situação, é sabido que os números oficiais sinalizam, mas não dão conta de toda a realidade. Os números obtidos junto à SNDH (2014) mostram que entre os meses de janeiro e novembro de 2011, este serviço recebeu 7.160 denúncias específica em relação a idosos. No mesmo período de 2012, este número foi de 21.404, o que representa um aumento de 199% na quantidade de denúncias. Quanto ao tipo de denúncias recebidas, a negligência é a mais comum, estando presente em 68,7% dos casos. Esta é seguida pela violência psicológica com 59,3%, 40,1% relacionadas ao abuso financeiro/econômico e patrimonial e, em 34% dos casos, a violência física estava presente.

Menezes et al (2007) mostram que os principais agressores dos velhos são pessoas muito ligadas a eles, geralmente familiares, como cônjuges, filhos, netos e demais parentes próximos, ou então, cuidadores. É fato que a instituição família tem vivenciado diversas transformações nas últimas décadas, se a compararmos com o modelo vigente até a década de 60 do século passado. De um modelo tido como tradicional patriarcal, onde os casais eram heterossexuais, não se cogitava a possibilidade de divórcio, as mulheres ficavam envolvidas com as atividades domésticas, enquanto aos homens, cabia a responsabilidade do trabalho fora do lar a fim de garantir o sustento da família, para modelos fluidos. Para Tortosa e Pinto (2004), a fragilidade conjugal torna-se evidente ao constatar o crescente número de divórcios, muitas vezes, associados ao fato de que as pessoas estão buscando cada vez mais atingir metas econômicas, físicas e de bem-estar pessoais, mais do que construir relações conjugais sólidas. Afirmação que vai ao encontro das ideias propostas por Bauman (2001), quando se refere à fluidez das relações. Em geral, muitas pessoas não sonham mais com relações sólidas e duradouras, mas, sim, com o prazer e a suposta satisfação que o instante traz. Entretanto, é fato que modelo “tradicional” de família, que vigorava décadas atrás, também não garantia a ausência de violência no seu interior, bem como a presença de relações harmoniosas entre as pessoas de diferentes gerações.

Chama a atenção que, mesmo em tempos de relacionamentos fluídos, Tortosa e Pinto (2004) afirmam que a instituição família tem se transformado estruturalmente nas últimas décadas, mas, curiosamente, tem se mantido como principal aspecto da vida de europeus quando questionados sobre o que é mais importante nas suas vidas. Em função de mudanças no cenário econômico, que convocam as pessoas a estudarem por mais tempo, a falta de perspectivas de trabalho para os jovens, bem como o aumento da expectativa de vida das pessoas, tem contribuído para que várias gerações vivam em uma mesma residência, e por mais tempo. Situação muito tênue, pois este convívio próximo e constante pode servir como dispositivo para o surgimento de conflitos complexos, que podem levar a atos de violência.

A violência praticada dentro dos lares, até mesmo a física, passa despercebida pela população em geral, sendo ignorada pela maioria das pessoas que não convive diretamente com o problema. Beauvoir (1990), no final da década de 60 do século passado, sinalizava esta acomodação geral em relação à violência contra esta parcela da população, destacando que os familiares, em sua maioria, já naquela época, não demonstravam muita preocupação com o destino dos seus velhos. Esta invisibilidade em relação aos velhos que estão sendo violentados faz com que os holofotes sejam apontados para outros temas mais “barulhentos”, como a epidemia da dependência química ou os acidentes de trânsito, que não há como esconder. Não queremos aqui, em momento algum, dizer que a violência contra idosos é mais preocupante do que a violência do trânsito, ou das drogas, onde há milhares de vítimas fatais, a inadmissível crueldade praticada para com muitas crianças, ou os crimes frequentes cometidos contra mulheres, bem como de qualquer outra situação violenta. Apenas chamamos a atenção para a existência da violência contra idosos e da necessidade que urge para que, realmente, este tema seja discutido. O objetivo aqui é também “fazer barulho”, para, assim, não permitir que este tema continue sendo, por vezes, negligenciado. Desta forma, cabe um questionamento que parece simples, mas de complexa resposta: Por que tanta violência? No recorte deste estudo, questiona-se, em especial, porque tamanha violência contra os idosos?

Considerando uma ação preventiva para impedir que novos velhos sejam agredidos, esta tese se coloca um grande desafio: ouvir os agressores. Através das falas destes, acredita-se ser possível compreender suas histórias de vida para identificar os fatores que os levaram a cometer tal delito. Os estudos atuais frequentemente partem dos relatos das vítimas, fazendo inferências sobre os possíveis fatores que levaram ao ato violento. Talvez, a ausência de estudos específicos sobre os agressores se deva a dificuldade de ouvi-los, já que, conforme Melman et al (2010), as ações violentas costumam levar as pessoas a

julgarem os que cometeram, revoltando-se, indignando-se e, contra-atacando-os, cegando-as para o fato de que, em alguns casos, tal ação pode estar sendo um pedido de ajuda. Aqui, escutou-se a voz dos agressores, não para inocentá-los, até porque não cabe a nós, mas para, a partir das suas narrativas, olhar de um outro lugar a agressão, conhecendo os fatores que conduziram à violência, no intuito de fazer proposições que possam efetivamente prevenir, ou, ao menos reduzir, os casos de idosos agredidos. Neste sentido, Foucault e Elias e Scotson se mostram como autores consistentes e possíveis para percorrer este caminho conosco. Foucault através de sua genealogia, procurou conectar os saberes locais aos conhecimentos, buscando, com isso, provocar tensionamentos e novas formas de analisar a realidade (FOUCAULT, 1992). Elias e Scotson (2000), por problematizarem as relações entre estabelecidos e *outsiders* que serão exploradas mais adiante.

Encontrar estas formas diferentes de analisar a realidade sobre as questões do envelhecimento humano me acompanham há algum tempo. Quando na graduação de Psicologia, fui bolsista de iniciação científica em projeto sobre asilamento. Uma discussão que estava presente na época era sobre a relação entre a institucionalização dos velhos e a existência de filhos. O estudo concluiu que ter filhos não garante, por si só, a permanência dos velhos em casa (CASARA, CORTELLETTI e HERÉDIA, 2010). Após formada, trabalhei dando suporte psicológico a um grupo de cuidadores de idosos, tema que foi meu objeto de estudo durante o mestrado em Psicologia Social e Institucional (BOHM, 2009). Ao longo da pesquisa do mestrado, a abdicação das próprias vidas para cuidar de mães muito dependentes, o isolamento quase total em relação à vida social, bem como, os sentimentos contraditórios, onde o desejo de cuidar da melhor maneira, substituído, em alguns momentos, pela raiva, foram percebidos. A sobrecarga de trabalho e o alto envolvimento emocional que esta atividade gera foram objetos de meus estudos naquele momento. Nos últimos anos, fazendo parte do Conselho Municipal do Idoso do município de Caxias do Sul, cidade que tem 10,7% da sua população idosa, segundo o Censo de 2010 (IBGE, 2010), a violência passou a ser um tema perturbador, por não acreditar que a situação estava posta e nada poderia ser feito. Foi então que o doutorado em Educação surgiu como uma estratégia de fazer algo, acreditando que a Educação pode ser um caminho possível. Quem sabe, inspirada em Freire e Macedo (2011), possamos encontrar *inéditos viáveis* para este problema tão sério.

Ao escolher pesquisar sobre a violência contra idosos, a partir da perspectiva dos agressores, encontro eco do que tenho percebido nos escritos de Beauvoir (1990). Quando, no final da década de 60, ela anunciava que estava escrevendo sobre a velhice, as pessoas

geralmente se espantavam, estranhando a escolha por um tema tão triste, como ela escreve. Inicialmente, o estranhamento das pessoas quando eu anunciava meu objeto de estudo me incomodava. Expressões como: “Ai!!!”, “Por que sobre isso?”, “Não tem nada mais *light*?” era a resposta à explicitação do tema. Hoje, confesso que todas as vezes que interjeições, ou frases mais elaboradas são ditas em relação ao meu estudo, tem servido para me encorajar e mostrar que o caminho é este: pesquisar para conhecer e tentar transformar a realidade com os saberes aprendidos.

Estamos cientes de que entre o ideal e o real há talvez um abismo. Ao olharmos para este abismo, percebemos a existência de um espaço desafiador e, ao mesmo tempo, provocativo para discutir ações que possam servir como ferramentas possíveis, tendo como meta para esta tese, metaforicamente, a construção, ou o início da construção da ponte que nos deixe mais próximos desta realidade ideal de respeito à dignidade do ser humano independente de idade, realidade ideal que vislumbramos do outro lado deste báratro.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

- Analisar fatores que conduzem à violência contra as pessoas idosas através da perspectiva de agressores, a fim de elaborar uma discussão que subsidie intervenções educativas no campo da violência.

2.2 Objetivos específicos

- Conhecer histórias da vida dos agressores de idosos;
- Identificar possíveis gatilhos que desencadearam as agressões.
- Analisar a prática da violência à luz de aspectos estruturais;
- Sugerir elementos para intervenções educativas no campo da violência.

3 REVISITANDO ALGUNS ESCRITOS SOBRE ENVELHECIMENTO E VIOLÊNCIA

3.1 Velhice: o que escrevem os que olham para uma fase da vida que muitos não querem ver.

Dizer que a existência de pessoas longevas é novidade seria atestar completo desconhecimento sobre a temática e, talvez, embasar esta colocação em uma visão de mundo, no mínimo, equivocada. Não são raros os autores que relatam pessoas que viveram há séculos atrás e passaram a casa dos oitenta anos (MINOIS, 1999, CÍCERO, 1997, BEAUVOIR, 1990). A novidade, se é que em 2016 ainda podemos considerar assim, é a quantidade extremamente representativa de velhos na sociedade. Os dados demográficos mostram que o número de pessoas com mais de 60 anos cresce em uma velocidade impressionante, sendo as pessoas a partir de 80 anos, a faixa etária que proporcionalmente mais vem aumentando.

Pesquisando os escritos sobre a velhice ao longo da história, Beauvoir (1990) destaca que, nos materiais por ela encontrados, até o final do século XV, tudo o que versava sobre o tema era relacionado a tratados de higiene. No século XVIII, outros textos são encontrados, sendo um deles atribuído a Galeano, o qual considerava a velhice uma doença sem volta. Somente no século XIX começa a surgir a especialidade que hoje conhecemos como geriatria. Isso se deu na França, com a criação do *Salpêtrière*, considerado o maior asilo do continente europeu. A grande quantidade de velhos moradores da instituição permitiu que dados clínicos fossem obtidos com facilidade e relativa abundância.

Minois (1999), em importante percorrido histórico sobre a velhice no ocidente, sinaliza que, mesmo nos tempos mais primitivos, as pessoas que estavam nesta fase da vida não gozavam de unanimidade em relação ao prestígio e aceitação do coletivo. Destaca a importância do contexto cultural geral como fator impactante no espaço que os velhos têm em cada sociedade. Ao olhar para a forma como a velhice era tratada nas sociedades primitivas sem escrita, constata que a garantia da sobrevivência de determinado grupo é crucial para a definição da maneira como o velho será visto pelos demais. Segundo Minois (1999), diante da possibilidade de “falência” da comunidade, a velhice passa a ser um fardo muito pesado, fazendo com que os mais jovens empreguem estratégias para abolir os velhos deste convívio. Nesta mesma linha, quando a sociedade está relativamente

equilibrada, tendo segurança quanto à sua continuidade, a velhice ganha notoriedade, e os velhos, respeito e admiração.

A associação da velhice à doença está relacionada à ideia de fraqueza, decrepitude. Beauvoir (1990) encontra, ao longo da história, sociedades que repugnavam esta fase da vida. Conta que, nas ilhas Fidji, era comum os velhos se matarem, pois acreditavam em outras vidas, tendo nestas outras, a idade com a qual teriam morrido. Como a velhice trazia muitas dificuldades, a alternativa para uma vida futura plena era se matar antes do avanço das limitações do corpo. No entanto, analisando o ritual da morte, a autora resgata uma comunidade que ficava ao sul do Sudão, conhecida como dinkas, onde alguns velhos eram depositários de prestígio em função dos conhecimentos que possuíam. Os velhos considerados notórios eram enterrados vivos, o que garantiria a continuidade da sabedoria deles, garantindo a continuidade da comunidade.

Esta ambiguidade entre esplendor, sabedoria e decrepitude vem evoluindo ao longo da história da velhice. Ao mesmo tempo em que há um provérbio africano que compara a morte do velho ao incêndio de uma biblioteca, Minois (1999) constatou que, para a tribo dos Nambikwara, a palavra usada para se referir à velhice é a mesma empregada quando se quer dizer que algo é feio. O inverso destas condições também possui apenas uma palavra, assim, jovem e belo são nominados com a mesma expressão; situação também identificada nos índios nambiquaras (BEAUVOIR, 1990). Este tipo de conotação é encontrada nas sociedades atuais.

Neste percurso histórico, Minois revisita a Grécia antiga pelas lentes da mitologia, uma vez que sua influência na cultura ocidental é inquestionável ainda hoje. Com os gregos, é escandalosamente fácil perceber como a velhice era encarada de modo excludente. Em uma cultura que cultuava o vigor, a força do ser humano, a beleza do corpo em seu apogeu, não sobrava outro lugar à velhice do que o da repulsa. Sendo considerada uma maldição, Minois (1999) explicita o sentimento que eclodia nas pessoas daquela época quanto a esta fase:

Pior que a morte, que garante a grandeza do destino, aparece a decrepitude, que enfraquece os heróis. Feliz foi Alexandre que não chegou a ter rugas! O conquistador deve a sua glória à própria juventude, tal como o seu modelo, o divino Aquiles, e que triste espetáculo pôde dar o vencedor dos persas vencido pelo reumatismo! (p.62).

Esta passagem carrega o peso intenso que recaia sobre os ombros dos gregos velhos. Aos deuses que ousaram, ou foram “condenados” a envelhecer, coube a maldade, a perversão, ou a derrocada como acompanhante dos anos.

Dos deuses para os filósofos gregos, Minois (1999) destaca que muitos dos nomes que ainda hoje são referências importantes neste campo chegaram à velhice. Aristóteles, por exemplo, faleceu aos 63 anos. Platão e Pitágoras morreram com mais de 80 anos de idade. Demócrito passou dos 100. Muitos destes filósofos seguiram ativos até o final de suas vidas, entretanto, não são raros os casos de abuso de álcool ou suicídio como causa de suas mortes. Diógenes, Zenão e Métrocles cometeram o suicídio, enquanto Lácides, Crisipo, Arcésilas tiveram sua morte atribuída ao abuso de bebidas alcoólicas. Vários destes pensadores escreveram sobre a velhice, mas quase tudo se perdeu ao longo do tempo. É sabido que Pitágoras teve um lugar de destaque nesta área, pois foi pioneiro na criação de uma teoria que buscava dar conta dos diferentes momentos da vida humana. Estabeleceu relação direta entre as idades e as estações do ano, fazendo referência à velhice, o inverno.

A Grécia foi dura com os velhos, mas os romanos também não foram muito generosos. Diferentemente dos gregos, que chegavam a negar, em alguns momentos da história parece que Roma dirigia olhares mais acolhedores à velhice, uma vez que era um tema relativamente corriqueiro para eles. Todavia, se discutia muito sobre este tema, pois, representava um importante problema social naquela época. Falava-se de uma sociedade com homens velhos. Devido às condições precárias de atenção à saúde, era frequente as mulheres falecerem no momento do parto, fazendo com que, ao analisar as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, tivesse o dobro de homens em relação às mulheres. Em Roma, também os velhos ganhavam destaque por serem o *pater familias*, o que lhes outorgava um poder sobre todos, pois era considerado um poder absoluto. Contudo, este lugar de destaque acabava favorecendo os conflitos de gerações. Aos filhos cabia a obediência ao pai, independente da idade dos primeiros, porque, se este optasse pela emancipação, não teria direito às posses da família. Estas, só eram repassadas aos herdeiros que se submetessem ao pai, o que era fonte de sentimentos negativos como o ódio, por vezes, maltratando os progenitores. Em Roma fica em relevo a contradição da lei quando se propõe proteger os longevos. Ao passo que os velhos são empoderados legalmente, o reconhecimento legal destas pessoas gera, nos mais jovens, sentimentos de repulsa na mesma intensidade. Este poder reconhecido em lei não se sustentou por muito tempo, fragilizando os velhos. Sem prestígio, viviam a solidão que lhes aturava, sendo habitados pelo sofrimento e a fragilidade.

Esta mudança de *status* em decorrência do avançar dos anos também foi constatada entre os iacutos. Eram moradores do nordeste siberiano, tendo as famílias, estrutura patriarcal. Ao pai, enquanto viril, era permitido que tratasse de forma agressiva toda a família. Conforme Beauvoir (1990) menciona, este pai chegava a tyrannizar os filhos, tendo o

direito de vendê-los, ou, por se sentir insultado, deserdava-os, ou mesmo, abandonava as filhas mulheres. No entanto, diante de sinais de fraqueza, os filhos não hesitavam em deixá-los sem suas posses e, frequentemente, os deixavam morrer. Naquele contexto, a relação entre pais e filhos era pautada pela violência: quando vigorosos, os pais humilhavam e exploravam os filhos, quando frágeis, os filhos invertiam a relação, explorando-os e espancando-os.

A construção de relações violentas entre pais e filhos não era exclusiva dos iacutos. No Japão, os ainos também revelam o quanto a negligência foi aprendida junto aos pais. Por serem uma sociedade de recursos escassos, sem a valorização da transmissão de conhecimentos práticos entre as gerações, os filhos, que haviam sido negligenciados pelas mães, ao ganharem o *status* de adultos, as abandonavam (BEAUVOIR, 1990).

Um dos primeiros autores que apresenta visão mais otimista da velhice é Sêneca. Reconhece que pode haver alegrias nesta fase, que as pessoas podem aprender, no entanto, se o fardo for muito pesado, não devem titubear para cometer o suicídio. Outro nome importante para tentar mudar um pouco o que se falava e escrevia sobre os velhos foi o romano Cícero, que contribuiu de maneira emblemática com repousar de olhos mais animadores sobre a velhice. Diferente da maioria dos seus antecedentes e, até mesmo, contemporâneos, Cícero afirma que esta fase da vida pode ser “tolerável”, principalmente para aqueles que souberam levar uma vida adequada.

Avançando um pouco mais na história, chegamos ao Renascimento onde toda a carga negativa volta em uma potência impressionante. Minois (1999) é claro ao dizer que, neste momento histórico, o sentimento em relação aos velhos é o de horror. Muitos renascentistas desprezavam tudo o que estava relacionada à decrepitude e, os velhos que, por ventura, manifestavam paixões, causavam repugnância no restante da sociedade. Entretanto, foi também no Renascimento que se identificam relatos de avós e netos tendo boas relações afetivas.

Embora seja possível identificar alguns momentos favoráveis à velhice, eles parecem ser insulares diante do panorama geral. Recorrendo à parte da história, fica evidente o quanto a velhice é recoberta por um manto de desprezo e sofrimento, muitas vezes sendo fonte de conflito entre as gerações quando os velhos não aceitam os lugares a eles destinados. Por escassez de recursos, por ser possuidor de muitos bens, ou por, simplesmente, desfilarem com as marcas do tempo que mostram a todos as fragilidades e a finitude humana, as gerações mais jovens acabam dirigindo aos mais velhos olhares condenatórios, que os fragilizam, relegando-os a um lugar indesejável na sociedade.

Este breve resgate da história serve para desmitificar uma ideia ilusória de que, nos últimos anos, a forma como os velhos são tratados piorou, acreditando que, no passado, a velhice era uma fase admirável e todos que nela estavam eram respeitados. É possível constatar que, mesmo com tantos séculos se passando, muito pouco evoluímos em relação ao modo como as pessoas encaram esta fase. Entretanto, os estudos em relação à velhice seguem avançando. Hoje é sabido que, em função do longo tempo que as pessoas ficam nesta fase da vida, não é possível homogeneizá-la. Baltes e Smith (2006) estabelecem uma diferença importante entre a Terceira e a Quarta Idade, expressões que foram criadas por teóricos franceses para se referirem à velhice inicial e à velhice avançada. Não há unanimidade entre os teóricos em relação ao emprego destas expressões. Gusmão (2008), por exemplo, acredita que estas, assim como outras tantas empregadas para se referenciar aos velhos e à velhice, servem para mascara-la. Todavia, independente da divergência entre as formas como se referir, é consenso que em idades muito avançadas, as perdas são muito mais significativas. Para Baltes (1987), na velhice avançada fica mais difícil para as pessoas otimizarem suas perdas. Ele entende a otimização como etapa importante do processo que busca manter um equilíbrio ao longo da vida, sendo este dividido em seleção – otimização – compensação (SOC). O SOC é o processo sugerido por Baltes como sendo o caminho para a conquista do envelhecimento bem sucedido. Neste, a otimização se refere ao envolvimento das pessoas em situações que agregam reservas internas, a fim de que consigam ter quantidade e qualidade de vida (BALTES, 1987). Para Baltes e Smith (2006), não é a idade cronológica que determinará a entrada em uma fase ou em outra. Por ser um processo dinâmico, estas denominações se referem a mudanças evolutivas, sendo fortemente influenciados pelas condições do contexto histórico-culturais. Os autores apresentam dois possíveis parâmetros empregados para distinguir a Terceira da Quarta Idade: parâmetros populacionais e parâmetros individuais.

Os parâmetros populacionais baseiam-se na idade em que metade das pessoas nascidas em uma mesma *coorte* não está mais viva. Sendo assim, nos países desenvolvidos, esta fase de transição para a Quarta Idade seria entre 75 e 80 anos. Também há a possibilidade de definir esta fase de transição considerando apenas as pessoas que chegaram aos 50 ou 60 anos, excluindo as que morreram precocemente. Baseando-se nestes dados, a transição para a Quarta Idade nos países desenvolvidos ficaria por volta dos 80 a 85 anos. Todas estas idades de transição, quando pensadas em países em desenvolvimento, são reduzidas significativamente. Considerando os parâmetros individuais, o foco é definir o tempo máximo de vida de cada pessoa, não uma média populacional. Atualmente, a idade máxima de uma pessoa fica entre 80 e 120 anos, o que faz com que a idade de transição varie significativamente de sujeito para sujeito.

Importante destacar que, independente do parâmetro empregado para definir a transição entre a Terceira e a Quarta Idade, é comum às duas situações, a fragilização que acompanha a entrada à Quarta Idade. Declínio cognitivo, afetivo, autoperceptivo e de satisfação com as suas condições, em geral, são vivenciados pelas pessoas na fase mais avançada das suas vidas (BALTES e SMITH, 2006).

Em função dessa constatação, os autores sinalizam para o fato de que muitas das políticas sociais voltadas ao campo gerontológico são baseadas em princípios inadequados. Há um olhar frequente para a velhice inicial, a chamada Terceira Idade, o que acaba não contemplando as necessidades da velhice avançada, fase em que as fragilizações são muito mais presentes (BALTES e SMITH, 2006), colocando os velhos em posição de dependência de familiares e de políticas eficazes que hoje, embora possam existir no papel, na prática são quase inexistentes. Esta fragilização tem sido destacada como uma porta de entrada para a violência contra os mais velhos.

A fim de conhecer um pouco mais a respeito do que tem sido publicado sobre violência contra idosos, foi realizado um levantamento bibliográfico junto a duas importantes bases de publicação científica durante o primeiro semestre de 2014. Optou-se por pesquisar os artigos publicados em língua portuguesa, pois estes se referem à realidade brasileira, bem como por serem de acesso à maioria dos profissionais que atuam na área. O levantamento junto à base de publicações Periódicos Capes considerou todos os artigos publicados até aquele período. Foi usada como descritor a expressão “violência contra idosos”. Na ocasião, foram identificados 79 artigos, sendo que destes, 22 não abordavam diretamente o tema, mas discutiam questões relacionadas à violência de gênero, ou violência contra crianças, por exemplo, não contemplando o escopo deste estudo. Entretanto, 57 publicações discutiam diferentes aspectos relacionados à violência contra as pessoas idosas. Chama a atenção que, embora este levantamento não tenha colocado data inicial de corte, não há publicações sobre este tema, nesta base de dados, antes de 2003, quando Minayo (2003) realiza um estudo intitulado “Violência contra idosos: relevância para um velho problema”. Minayo faz um levantamento através dos bancos de dados do Sistema de Informação de Mortalidade e do Sistema de Informações Hospitalares sobre as causas externas de óbito em idosos brasileiros durante o período de 1980 a 1995. Identificou que violência e acidentes ocupavam o sexto lugar em causa de morte de pessoas com idade igual, ou superior a 60 anos. Neste mesmo artigo, Minayo destaca que as formas de violência menos visíveis, como a violência financeira, a negligência, a violência psicológica ficam, nas palavras da autora, ‘naturalizadas’, não recebendo a devida atenção por parte da sociedade.

Durante a realização desta revisão de literatura junto à base Capes, foi possível constatar que, a exemplo de Minayo (2003), outros autores estão se dedicando a realizar pesquisas bibliográficas sobre a violência contra idosos. Castro, Guilam, Sousa e Marcondes (2013) investiram seus esforços nas publicações de revistas indexadas brasileiras disponíveis na base do Scielo. Como recorte temporal, pesquisaram os artigos publicados entre os anos de 2006 e 2011 em periódicos classificados de A1 a B5. Através do emprego da análise de conteúdo para poder discutir o material encontrado, três categorias foram organizadas, a saber: construção social e conceituações, atenção e política de proteção ao idoso, e tipologia de violência contra idosos. Os autores constataram poucas produções sobre o tema, embora, na ocasião, com fortes indícios de estar em um movimento crescente. Segundo eles, algumas áreas têm se dedicado um pouco mais a estas investigações, mas entendem que a temática precisa de que os diferentes campos do saber dialoguem mais em prol de melhores perspectivas em relação à atual realidade. Outro estudo bibliográfico encontrado foi o produzido por Oliveira, Trigueiro, Fernandes e Silva (2013). As bases por eles utilizadas foram: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (Scielo) e Base de Dados Bibliográfica Especializada na Área de Enfermagem do Brasil (BDENF). O objetivo do estudo foi identificar quais dimensões da violência contra idosos estavam sendo abordadas nas publicações. Assim, foram pesquisados artigos publicados durante os anos de 2005 a 2009, onde prevaleceu a abordagem da violência psicológica, sendo seguida da negligência. Os autores explicitam a subnotificação dos casos de violência que acontecem no ambiente familiar e chamam a atenção para a importância de conscientizar a sociedade civil, em especial, as gerações mais jovens, no intuito de diminuir os preconceitos que existem em relação à velhice.

Minayo esteve envolvida em outro estudo bibliográfico disponibilizado na base Periódicos Capes. Minayo, Souza e Paula (2010) realizaram revisão sistemática sobre causas externas e violências contra a pessoa idosa a partir da análise da produção acadêmica nacional entre os anos de 2000 e 2009, a qual abarcou 115 documentos. Entre eles estavam capítulos de livros, manuais, artigos, planos de ação, entre outros. Conforme outros estudos bibliográficos apontam, identificaram um aumento da produção de materiais sobre o tema nos últimos anos, destacando o aprimoramento metodológico em diferentes áreas na realização das pesquisas, sendo além das ciências ligadas à saúde e serviço social, também avanços identificados no campo jurídico. Todavia, merece atenção especial a ínfima quantidade de publicações que aborda questões como acidentes de trânsito, homicídios, suicídios, mortes por asfixia ou afogamentos.

De 2003 até junho de 2014, apenas em 2004 não foi encontrado artigo específico sobre o tema. Nos demais anos, percebe-se um interesse pelo assunto, ficando em destaque o ano de 2010, onde 19 artigos versavam sobre a violência contra velhos.

Além de pesquisas bibliográficas, outros estudos merecem a atenção. Pesquisando as representações sociais, especificamente sobre a violência contra idosos, Araújo, Cruz e Rocha (2013), realizaram estudo comparativo no Piauí com 50 profissionais de saúde e 50 agentes comunitários da área. O estudo constatou que ambos os profissionais tinham visualizado casos de violência contra velhos e que sustentaram suas representações sociais através da ancoragem em situações de negligência, abuso e maus-tratos. O artigo aborda a necessidade de ações que efetivamente preparem os profissionais a enfrentarem as situações de violência, a fim de que saibam elaborar, de maneira correta, os formulários de notificação, recebendo qualificação para manejarem adequadamente suas práticas quando suspeita ou constatação de situações de violência.

Tendo como pano de fundo também as representações sociais, Saraiva e Coutinho (2012) pesquisaram nos jornais Folha de São Paulo e O Norte, dos estados de São Paulo e da Paraíba respectivamente, as representações sociais da violência e dos maus-tratos em relação aos velhos. Encontraram abordagens distintas, sendo no jornal paraibano empregado um discurso que remetia às questões de direitos e de políticas públicas. Na Folha de São Paulo, o foco estava mais relacionado à violência direta, colocando o idoso como vítima e o agressor como foco policial, não abrindo espaços para maiores discussões frente à complexidade da temática.

Durante estes últimos anos, outros autores tiveram a mídia como ponto de partida, uma vez que é sabido que a forma como a mídia explora o tema tem impacto poderoso no processo de subjetivação, transformando a maneira das pessoas se perceberem e agirem em sociedade. Souza (2009) desenvolveu sua pesquisa de mestrado através da análise das páginas policiais de jornais pernambucanos dos anos de 2005 e 2006. Destaca-se, como diferenciado em seu estudo, o olhar para o idoso enquanto agente da agressão. Os números evidenciam maior prevalência de notícias que dão visibilidade para o idoso vítima, mas cerca de 22% das notícias encontradas colocam o velho como agressor, o que tira deste último, o estereótipo de eterna bondade.

Entrevistando diretamente idosos, Wanderbroocke e Moré (2012) pesquisaram como eles significam a violência familiar, tendo como ponto de partida o contexto da atenção primária. Os dados revelaram que, para os idosos, a violência está relacionada ao comportamento dos familiares, sendo, os principais, aqueles relacionados à falta de respeito

por parte dos netos, privação de autonomia, abandono ou negligência. As demais formas de violência não foram explicitadas pelos entrevistados, como hipotetizado pelos autores, pelas outras formas de violência acontecerem apenas em idosos fragilizados, condição na qual os entrevistados não se reconheciam.

Motta (2010) apresenta para a discussão da violência contra os velhos o conceito de gerações, por acreditar ser um conceito intimamente ligado às problematizações do tema. Considera geração como a representação da “posição e atuação do indivíduo em seu grupo e/ou de socialização no tempo” (p.226), e procura discutir as relações de poder entre as diferentes gerações como possível causa da violência. Após significativa revisão de literatura, Motta propõe-se a fazer um estudo exploratório, não sistemático, do noticiário da imprensa soteropolitana. Identificou 84 casos envolvendo violência contra idosos no período de 2001 a 2008, o que mostra o quanto somente os casos mais terríveis ganham visibilidade. Segundo a autora, com a instalação da Delegacia Especial de Atendimento ao Idoso (Deati/Ba), apenas em 2006, foram 70 denúncias, após quase dois meses de funcionamento da Delegacia, eram 639 ocorrências, sendo 4.508 em setembro de 2008. Através da análise dos noticiários, pôde identificar que a idade dos agredidos ficava na faixa dos 60 aos 100 anos, sendo dos agressores, a grande maioria na casa dos 18 a 30 anos. O estudo de Motta faz alusão a outros autores de referência na área, como Faleiros (2009) e Garrido (2004), para enaltecer a importância de incluir os aspectos geracionais nas investigações, uma vez que filhos e netos são, frequentemente, as pessoas identificadas como as agressoras.

Buscando ouvir diretamente os idosos niteroienses (Rio de Janeiro), Apratto Júnior (2010) entrevistou 343 pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, sendo estes escolhidos aleatoriamente. O estudo investigou a dimensão e as características da violência domiciliar contra idosos através do emprego de diferentes instrumentos, tais como: Escala Tática de Conflitos, Miniexame do Estado Mental, *Health Assessment Questionnaire*, *Cut-down/ Annoyed; Guilty&Eye-opener* (CAGE) e *Tolerance Worry Eye-opener Annoyed Cut-down* (TWEAK). Os resultados revelaram que, os idosos mais novos, os que tinham maiores índices de escolaridade e os que apresentavam doenças como depressão, dificuldade de controle esfinteriano, diabetes e/ou reumatismo, bem como os velhos que moravam com muitas pessoas, foram os que tiveram maior prevalência de situações violentas identificadas. Chama a atenção neste estudo a relação identificada pelo autor quanto à escolaridade e violência, encontrando em níveis educacionais mais elevados, incidência mais significativa. O autor também destaca a relação entre consumo de álcool e violência contra os velhos, concluindo que, como outros tantos estudos, há a necessidade de

conscientização da sociedade sobre a importância de criar e viabilizar ações que coíbam a violência contra os velhos, bem como maior qualificação dos profissionais da saúde para trabalharem preventivamente e agirem de forma adequada quando da suspeita e/ou identificação da violência.

Através da pesquisa nesta base, ficou evidente que a preocupação com o tema não é exclusiva dos países em desenvolvimento. Dias (2005) chama a atenção para o desafio de envelhecer em países desenvolvidos, como é o caso de Portugal. Através de um breve percurso sobre a história da velhice, escreve que não é privilégio das sociedades industrializadas a existência de relações violentas para com os velhos. Destaca que o reconhecimento dos maus tratos em relação aos velhos só ocorreu entre o final da década de 70 e início da década de 80, sendo o reconhecimento dos maus tratos em relação às velhas ainda posterior. Segundo a autora, pouco se produziu até o momento sobre dados concretos abordando esta temática, mas diz que em estudos realizados na Austrália, Canadá, Inglaterra e Irlanda do Norte indicam que de 3 a 10% dos velhos sofrem maus tratos. Aponta como fatores de risco para a ocorrência de tais ações “as dinâmicas intra-individuais, a transmissão intergeracional da violência, os níveis de dependência entre os idosos e os seus cuidadores, o *stress* externo, o isolamento social” (DIAS, 2005: p.265). Dias (2005), nas suas considerações finais, sinaliza o aumento da dependência dos velhos como fator importante para o surgimento ou agravamento das situações de violência. Sugere que o cumprimento de leis contra os agressores é uma estratégia para reduzir a quantidade de crimes contra os velhos. No entanto, também afirma que a conscientização dos idosos quanto aos cuidados com a sua saúde e a ciência em relação aos seus direitos podem ser ações protetivas. A autora encerra fazendo uma crítica às estratégias de enfrentamento portuguesas, pois foi apenas no Plano Nacional contra a Violência Doméstica que se fez alusão à violência cometida por familiares contra idosos, tendo muito ainda a avançar.

Outra base de publicações pesquisada para ampliar o conhecimento sobre a temática aqui estudada foi o portal de pesquisas da Biblioteca Virtual de Saúde – BVS. Conforme critério utilizado para a pesquisa junto à base Periódico Capes, para esta base o período foi o mesmo, sendo realizada a busca durante o primeiro semestre de 2014, sem data inicial como critério de exclusão. Neste segundo levantamento, usando a mesma expressão como descritor, ou seja, “violência contra idosos”, foram identificados 109 textos. Dentre os encontrados, 26 não contemplavam o foco deste estudo, resultando em 82 artigos estudados. Outro artigo foi descartado, pois estava em duplicidade, uma vez que foi publicado em dois idiomas, mas com o mesmo conteúdo. Alguns artigos encontrados na BVS também estão presentes na base Periódicos CAPES, sendo o ano com maior número

de publicações o mesmo: 2010. Entretanto, nesta base de pesquisa, a data de início das publicações é mais precoce, tendo sido identificado um artigo de 1987, chamado “Os avós maltratados” (LOUZĂ, LOUZĂ NETO e COHEN, 1987). Os autores chamavam a atenção para a violência contra idosos como sendo uma novidade, onde escreviam que muito já havia se discutido sobre a violência contra crianças e mulheres, e viam como possibilidade de prevenção dos maus tratos contra velhos, a participação da comunidade de maneira integral, a criação de programas que servissem para orientar não apenas aos idosos, mas as famílias de maneira geral, no intuito de uma melhor adaptação com as transformações inclusive físicas, advindas com o avançar da idade. O chamamento feito por eles há quase 30 anos parece não ter reverberado naquela ocasião, pois há um hiato nas publicações sobre o tema de 10 anos. Apenas em 1997 (QUEIROZ, 1997), novo texto é publicado, quando Queiroz discute a violência como uma questão social. Para tal, busca na literatura americana alguns pontos de sustentação e chama a atenção para os desafios que se enfrentam diante desta situação. Foi apenas a partir do ano de 2002 que as publicações sobre violência contra idosos ganham regularidade nesta base de dados. Desde então, na BVS é possível identificar textos específicos sobre a violência contra idosos em todos os anos. Como temas predominantes na BVS, são encontrados materiais discutindo a agressão contra idosos na ótica da violência doméstica, pesquisas que buscam, através dos serviços de atendimento ao idoso agredido na área da saúde, compreender melhor esta realidade, bem como revisões de literatura. Chama a atenção que 8 dos artigos encontrados revisitam o que já foi escrito, como o texto de Castro, Sousa e Marcondes (2013), que analisam os periódicos nacionais indexados durante um período de 5 anos, e explicitam que em 43,75% dos materiais analisados, são abordadas políticas protetivas aos idosos. Oliveira, Leite, Monteiro e Pavarini (2012) propuseram-se a estudar a violência física contra os velhos tendo como recorte o período posterior à aprovação do Estatuto do Idoso. Para a análise, encontraram seis artigos, através dos quais concluíram que, na maioria das vezes, o idoso é agredido em casa, por familiares, sendo o Estatuto um instrumento de conscientização em relação à violência que veio a explicitar junto às unidades de saúde, bem como às famílias tal violação. Como em outros textos encontrados, os autores sinalizam a dificuldade em localizar dados confiáveis para sustentar suas colocações. Destacam que, mesmo a mídia abordando o tema, o conhecimento científico na área precisa avançar muito.

Nesta linha de pesquisa bibliográfica, Sousa et al. (2010) também realizaram pesquisa, onde propõem uma atualização em relação aos estudos brasileiros, pois acreditam que, com a disseminação de informações, é possível alterar a realidade da violência. Entretanto, ao longo do texto, deixam clara a dificuldade em encontrar dados

epidemiológicos que dêem sustentação segura para o tema, pois muitos estão desatualizados, como também a escassez de olhares diferenciados para a violência contra os velhos. Desta forma, o estudo produzido por eles, mais do que apresentar dados, concluiu que faltam estudos atualizados e ampliados para que ações efetivas possam encontrar respaldo teórico.

Contrariando parcialmente as colocações de Souza et al. (2010), o levantamento feito para esta tese mostra que muito já se publicou e se continua publicando sobre o assunto. É possível encontrar muitos artigos abordando diferentes temas sobre a violência contra idosos, como a exploração pela mídia (SARAIVA e COUTINHO, 2012b), no qual os autores explicitam o quanto a mídia reforça as instâncias governamentais e acadêmicas, fragilizando ainda mais os idosos. Textos sobre a visão dos cuidadores em relação aos fatores de risco da violência doméstica (MEIRE, GONÇALVES, XAVIER, 2007) também foram encontrados. Ao entrevistarem seis cuidadores familiares, três grandes áreas se destacaram, sendo o estresse, a dependência e o isolamento social. As atividades rotineiras, a evolução do quadro clínico do idoso para situações de dependência cada vez maior, bem como, a vida do cuidador ficar basicamente restrita aos domínios da residência, podem vir a originar atos violentos. Também encontrou-se estudos sobre a violência contra idosos institucionalizados a partir do referencial de Bronfenbrenner. Porto e Koller (2008), ao entrevistarem os idosos, identificaram que eles percebiam a ocorrência de maus-tratos na instituição, destacando as agressões verbais, negligência, violência econômica e, em alguns casos, a ocorrência da violência física.

Gonçalves et al. (2014), ao entrevistarem profissionais da saúde, identificaram que a percepção destes sobre a violência doméstica ficou mais associadas às práticas de violência física e psicológica, não tendo relevância significativa outros tipos de violência, como a econômica. Acreditam que os conteúdos das capacitações, bem como questões ligadas ao contexto podem fazer com que profissionais de outras regiões tenham percepções distintas sobre o tema. O texto destaca ainda a importância dos agentes comunitários de saúde como profissionais fundamentais para a identificação de práticas de violência, por estarem diretamente ligados às famílias da comunidade.

A presença da violência atravessa todos estes textos. É entendida como algo que traz danos intensos a todos os envolvidos, tendo diferentes causas e sendo apontadas diferentes ações para diminuí-la, as quais variam de acordo com o campo de conhecimento dos autores dos textos. Todavia, nenhum dos textos localizados nestas importantes bases de pesquisa abordou a violência contra idosos do ponto de vista do agressor. Há textos (GARCIA; COMIM; ROSA; XAVIER e QUEVEDO, 2009) que identificam o perfil destas

peessoas, sendo em geral filhos homens, com idade média de por volta dos 40 anos, sem profissão definida e baixa escolaridade, pessoas que, frequentemente, ingerem álcool e/ou apresentam episódios depressivos. Contudo, nada sobre a história de vida de quem agride, a partir da visão delas, foi encontrado. Constatação que reforça a importância da presente pesquisa no intuito de discutir de maneira inédita a temática da violência.

3.2 Entendendo a violência a partir de diferentes perspectivas.

Em um país como o Brasil, tradicionalmente conhecido pela abissal desigualdade social e econômica entre as pessoas, a violência passou a fazer parte do cotidiano de todos. Assassinatos, brigas, roubos, furtos, enfim, parece que muito pouco pode ser feito para lidar com esta problemática. Em geral, cerca-se casas, contrata-se empresas de segurança privada, instala-se sistemas de monitoramento de movimentação, compra-se seguros de todos os tipos, blinda-se os carros, na tentativa de estar protegidos de algo que nem sabemos bem o que é. Esta suposta naturalização da violência é contraposta quando deparamo-nos com a quantidade de pesquisas que estão sendo desenvolvidas, a fim de compreender este fenômeno e, quem sabe, encontrar novos caminhos possíveis. Estudar a violência é objeto de interesse de diferentes áreas de conhecimento, como a Psicologia, Sociologia, Antropologia, Educação, entre outras. São distintas as lentes empregadas para analisar o tema em questão, no entanto, todas comungam dos prejuízos causados por ações violentas. Nesta tese, algumas destas lentes serão utilizadas.

Na Psicologia, há vários campos que estudam esta temática, estando a violência, por vezes, intimamente ligada à agressão. Esta última é entendida como ações ou comportamentos praticados por alguém que têm o objetivo claro de prejudicar o outro e que, este outro, deseja evitar (MICHENER, DeLANATER e NYERS, 2005). Na Psicanálise, por exemplo, encontramos em Freud (1930) os apontamentos feitos sobre o instinto de morte, que seria uma vontade inata de destruir, presente em todos os sujeitos visto que faria parte da herança genética. Este instinto possuidor de uma energia muito potente precisaria ser liberado na forma de hetero ou autoagressão. Alternativas saudáveis para expelir esta energia sem prejudicar a ninguém seriam, por exemplo, através do investimento em práticas esportivas ou profissionais que possibilitam este alívio. Nesta corrente psicanalítica, Fromm (1941) acredita que o extravasamento deste instinto pode ter um caráter saudável ou patológico, sendo o primeiro, ligado à conservação da espécie. Já no nível patológico, estariam vinculados a atos compensatórios. Para Fromm, a capacidade das pessoas agirem

de forma destrutiva está intimamente ligada à incapacidade de terem uma vida plena. Acredita que o cerceamento da vida seria um dispositivo poderoso para que a pessoa passasse a ter vontade de agir destrutivamente. Aqui é possível fazer uma aproximação com o campo da Psicologia Social.

Michener, DeLanater e Nyers (2005) citam Dollard et al., pois trazem que, no final da década de 30 do século passado, estabeleceram relação entre a intensidade das frustrações e os atos agressivos. Acreditavam que toda forma de agressão era precedida de algum tipo de frustração. Afirmaram que quanto mais elevado o nível de imposição ou arbitrariedade da frustração, mais intensa seria a agressão. Fica claro nesta perspectiva teórica que a agressão seria uma resposta do sujeito quanto ao significado atribuído à dinâmica de suas relações.

Avançando nos escritos de Michener, DeLanater e Nyers (2005), Berkowitz (1989), acredita que a presença de estímulos emocionais aversivos podem dar origem a comportamentos agressivos. Estes estimulariam um afeto hostil o qual os sujeitos tentariam dirimir ou eliminar. Para ele, a agressão advinda deste tipo de afeto passa a ser denominada de agressão afetiva, podendo ser, inclusive, instrumental. Esta última é a agressão que se volta para a realização de algum outro objetivo, tendo como fim a obtenção de dinheiro, *status* social, ou território, não especificamente, fazer o mal para alguém.

Nas perspectivas psicológicas para a compreensão da violência, também tem que ser mencionadas as teorias que buscam compreender as formas de aprendizagem social. Nos estudos comportamentalistas, os quais serviram de base para estas perspectivas, Skinner (1976) e, posteriormente, Bandura (1977) foram autores que afirmaram que o comportamento pode ser moldado e é adquirido a partir da imitação e dos reforços que são dados quando o comportamento ocorre. Neste sentido, Melman *et al.* (2010) afirmam que há uma tendência dos comportamentos violentos se repetirem na sociedade, tanto nos espaços públicos, como privados, transcendendo gerações.

Rodrigues (2007), em importante revisão sobre temas gerais da Psicologia Social, visando apresentá-la a iniciantes no campo, afirma que a etiologia do comportamento agressivo tem causas diversas, entre as quais estão as psicológicas, as neurológicas, as sociológicas, entre outras. Dá ênfase ao processo de aprendizagem e aos estímulos situacionais, atribuindo relevante importância para a educação transmitida pelos pais para a formação de uma personalidade mais agressiva, sendo os demais estímulos externos dispositivos desencadeadores de comportamentos agressivos. Neste sentido, o processo de socialização se destaca, uma vez que a família é a principal agente deste (MICHENER,

DeLANATER e NYERS, 2005). Por ser um agente poderoso que pode contribuir para o desenvolvimento de comportamentos saudáveis ou violentos, Muszkat (2001) escreve que há famílias sem condições para entender seus conflitos, passando a violência para as gerações descendentes como uma espécie de herança. Esta situação, em geral, necessita de auxílio externo para que os seus integrantes consigam quebrar o comportamento repetitivo.

Outra lente que podemos utilizar para analisar a violência é a proposta por autores do campo da Sociologia e da Antropologia. Na Sociologia, Muchembled (2012), fazendo alusão à Idade Média, afirma que os homens eram educados em uma “cultura da violência”. Esta educação visava garantir a virilidade destes, relegando as mulheres a um lugar de fragilidade e submissão, o que auxilia na compreensão da prática da violência ser associada ao universo masculino ainda hoje. Entretanto, com a chegada ao século das Luzes, através das atitudes adotadas pelas autoridades da época, incluindo as religiosas, as ações violentas perdem parte do seu *status*. Mais recentemente, percebe-se que as pessoas que cometem crimes fatais são homens, jovens, com baixa escolaridade e proveniente de classes econômicas desfavorecidas, o que indica uma grande influência do meio no comportamento das pessoas, onde o autor sugere que estes jovens teriam menos a perder do que as pessoas de classes econômicas mais favorecidas e com maior prestígio social. A partir deste viés apresentado por Muchembled (2012), fica frágil sustentar a ideia de que a violência é exclusivamente inata, pois acrescenta que, através da educação, associado à moral e às forças ambientais, a violência pode ser, inclusive, erradicada.

Como é possível perceber, compreender a violência nas sociedades humanas é um desafio complexo. Peralva (2001) acrescenta à complexidade a quase impossibilidade de equacioná-la, buscando em Durkheim o conceito de anomia para ajudá-la a entender, o que significaria uma perda na capacidade de manter um equilíbrio interno, uma incapacidade para manter um funcionamento harmônico. Durkheim (2000) empregou este conceito em sua obra sobre o suicídio, na qual explicitou a influência de fatores sociais na dinâmica das pessoas. Minayo (2006) também utiliza a expressão “complexa” para se referir à violência. Para ela, tal complexidade advém da violência ser múltipla, geralmente estando a serviço da busca pelo poder, de possuir o que o outro tem, ou mesmo, para possuir o outro. Para a autora, também se deve considerar a sociedade e o momento histórico onde a ação, ou ações violentas estão acontecendo. Este cuidado é fundamental para compreender o que faz determinado ato ser lícito ou não, ser considerado violento ou uma prática corriqueira. Neste sentido, o sociólogo Norbert Elias (2011) sinaliza como e quanto os costumes vão sendo transformados ao longo da história. Ele é claro ao defender a posição de nos

comportamos a partir de formas de condicionamento e/ou adestramento, não sendo nossos atos uma simples expressão da natureza humana. Acredita que as pessoas possuem diferentes instintos, inclusive relacionados à agressividade, todavia, deve-se ter presente que existe uma estrutura emocional indivisível que constitui os sujeitos, não sendo um instinto independente, ou mais importante do que outro. Neste sentido, escreve:

... a agressividade (...) não é uma espécie separada de pulsão. No máximo, só poderemos falar em “pulsão agressiva” se permanecermos conscientes de que ela se refere a uma função pulsional particular dentro da totalidade de um organismo, e de que mudanças nessa função indicam mudanças na estrutura da personalidade como um todo (ELIAS, 2011, p.182).

Analisando o processo de civilização, com foco na Idade Média, Elias (2011) aponta para as transformações que foram ocorrendo na forma das pessoas se comportarem na sociedade através da aprendizagem de novos costumes. Os instintos vão sendo condicionados, e a agressividade passa a ganhar ares mais refinados, restando à violência direta e descontrolada, o espaço dos sonhos e das artes para ela transbordar.

Elias e Scotson (2000) acreditam que quando é atribuído a um grupo imagens ou reputações negativas, o mesmo tende a corresponder às expectativas que foram lançadas sobre eles, corroborando a ideia original que os estabelecidos criaram. Em pesquisa realizada na comunidade nomeada por eles de Winston Parva, estes autores fazem uma análise profunda da dinâmica das vidas dos grupos. Destacam a presença de dois grupos distintos: os estabelecidos e os *outsiders*. Os primeiros são os moradores que estão naquele lugar há mais tempo e servem de referência positiva, de modelo moral para toda a comunidade. Os *outsiders* por sua vez, passam a ser as pessoas marginais, ocupando um lugar de subordinação nas relações de poder que se criam através de estratégias, por vezes sutis, mas sempre eficientes, de marcar estes dois lugares: detentores de poder e *outsiders*.

Os escritos de Elias (2011) iluminam para um olhar mais crítico em relação às formas como a sociedade atual se relaciona com os velhos e apontam para outra possível compreensão do fenômeno da violência contra idosos. Elias e Scotson (2000) explicitam o quanto algumas relações polarizadas empregam a violência para garantir a manutenção da superioridade de um dos lados. Exemplificam, com as relações raciais e de gênero em parte dos Estados Unidos, a conturbada dinâmica vivenciada por alemães e judeus antes da Segunda Grande Guerra, mas não reduzem apenas a estas situações, o que permite, aos seus leitores, usar sua teoria para compreender situações semelhantes.

No atual momento histórico, que tem na juventude um valor (MEDEIROS, 2004), que enaltece o efêmero e busca encontrar a felicidade/realização na beleza atribuída ao corpo jovem e a um modo de vida individualista (NOVO e LOPES, 2010), os velhos passam a

assumir o lugar de *outsiders*. A aparência física da velhice é facilmente reconhecida. Mercadante e Berzins (2010) afirmam que o corpo ganha um lugar de destaque na velhice, carregado de aspectos negativos que são atribuídos através do olhar dos outros. Por vezes, este corpo acaba sendo um elemento estranho, onde o sujeito tem dificuldade de integrar a imagem que vê, aos sentimentos que possui (RAMOS, 2009). Segundo Beauvoir (1990), as transformações físicas permitem atribuir idade às pessoas com certa precisão. Sinais como o embranquecer e a escassez dos cabelos, surgimento de pêlos em regiões incomuns, como no queixo das mulheres e ao redor das orelhas masculinas, queda de dentes, aparecimento de rugas, alongamento do nariz e das orelhas, entre outros sinais físicos, exibem que o tempo está passando. Esta explicitação involuntária de características que constituem os sujeitos serve como reforçador, sendo as pessoas pertencentes aos *outsiders* mais facilmente reconhecidas (ELIAS & SCOTSON, 2000). Neste sentido, os autores estabelecem relação entre os diferentes preconceitos tão presentes nas sociedades. Acreditam que, enquanto estão sendo discutidas questões de raça, por exemplo, desviam-se os olhares para os aspectos fundantes deste preconceito: relações de poder e impactos da exclusão. Elias e Scotson (2000) afirmam que independente de raça, sexo, tempo de permanência em um local, como é o caso da pesquisa desenvolvida em Winston Parva, o que fica em relevo é que pessoas passam a pertencer, ou a ter direito de pertencer a um grupo onde são detentores de um poder que lhes outorga lugar de prestígio na sociedade em que estão inseridos. A dinâmica que se coloca entre os estabelecidos e os *outsiders* é fonte de tensão. Esta pode ficar latente ou, quando existe possibilidade de alternância da posse do poder entre os grupos, ser identificada por conflitos constantes. Os conflitos para Michener, DeLamater e Myers (2005) são entendidos como circunstâncias envolvendo pelo menos duas partes distintas que objetivam ter o controle de algo valorizado por eles, neste caso, o poder.

Na tentativa de avançar na compreensão da dinâmica existente entre os grupos, Elias e Scotson (2000) buscam em Marx possíveis pistas que podem servir como um começo de caminho a ser percorrido. É sabido que o grupo que detém o poder tem vantagens por tal feito, que podem ser econômicas ou materiais, como proposto por Marx. No entanto, no caso de Winstons Parva, não era apenas isso que estava sendo fonte de tensão e conflito entre os dois grupos. É inegável que questões econômicas e materiais são importantes, mas, Marx centralizou os objetivos econômicos nas lutas dos grupos. Quando diante de grupos que estão expostos a condições extremas de miséria, as questões econômicas que garantem a sobrevivência ficam em destaque, por vezes, aproximando as pessoas do mundo dos animais irracionais. Todavia, Elias e Scotson (2000) chamam a atenção para outro aspecto crucial nesta relação de poder, a estigmatização. Segundo eles,

esta é uma espécie de criação coletiva de imagem pelo grupo dominador, a qual perpassa qualquer barreira física, ou até mesmo mudança na condição das pessoas, uma vez que, sendo possuidoras de determinado estigma, estão fadadas a serem tratadas como *outsiders*.

Estas questões são extremamente complexas e exigem um debruçar mais profundo. Neste momento, para avançar no raciocínio de Elias e Scotson (2000), onde apresentam a ideia anteriormente explorada de uma sociedade organizada através de grupos de estabelecidos e *outsiders*, uma imersão pelos escritos de Michel Foucault passa a ser fundamental na tentativa de refletir sobre o processo de exclusão.

A obra foucaultiana oferece subsídios que permitem discutir a articulação entre o saber e o poder, tendo a força de provocar a reflexão sobre como devemos nos questionar, mais do que dar respostas. O conceito de poder tem importância central nos seus pensamentos, entendendo-o como *um lugar estratégico* (FOUCAULT, 1992, 2000, 2012) onde as relações estabelecidas entre o saber e o poder se encontram. Todavia, devemos ter sempre presente que o foco dos seus escritos nunca foi o poder, o saber, ou os dispositivos de controle. Seu foco sempre foi o sujeito.

Ao longo de sua obra, Foucault discute de forma magistral a presença das relações de poder na sociedade e a estreita ligação destas com os processos de exclusão. Como podemos pensar os sistemas de exclusão hoje? Este é um questionamento completamente alicerçado nos princípios do autor e que é fundamental para a compreensão do tema desta tese. Eisirik (2005), revisitando toda a obra de Foucault propõe que, atualmente, questionarmos sobre os sistemas de exclusões e inclusões é desafiador considerando que estamos inseridos em uma sociedade que quer manter longe dos olhos e ouvidos aquilo que incomoda, uma sociedade que silencia o desagradável aos seus sentidos, por vezes, silenciando os sujeitos.

O sujeito sempre é compreendido de forma contextualizada e em transformação por Foucault. Para ele, a verdade e o poder não existem separadamente. Acredita que a verdade é uma construção, datada e com interesses que a forjam, fazendo parte de uma relação circular, onde é produzida e sustentada por sistemas de poder, o que faz com que cada sociedade tenha seus sistemas de verdade e seus mecanismos de exclusão (FOUCAULT, 1987). A exclusão ocorre na busca de uma normalização da sociedade. É um processo muito mais cultural do que social. O uso da palavra *processo* explicita o fato da exclusão não ser um evento inesperado, mas que vai se desenvolvendo ao longo da história de cada sociedade. Quem não corresponde ao padrão determinado, ao normal como

Foucault escreve, é considerado louco, desviante, e, imediatamente, a sociedade encontra dispositivos para afastar dos seus olhos tal situação. As formas de exclusão são nomeadas pelo autor como *sistemas de exclusão*. Ele distingue quatro grandes formas, como as relacionadas à exclusão do trabalho; à marginalização em relação à família e à reprodução da sociedade; à exclusão dos discursos e em relação ao jogo. Esta última se refere ao completo banimento dos sujeitos da sociedade. São engendradas através de normas, instituições, discursos, saberes, dispositivos que, muitas vezes, atravessam nossas vidas de modo sutil.

Neste sentido, as tramas sociais vão sendo tecidas de maneira que cada sujeito tenha um lugar próprio, e cada lugar, um sujeito. Esta tessitura foi denominada por Foucault de inclusão pela exclusão. Justamente por não pertencer a algum lugar, este sujeito passa a ser incluído em outro. Aqui se começa a estabelecer uma relação mais íntima com os escritos de Elias e Scotson. O lugar de *outsiders* passa a ser ocupado no momento em que não interessa mais para esta sociedade que os velhos fiquem no lugar de estabelecidos. A velhice é incômoda na sociedade atual e precisa ser distanciada, pois, muitas pessoas não conseguem tolerar a decrepitude e a finitude que acena, mas que é mostrada através dos velhos com os quais se convive. Também é uma realidade que não interessa ao sistema capitalista vigente, onde o envelhecimento deve ser evitado e condenado, a fim de manter muito lucrativa à indústria que se beneficia com a venda da “juventude eterna”. Através desta busca, os corpos passam a ser controlados. Há um corpo padrão, há uma forma de se vestir, se comportar para se manter inserido no cerne de uma sociedade. Para tal, ganha destaque o poder disciplinador, capaz de produzir corpos dóceis. Corpos que se adequam às necessidades da sociedade. Importante destacar que estas adequações só acontecem porque os sujeitos que estão sendo “domesticados” aceitam participar do jogo. E, neste jogo, o poder está presente, uma vez que Foucault (1977) afirmava que ele está em todo o lugar onde há relações, dando a possibilidade de resistência a todos. O poder só existe na relação, e na relação entre sujeitos livres, entendendo por sujeitos livres “sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidades em que diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer” (FOUCAULT, 2010, p.289). Assim, acrescenta que o poder apenas estará presente quando houver a possibilidade de deslocamento, quando as relações ainda não estiverem saturadas. É analisado como uma relação de forças, sendo então, algozes e vítimas, forças ativas e intensas nesses jogos de poder. É no tensionamento entre estes dois universos que as relações de poder se estabelecem.

Ciente deste entendimento foucaultiano de poder, é possível avançar nas ideias de Elias e Scotson (2000) que outorgam o poder a um grupo dominante. Se o poder não está em um lugar, em uma pessoa ou grupo, o quanto os *outsiders* também são responsáveis pelos lugares que ocupam? Estar ciente disso faz com que nos questionemos sobre a existência de um algoz e de uma vítima nesses jogos que parecem ter vilão e mocinho. E se houver, por que eles estão ocupando estes lugares neste momento? Foucault é provocativo ao dizer que nestes jogos de poder, sempre algo vai escorregar, sempre haverá a possibilidade de insubordinação em algum espaço desta relação, o que permite a reversibilidade do desfecho do jogo. Para ele, nenhuma relação está determinada, pois carregam a potencialidade de serem revertidas. Esta possibilidade de reversibilidade talvez seja o que tensiona as relações e dê origem a diferentes formas de se comportar na sociedade, abrindo um caminho possível para ampliarmos as discussões referentes às práticas violentas em relação aos sujeitos, ou seria melhor dizer, entre os sujeitos?

Escrevendo sobre poder, Foucault (2012) discutiu o tema da violência diferenciando-os. Para ele, a relação de poder é uma forma de ação sobre ação, sobre ações possíveis, ao passo que as relações de violência são ações que agem sobre corpos, impedindo qualquer possibilidade de reação, restando a passividade como consequência. É claro que, em muitas relações de poder, a violência se faz presente, no entanto, o poder não é a violência. Fato que potencializa estas relações, necessitando que se criem estratégias para manter, ou instaurar dispositivos de poder, sendo denominadas por Foucault (2012) de “estratégias do poder”. A luz do emprego destas estratégias, a resistência também se coloca, podendo fazer com que as relações de poder passem a ser um “confronto entre adversários”. Estes confrontos acabam abrindo espaços para que novos mecanismos de poder passem a operar, por vezes, originando a dominação, conceito que o autor o descreve como sendo a “estrutura global do poder”. Foucault acredita que a compreensão da dominação de um grupo deva ser entendida como um fenômeno central da história da sociedade, uma vez que pode ser um ponto de condensação entre as “relações de poder com as relações estratégicas e seus efeitos de interação recíproca” (2012, p.295). Neste sentido, Teles (2011) chama a atenção para a importância da desnaturalização dos comportamentos violentos, por considerar a violência como um processo educativo e disciplinador. Nesta concepção, as pessoas aprendem a violência como uma maneira de se relacionar, onde, dependendo do papel que desempenham, ou do cenário onde estão, assumem o lugar de vítima ou de agressor. Para ela, como são comportamentos muito introjetados, as próprias vítimas passam a defender seus agressores, o que acaba sendo um complicador quando são buscadas estratégias para minimizar/solucionar estas situações.

3.3 Estratégias para lidar com a violência

Diante da complexidade que toca à violência contra pessoas velhas, algumas tentativas para minimizar seu impacto estão sendo apresentadas no Brasil. Chama a atenção que, na sua grande maioria, são ações reativas; após a violência ser constatada, busca-se dar conta das consequências mais visíveis, mas pouco, ou nada tem sido feito preventivamente. Constatação instigante, pois não é de hoje que se propõe a realização de práticas preventivas. Em 1982, quando da primeira Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, ocorrida na Áustria, foi aprovado um documento denominado Plano de Ação Internacional de Viena. Nele já continham orientações para ações (e a intenção de ser ações estava contemplada no título do documento) que buscassem dar conta das necessidades dos velhos nos diferentes países. O objetivo principal daquela Assembleia foi o de

... fortalecer a capacidade dos países para abordar de maneira efetiva o envelhecimento de sua população e atender às preocupações e necessidades especiais das pessoas de mais idade, e fomentar uma resposta internacional adequada aos problemas do envelhecimento com medidas para o estabelecimento da nova ordem econômica internacional e o aumento das atividades internacionais de cooperação técnica, em particular entre os próprios países em desenvolvimento (ONU. Plano de Ação Internacional de Viena sobre o Envelhecimento, 1982).

Vinte anos após, em Madrid, na Espanha, houve uma revisão buscando atualizar o Plano de Ação proposto em Viena, pois, constatou-se que novas questões estavam postas e precisavam de olhares mais atentos e ações mais efetivas. Na ocasião, um conceito ganhou destaque, sendo ele o de envelhecimento ativo, que é entendido como “o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (OMS, 2005). Este conceito tem como pilares a saúde, a aprendizagem ao longo da vida, participação e segurança/proteção, por acreditar que apenas com a inter-relação destes campos é que o sujeito consegue uma vida com qualidade/dignidade até o final dos seus dias. A escolha da denominação não foi ao acaso. Com o nome "envelhecimento ativo", objetivou-se marcar um envolvimento dos velhos nos diferentes espaços, incluindo as esferas sociais, cívicas, econômicas, espirituais, culturais, além das questões físicas (Centro Internacional de Longevidade Brasil, 2015).

No Brasil, o Estatuto do Idoso garante (formalmente) uma série de direitos aos velhos. Este foi criado em 2003, um ano após a Assembleia de Madrid, onde apresenta um resgate de todos os direitos já garantidos aos idosos em outras leis nacionais (Constituição Nacional de 1988, a Lei Nº 8.842, de 4 de Janeiro de 1994, que trata da Política Nacional do Idoso, e a Portaria 1395/GM, de 10 de Dezembro de 1999, sobre a Política de Saúde do

Idoso), acrescidas de penas para quem comete crimes contra idosos. Esta inclusão dá visibilidade inquestionável à violência contra idosos, não apenas à violência praticada diretamente contra eles, mas também, a violência praticada pelo Estado, onde necessita explicitar que é crime agredir pessoas com mais de sessenta anos, inclusive com punições específicas. A inclusão destes artigos no Estatuto faz pensar que, até então, estes crimes não estavam sendo punidos como deveriam, sugerindo a prática de outro ato de violência, desta vez, pelas instituições que deveriam defender os velhos agredidos.

Este breve retorno às Leis foi feito para reafirmar as ações reativas que são praticadas pelo Estado. Também não dá para ser tão radical e ignorar a presença de alguns artigos, no próprio Estatuto, que atenderiam a práticas preventivas, como a inclusão da temática do envelhecimento humano nos currículos escolares. Todavia, embora haja esta orientação na Lei, nada, ou quase nada é feito para garantir a inserção deste conteúdo nas disciplinas, a começar pela inexistência de capacitações para os professores saberem abordar de forma não preconceituosa a temática junto aos estudantes. A violência estrutural fica exposta frente a estas constatações.

Cruz Neto e Moreira (1999) acreditam que é a legitimação das desigualdades que inaugura a presença dos mecanismos de dominação em uma sociedade. Estes mecanismos marcam a violência explícita e a simbólica, onde práticas coercitivas colocam os dominados em um lugar sem valor direto, forçando-os a lutar por “fragmentos de um espaço de expressão”, mesmo que pela via da delinquência, e porque não, da autoagressão. Esta afirmação pode contribuir para a compreensão de atos violentos praticados pelos velhos, sendo não uma provocação, mas uma resposta a um lugar que lhes é atribuído na sociedade, o de excluídos. Neste sentido, Cruz Neto e Moreira (1999) chamam a atenção para a necessidade de, a partir de condutas reflexivas, agir considerando as necessidades pertinentes aos diferentes grupos, principalmente, os excluídos.

Uma iniciativa governamental federal concreta buscando reduzir os impactos da violência contra os velhos foi a elaboração do *Plano de Ação para Enfrentamento da Violência Contra a Pessoa Idosa*, lançado em 2005. Nele estão contidas ações que deveriam ser realizadas em um período inicial de dois anos, sendo, posteriormente, avaliadas. As ações encontram sustentação em diagnóstico situacional realizado e buscam atender a quatro “categorias de espaço socioambiental e cultural” (BRASIL, 2005, p.19), a saber: espaço cultural coletivo, público, familiar e institucional. Para dar conta das ações nos diferentes espaços, frequentemente aparece como estratégia a mobilização da sociedade através da mídia, a fim de abranger um número maior de pessoas. Contudo, até agora, nos canais de televisão aberta, nada significativo foi veiculado. Em 2014, foi lançado o *Manual*

de enfrentamento à violência contra a pessoa idosa: é possível prevenir. É necessário superar.

O primeiro Plano tem como objetivo “promover ações que levem ao cumprimento do Estatuto do Idoso (Lei nº.10.741, de 1º de outubro de 2003), que tratem do enfrentamento da exclusão social e de todas as formas de violência contra esse grupo social” (BRASIL, 2005, p.10). Com texto muito bem fundamentado, apresenta um diagnóstico, no mínimo inquietante, da realidade violenta constatada contra idosos brasileiros e propõe um conjunto de estratégias de prevenção. Entre elas, destacam-se o investimento feito nas cidades para que estas não se estruturam de forma a excluir os velhos; priorizar a garantia dos direitos dos mais velhos por parte do Estado; a presença de velhos nos espaços representativos; dar suporte às famílias que mantêm seus idosos em casa, reduzindo custos públicos e mantendo vínculos afetivos entre os membros; criar locais que sejam seguros e atrativos onde as pessoas mais velhas possam frequentar fora de suas residências, possibilitando a manutenção de uma vida social satisfatória; contribuir para a formação qualificada de técnicos e demais cuidadores para que estejam capacitados e atendem adequadamente as demandas desta parcela da população, e, por fim, prevenir ao máximo, o estabelecimento de relações de dependência, causa importante de violência contra idosos. São muitas e relevantes as ações propostas neste manual, mas algo acontece que emperra a viabilidade das mesmas, pois, mais de dois anos após o manual ter sido publicado, poucas ações efetivas na prática foram promovidas pelo Estado a partir destas diretrizes. O lançamento do Plano escancara a incompetência do Estado em garantir os direitos que estão postos em leis existentes, violentando oficialmente as pessoas que deveriam ser por ele protegidas. O segundo, lançado oito anos após (Manual de enfrentamento à violência contra a pessoa idosa), contém, já no título, palavras fazendo alusão à prevenção e superação.

Entretanto, iniciativas isoladas já estão acontecendo. Em uma Unidade Mista de Taguatinga/Distrito Federal, Vale (2010) realizou sua pesquisa de mestrado sobre mediação de conflitos em casos de violência intrafamiliar atendidos na Unidade por uma equipe multidisciplinar. Esta dissertação, através da realização de uma pesquisa-ação, traz uma proposta de intervenção junto ao núcleo onde acontece a violência, ouvindo não apenas quem foi vítima e quem foi o agressor diretamente, mas as demais pessoas que fazem parte daquele ambiente familiar. A mediação de conflitos é entendida por Vale (2010, p.19), como sendo

... uma técnica para resolução de conflitos, não jurídica, e em curto espaço de tempo, que pode ser realizada por profissionais de diversas áreas, a fim de reestruturar a situação de conflito, favorecendo o diálogo e a mútua cooperação entre as partes envolvidas.

Na mediação, segundo a autora, há a inclusão de uma terceira pessoa, que seja neutra, mas que contribua para a reflexão do que está acontecendo e coloque as regras para que este processo estruturado seja bem sucedido e pacífico. Assim, é possível constatar que esta intervenção acontecia não apenas quando a violência em si estava instaurada, mas quando a presença do conflito era constatada, servindo de prevenção para ações mais danosas. Através da mediação, Vale (2010) afirma que se explicita as situações conflitivas, possibilitando a discussão sobre as mesmas e buscando enxergar as situações que originaram a problemática de forma menos lesiva. Cada encontro era registrado em ata, servindo como documento importante para o firmamento de compromissos entre as pessoas, bem como, um norteador para o acompanhamento que era feito destas famílias quando do atendimento do idoso na Unidade, em visitas domiciliares ou nas próximas reuniões agendadas.

No estudo de Vale (2010), constata-se que os casos que foram abordados tinham a presença de comportamentos violentos, sendo, na maioria deles, identificadas ações negligentes, seguidas da violência financeira, física e, por último, a violência psicológica. O diferencial desta proposta de intervenção é que busca a não repetição destes comportamentos, através da conscientização e responsabilização das pessoas sobre suas ações. Segundo Schnitman e Littlejohn (1999), na mediação, foca-se na mudança efetiva das pessoas através da participação ativa delas durante todo o processo. Na mediação proposta por Vale (2010), não é possível prevenir todas as ações violentas através desta prática, pois trabalha com casos onde alguma forma de violência foi identificada. Todavia, é capaz de prevenir ações mais graves, resgatando, em tempo, vínculos mais afetivos e estimulando cada envolvido a encontrar recursos para lidarem com suas dificuldades diante do cenário atual. Chama a atenção que as combinações que constam nas atas anexadas à dissertação de Vale (2010) são exclusivas para a mudança de comportamento do agressor e dos demais membros da família, em nada contemplam a necessidade de mudança dos velhos. Isso sugere um posicionamento sobre a violência que a coloca como estando em um pólo apenas, não a entendendo como se constituindo na relação entre as partes, ou, quem sabe, não acreditando na possibilidade de mudança por parte do velho, ou, ainda, no velho como instigador da violência no outro. Esta última podendo se dar através de comportamentos do velho que incomodem propo

A discussão do tema violência junto à família pode ser um importante aliado pensando em uma mudança de comportamento mais amplo. Faleiros e Brito (2009) escrevem sobre a força que as experiências anteriores exercem sobre os comportamentos atuais. Vivências anteriores de violência podem contribuir, mesmo que inconscientemente, para a reprodução destes comportamentos. Nesta mesma linha, Penso e Morais (2009)

afirmam que a dinâmica familiar estará ligada à história vivida pelos seus integrantes. Desta forma, cada pessoa na família assume papéis pré-estabelecidos, a fim de manter o *status quo* daquele grupo, mesmo que seja um equilíbrio sustentado em comportamentos não saudáveis, porém, é familiar, transmitido através de mitos e ritos que contribuem para a manutenção daquele sistema. Tal constatação faz pensar nos comportamentos agressivos como comportamentos aprendidos, o que pode ser um caminho possível para ações de prevenção.

Através da revisão de literatura realizada nesta tese, fica evidente a complexidade do tema base deste estudo. As violências contra os velhos atualmente são dos três tipos: estrutural, por acreditar que a velhice em si é fator excluyente das pessoas; é institucional, pois é praticada por diferentes instituições na sociedade, desde serviços de atendimento de saúde, a boa parte das instituições financeiras e, infelizmente, é também intrafamiliar, quando se constata que o núcleo que deveria primeiramente zelar pela proteção, não raro, é o primeiro a infligi-la, seja por comportamentos negligentes, exploração econômica ou violência psicológica e/ou física. Desta forma, entende-se a violência contra velhos como um processo complexo, relacional e multidimensional. Como processo, pois, embora a explicitação da violência possa ser um ato agudo, esta situação vem sendo engendrada há anos e não finda com a ocorrência de uma ação violenta, mesmo que grave, uma vez que as mais distintas emoções provocadas nas pessoas envolvidas seguem ecoando ao longo de suas vidas. Mais do que vítimas e agressores, são pessoas/instituições que estabeleceram relações nas quais a violência é uma presença. Relações de poder onde, dependendo do contexto vigente, oscila quem o exerce, mas mantêm a forma hierárquica de tratamento despendida. Aos velhos empossados no lugar de *outsiders* (ELIAS e SCOTSON, 2000), corriqueiramente cabe o silêncio, a vergonha, o arrependimento, o medo do abandono, ou a revolta. Aos parentes mais jovens, agora no posto de estabelecidos (ELIAS e SCOTSON, 2000), as emoções podem se misturar, onde o carinho passa a dar lugar ao rancor, ao descontrole emocional, às mágoas da infância, e, inclusive, à culpa pelo ato praticado contra os mais velhos. Constatações que permitem pensar nesta violência como também sendo relacional, pois nunca acontece com um indivíduo isoladamente. Mesmo quando trata-se da autoagressão, ela ocorre em função de sentimentos de menos valia provocados pela forma como significam o seu lugar em relação aos outros, pela maneira como a sociedade os tratam, na relação direta com outras pessoas, ou por quadros depressivos não tratados. Importante ter claro que, psicologicamente, os sujeitos se constituem sempre nas/pelas relações que são estabelecidas, o que fortalece a compreensão da violência como relacional. Assim, não é possível entender a violência como polarizada, pois não se acredita que as causas sejam

isoladas, bem como as vítimas, ou os agressores, predeterminadas. É frequente, ao ler textos sobre comportamentos violentos, a determinação dos lugares ocupados pelas pessoas/instituições nestas relações: vítima sempre é o velho, agressor é o outro. Sempre uma relação desigual, onde a culpabilização é unilateral ao sujeito que, naquele momento, cometeu a agressão. Mas o quanto este velho também contribuiu ao longo de sua história para que esta situação ocorresse? A compreensão desta relação é vital para poder pensar em estratégias de prevenção, pois, como Foucault (2010) afirma, só existe o empoderado, pois alguém o empodera, reconhecendo neste sujeito tal lugar social. O poder e a violência constituem elementos que perpassam as relações sociais e possuem aspectos culturais que foram aprendidos ao longo dos anos, sendo múltiplas as razões que podem levar a ocorrência efetiva da violência. Assim, não parece caber uma visão reducionista do tipo causa e efeito, mas a necessidade de que seja lançada sobre a violência uma visão sistêmica, através da qual se compreenda este processo abrangendo a multidimensionalidade que o constitui. Aspectos psicológicos, sociais, culturais e políticos podem levar à ocorrência de situações que colocam em risco os mais velhos, principalmente, pelas suas condições mais frágeis, todavia, expõe todos os envolvidos a uma situação limite e de tensão.

O desafio posto provoca-nos a não medir esforços para desenvolver um estudo profundo e cuidadoso, buscando encontrar informações inéditas que possam servir para que novas luzes sejam lançadas na direção de caminhos possíveis para que tenhamos uma sociedade mais acolhedora para as pessoas na última, e as vezes mais longa, etapa das suas vidas.

4 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

4.1 Caminhos metodológicos

A escolha dos caminhos metodológicos de uma pesquisa nem sempre é tarefa simples. Estes precisam estar muito alinhados aos objetivos postos, ao corpo teórico e à disponibilidade do pesquisador e pesquisados de atenderem aos chamamentos da escolha feita. Neste estudo, o ineditismo do tema exigiu que a pesquisa fosse exploratória, onde inicialmente, foi feito um levantamento dos dados da violência contra pessoas idosas no município de Caxias do Sul, mapeando o contexto no qual a pesquisa qualitativa ocorreria. Esta cidade foi escolhida por ser um universo conhecido da pesquisadora, haja visto que, pela natureza das informações buscadas, a relação de confiança torna-se condição *sine quo non* para o acesso as mesmas. A natureza qualitativa do estudo, segundo Gray (2012), coube a esta investigação, pois é um desenho de pesquisa vinculado ao contextual, ocorrendo em um ambiente natural, podendo revelar as formas e motivos que as situações que se pretende investigar acontecem. É o desenho adequado de investigação quando se procuram dados que não podem ser quantificados (MINAYO, 1994). Strauss e Corbin (*apud* GRAY, 2012) indicam as pesquisas qualitativas quando pouco se conhece sobre determinado tema ou situação, ou para conseguir novas perspectivas sobre algum fenômeno, o que corrobora a escolha por ele. Gray (2012) acrescenta que o grande objetivo deste tipo de investigação é “entender as formas como as pessoas agem e explicar suas ações” (p.137).

A partir do viés qualitativo aqui selecionado, empregou-se o método da narrativa para orientar a coleta de materiais. A escolha por este se deve também à legitimação das pessoas como produtoras de conhecimento ao longo de suas trajetórias (CUNHA, 2009). Ao narrar, o sujeito que o faz tem garantido a credibilidade em relação aos conteúdos expostos, pois o principal não é a verdade absoluta como em dados jornalísticos, mas a verdade que o narrador acredita. Bondía (1994), pesquisando sobre a etimologia da palavra narrar, encontra alguns desdobramentos desta, até chegar ao significado de narrador, sendo “o que leva para frente, apresentando de novo, o que viu e do qual conserva um rastro em sua memória” (p.68).

Constata-se que registros de narrativas ocorrem há séculos, como na obra de Santo Agostinho, que viveu na Idade Antiga e relatou como se tornou cristão, permitindo-nos uma aproximação não apenas dele, mas da sua interpretação em relação aos fatos trazidos

(RICOUER,1997). Em pesquisas, o emprego das narrativas é considerado relativamente recente. O uso desta estratégia investigativa tem sido observado nas últimas décadas em áreas como a Sociologia (SANTOS, OLIVEIRA e SUSIN, 2014), Antropologia (MALUF, 1999), Educação (GALVÃO, 2005, ANDRADE, 2012), Psicologia (BREAKWELL, et al., 2010). Segundo Galvão (2005, p.328), “a narrativa é o estudo das diferentes maneiras como os seres humanos experienciam o mundo”, a qual está imbricada em uma relação de poder, visto que exige uma negociação prévia para que, neste caso, o pesquisador entre na vida pessoal do narrador. Acrescenta que narrar é um processo ontológico, ao passo em que acredita sermos sujeitos da linguagem, tornando-nos, pelo menos em parte, o que contamos inclusive para nós, do que vivemos. Assim sendo, no momento em que alguém se propõe a trazer suas vivências com a própria interpretação do que ocorreu, Bolívar (1997) acredita ser uma possibilidade ímpar de realizar uma investigação.

A interface entre três tópicos se faz necessária quando utilizado narrativas em pesquisas, segundo Stephens (1992): a história, o discurso e a significação. A importância da história se dá, pois a narrativa tem que ser contextualizada, dando conta das principais personagens envolvidas e do cenário onde as vivências que estão sendo narradas aconteceram. Como discurso, destaca a maneira como aquele conteúdo está sendo apresentado e, por significação, é a interpretação mais avançada, mais profunda que o ouvinte faz através do cruzamento entre a história e o discurso narrado.

Narrativas, segundo Benjamin (1994), são modos menos elaborados de comunicação, no sentido de não terem sido lapidados por normas rígidas padronizadas de transmissão de informação. Jovchelovitch e Bauer (2002) destacam a simplicidade que é contar uma história, uma vez que é o relato de experiências em uma sequência que o informante determina, tendo personagens que vão sendo apresentados conforme a narrativa vai evoluindo. Neste contar, uma dimensão cronológica e outra não cronológica estão presentes. A primeira diz respeito à ordenação dos fatos, dos episódios, a segunda é o enredo. Para os autores, é através desta segunda dimensão que a narrativa faz sentido. É o elemento que estabelece a relação entre as pequenas histórias que são citadas ao longo da narração, contextualizando o que o informante traz, dando coerência, contextualização e sentido para os relatos feitos. Para ele, ao narrar, quem o faz mistura-se com o que está sendo dito, fazendo com que as informações trazidas não sejam dados apenas informativos para um relatório, mas falas que têm a marca singular de quem as diz. Benjamin (1994) acrescenta que o narrador parte das suas vivências, ou daquelas que lhes foram contadas, para construir a narrativa, fazendo com que os seus ditos passem a compor também as experiências de quem as escuta. Os conteúdos narrados não são dados estáticos, acabados, mas produzidos em determinado contexto através da linguagem, nesta relação

entre narrador e ouvinte (ANDRADE, 2012).

Narrativas permitem aos sujeitos ressignificar a sua história, porque revistam a si mesmo e ao percurso de suas vidas quando falam de suas vivências. Elas não são o passado propriamente dito, mas a reconstrução permanente deste através da associação de inúmeros discursos que constituem as pessoas, significando-as (ANDRADE, 2012). Nogueira (2013) acredita que a narrativa é a forma de conectar memória e história oral, permitindo novas interpretações e conhecimentos no momento que revisita a história do indivíduo e do coletivo. Breakwell (2012) afirma que a coleta das narrativas pode se dar através de relatos orais, textos ou meios visuais. Para ele, as narrativas possibilitam que o pesquisador solicite aos participantes que narrem momentos importantes de suas vidas, as relações por eles estabelecidas e como foram sendo afetados por estas situações ao longo dos anos, o que fica contraindicado para a maioria das situações, o estabelecimento prévio do tamanho, intensidade e duração da narrativa. É importante ter sempre presente, quando se trabalha com entrevistas abertas, a relação estabelecida entre pesquisados e pesquisadores. Spíndola e Santos (2003) destacam a necessidade da criação de uma atmosfera de proximidade e confiança, exigindo do pesquisador uma postura predisposta à aproximação com os entrevistados.

Nesta pesquisa, a proposta de Jovchelovitch e Bauer (2002) foi seguida para a realização das entrevistas narrativas. Para eles, *textura detalhada*, *fixação da relevância*, *fechamento da Gestalt* são características contidas no ato de contar uma história. A textura detalhada é a estratégia utilizada pelo informante (maneira como o entrevistado é denominado quando do emprego de entrevistas narrativas) para conectar os fatos, oferecendo ao ouvinte o maior número de detalhes possível para que consigam entender a história. A fixação da relevância vai variar de acordo com o olhar do narrador, visto que ele apresentará os fatos que julgar ser mais importante para ele expor naquele momento. Em geral, as explicações mais detalhadas giram em torno dos *centros temáticos* por ele elegidos. Quanto ao fechamento da *Gestalt*, diz respeito à estrutura de apresentação dos acontecimentos centrais da narrativa. Devem apresentar um começo que conduz para o meio, evoluindo para o fim da situação.

Para a realização das entrevistas, Jovchelovitch e Bauer (2002) recomendam que o pesquisador transforme questões exmanentes (de seu interesse prévio), em imanentes (de interesse do informante), evitando o emprego de questionamentos do tipo pergunta-resposta, pois acreditam que esta abertura para a narração é crucial para que o informante se aproprie deste lugar e construa uma narrativa mais próxima de sua visão dos fatos. Sugerem que, antes de começar a entrevista, o campo que vai ser pesquisado seja conhecido e que questões exmanentes sejam elaboradas. A partir disso, apresentam as

quatro regras que precisam ser seguidas durante a coleta do material: iniciação, narração central, fase de perguntas e fala conclusiva.

Ao iniciar a entrevista, o pesquisador deverá dar uma ideia geral do que está sendo pesquisado, pedindo a autorização para que seja gravada a entrevista. Também tem que ser explicado que ele poderá falar à vontade, narrando sem interrupções por parte do pesquisador na fase inicial. Esta narrativa é disparada com a apresentação de um tópico inicial, o qual não pode ser muito limitado, pois dificultaria a criação da narrativa. Sugere-se a apresentação de tópicos amplos, dando espaço maior para a criação do entrevistado, não limitando datas ou outros aspectos mais específicos. Após a narrativa, abre-se um espaço para os questionamentos.

O segundo momento da entrevista é a narração central. Nela o protagonismo do informante é total. O pesquisador não deve interromper, deverá escutar ativamente tudo o que é trazido, podendo fazer mínimos gestos ou sons que sinalizem que está atendo ao conteúdo narrado e que o informante pode prosseguir. Durante este momento, pequenas anotações podem ser feitas, a fim de registrar questões emergidas para a fase seguinte. Quando o informante der sinais de que a narrativa acabou, é necessário certificar se ele gostaria de complementar algo, ou se o que foi narrado deu conta do que ele queria trazer.

Os questionamentos constituem a terceira fase da entrevista narrativa. Esta só pode iniciar quando a narração central acabou espontaneamente. Usando linguagem do informante, as questões que surgiram na fase anterior têm espaço para serem feitas, elucidando possíveis hiatos da narração. Jovchelovitch e Bauer (2002) ditam três regras para este momento, sendo a primeira, evitar perguntar opiniões, por acreditarem que isso convida a justificativas; os questionamentos devem ser sobre as situações, evitando os “por quês”. As perguntas abordaram questões emergidas nas narrativas, mas também as geradoras da pesquisa. Aqui deve-se transformar as questões exmanentes em imanentes; a última regra é para que tenhamos presentes que não é um inquérito, cientes disso, não expor contradições ao informante.

A quarta fase tem início com o desligar do gravador. Tudo o que foi trazido até então ficou registrado e será transcrito na íntegra. A partir de agora, o registro poderá ser feito através de um diário de campo, o qual deverá ser redigido imediatamente após a entrevista, para que não se percam informações e percepções. Não é raro os entrevistados trazerem conteúdos ricos nesta hora, pois podem estar mais a vontade, fazendo complementos ao que foi narrado. Nesta fase, o pesquisador pode fazer perguntas do tipo “Por que...?”, tendo como objetivo esclarecer algo da narrativa. Com os esclarecimentos suscitados até o momento feitos, o informante é liberado.

Jovchelovitch e Bauer (2002) chamam a atenção para a possibilidade da ausência de

narrativa, ou de narrativas muito breves, mesmo quando todos os procedimentos foram seguidos corretamente. Se o narrador não tem proximidade com a questão central, isso reduz consideravelmente o tempo da narrativa. Deve-se ficar atento a possibilidade de eventos traumáticos vividos pela pessoa impedirem-na de narrar, a existência de um boicote por parte de um grupo em relação à produção de histórias, bem como a existência de uma cultura do silêncio, na qual o falar não é valorizado, também são possibilidades que ajudam a entender a escassez de narrativas.

Pesquisando o emprego de narrativas em estudos que têm Foucault como marco teórico, a fim de validar os caminhos metodológicos traçados para esta tese, encontrou-se a tese de Andrade (2008), na qual investigou os processos de exclusão que ocasionam a evasão escolar de jovens, considerando as narrativas como práticas discursivas, onde, como aqui também é pretendido, buscou-se compreender as relações que se estabeleciam naquele universo para entender o abandono da escola. Sobre a análise das narrativas, aprofundaremos mais adiante como se deu.

Esta pesquisa aconteceu tendo como instituição parceira a Associação Caxiense de Atenção ao Idoso (SCAN) de Caxias do Sul, associação que responde à Fundação de Assistência Social do município de Caxias do Sul - FAS, onde buscou-se 8 casos de agressão a idosos. Este serviço foi escolhido como referência para os contatos com os entrevistados em função de ter tido, nos últimos anos, suas ações direcionadas para atendimento exclusivo a idosos. Recebe encaminhamentos provenientes do Ministério Público, serviços de saúde e assistenciais, bem como busca espontânea, sendo uma referência na rede municipal quando constatado casos de agressão contra idosos. É uma instituição que não tem caráter punitivo, mas investe seus esforços na qualidade de vida dos seus usuários, procurando atuar, sempre que possível, no resgate ou construção dos vínculos familiares quando fragilizados, ou, simplesmente, oportunizando espaços de convivência. Desta forma, a SCAN oferece atividades diversificadas, onde atende a pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, que podem ser consideradas vulneráveis, não se restringindo a casos de violência. Este serviço conta com profissionais concursados, tendo uma unidade do Serviço de Proteção Especial ao Idoso (SPEI) e contato constante com a outra unidade de SPEI do município. SCAN e SPEI juntam forças para tentar harmonizar situações problemáticas, contando com psicólogos, terapeutas ocupacionais e assistentes sociais no seu quadro de profissionais. Outro aspecto considerado para a escolha desta instituição foi a forma como as pessoas a acessam. Não há restrição em relação às características do público atendido, nem sobre o encaminhamento. As pessoas chegam até a SCAN por busca espontânea, por indicação de profissionais que fazem parte da rede em geral, principalmente pelos postos de saúde e hospitais, além de encaminhamentos feitos

pelo Ministério Público.

Para o início da coleta de material, foi realizado um levantamento de todas as situações que envolvem violência contra idosos registrados nesta instituição, partindo de dados fornecidos pela mesma que não contemplam os nomes das pessoas. A instituição que forneceu estes dados está ciente e autorizou mediante a garantia do sigilo em relação à identificação das pessoas envolvidas. Após a realização do levantamento, foi feita a triagem de alguns casos, tendo como critério de seleção a diversificação, a fim de compor a amostra de maneira heterogênea, por acreditar que enriqueceria os resultados obtidos, compreendendo a temática em diferentes realidades/situações. Pretendia-se, desde o início, obter narrativas de pessoas acusadas de terem agredido idosos, não ficando restrito a tipos específicos de violência. Este estudo não delimitou um tipo específico de violência, por acreditar que nenhuma violência é mais ou menos grave do que outra. Para obter as narrativas, foram realizadas entrevistas não estruturadas com perguntas abertas a partir de tópicos norteadores (Apêndice A). Inicialmente foram perguntados dados objetivos que permitiram caracterizar o agressor em relação a aspectos gerais, como, por exemplo, idade, escolaridade, sexo, profissão, relação de parentesco com a vítima. A seguir, teve início a entrevista sobre as trajetórias de vida deles, as quais foram analisadas qualitativamente através da análise de conteúdo (MORAES, 1999). O detalhamento de como aconteceu cada entrevista está descrito no item que trata sobre a coleta do material desta tese. O emprego da entrevista não estruturada neste momento se deve a estratégia de provocar, através de pergunta aberta, a criação da narrativa pelos sujeitos. A escolha por entrevistas não estruturadas se deve ao fato de que esta, segundo Marconi (2012), permite ao entrevistado dar a direção e destinar o tempo necessário para que desenvolva a situação a qual foi provocado a falar pelo pesquisador. A autora escreve que o uso de perguntas abertas deixa a coleta de dados parecendo quase uma conversa informal, o que, considerando a complexidade desta pesquisa, pode contribuir com a obtenção de dados mais significativos, além de auxiliar aos narradores a possibilidade de refletirem sobre suas histórias.

Após a realização das entrevistas, começou um trabalho imprescindível que é a transcrição das mesmas. Demartini (1988) e Bosi (1993) propõe que ao serem transcritas as entrevistas, estas não sejam editadas, sendo transcritas na íntegra, para não cometer cortes precipitados. Estas autoras acreditam que após a realização e análise das primeiras entrevistas, o pesquisador que as realizou não é mais o mesmo. Demartini (1988) destaca que nesta trajetória de coleta e análise de dados, há um crescimento significativo no próprio pesquisador, surgindo novas reflexões.

4.2 Os sujeitos da pesquisa

A partir do contato feito junto à responsável legal pela Associação Caxiense de Atenção ao Idoso - SCAN do município de Caxias do Sul, esta foi informada sobre os objetivos da pesquisa, bem como aos procedimentos metodológicos. Ciente do processo de investigação que seria realizado junto às pessoas, a representante legal leu e assinou a Declaração de Ciência e Concordância da Instituição Envolvida – DCCIE (Apêndice B), permitindo o desencadear dos trabalhos. Após a assinatura do termo, envio do projeto para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e aprovação por parte deste último, foi feita uma triagem inicial de possíveis participantes deste estudo. Destaca-se que foi uma triagem inicial, pois estes poderiam não aceitar a contribuir com o estudo, sendo necessárias novas buscas.

Após triar os possíveis participantes, estes foram contatados no intuito de agendar um horário para que fossem explicados os objetivos da pesquisa e a verificação do interesse em participar. Para a triagem, apenas a idade cronológica foi utilizada como critério de exclusão, sendo esta de 18 anos. Muitos não foram localizados em função de telefones desatualizados/errados, ou por não terem atendido. Mediante o aceite de algumas pessoas, o trabalho de coleta de informações propriamente dito teve início. A intenção foi de entrevistar 08 pessoas, a fim de não limitar a pesquisa a uma única realidade, mas sim, procurar estabelecer relações entre diversos contextos, podendo contribuir mais efetivamente para o entendimento do problema de pesquisa aqui proposto. Destaca-se que as pessoas que foram agredidas não foram contatadas em momento algum deste estudo, focando-se exclusivamente nas pessoas que cometeram a agressão. Este posicionamento deve-se ao objetivo central da pesquisa ser ouvir os agressores, como também pelo fato de alguns idosos não estarem mais vivos, ou com doenças degenerativas, como por exemplo, a doença de Alzheimer.

Como pesquisas com agressores de idosos são extremamente escassas, fica difícil delimitar previamente com precisão absoluta os critérios de inclusão/exclusão dos participantes, mesmo em relação ao tipo de violência, pois, embora este estudo tentou entrevistar pessoas que praticaram violências diversas, não havia como garantir previamente que todos os agressores aceitariam. Também pode-se pensar que um mesmo agressor pode cometer mais de um tipo, o que contribuiria para a compreensão de possíveis causas distintas daquela ação. Outra possibilidade é que, talvez, no momento dos contatos iniciais feitos pela instituição, pessoas que cometeram determinado tipo de violência (por exemplo, violência psicológica) não aceitariam participar. Embora não tenhamos suas falas, passa a ser um dado relevante, passível de discussões na tese. Assim, a amostra foi por

conveniência em decorrência da dificuldade em contatar estas pessoas. Foram buscadas pessoas que tenham sido denunciadas e a situação comprovada por terem agredido idosos nos lares onde eles vivem/viviam. A comprovação da agressão se deu pelos registros da instituição que realizou o acompanhamento do caso quando da denúncia, sendo esta confirmada. Inicialmente, foi empregado como critério para a composição da amostra o agressor ter idade mínima igual ou superior a 18 anos. Embora a literatura aponte para o fato da maioria dos agressores ser familiar, poderiam fazer parte da amostra pessoas que exerceram a função de cuidadores destes idosos. Considerando a complexidade envolvida no conteúdo deste estudo, evitou-se restringir as características da amostra. Desta forma, teve-se como critério de exclusão os agressores serem menores de idade, estarem sob efeito de drogas ilícitas, apresentarem quadro demencial e/ou terem doenças psíquicas diagnosticadas que impossibilitassem aos mesmos refletirem sobre seus atos. Também considerou-se o risco de algumas pessoas, mediante o contato inicial, negarem-se a participar do estudo.

4.3 As entrevistas

O primeiro contato com cada participante para tratar da pesquisa foi através de telefonema ou visitas técnicas. Quem fez este contato foram os técnicos ligados a SCAN, a fim de obter a autorização destas pessoas para o repasse dos números de telefones para a pesquisadora. Mediante a autorização dos agressores para que fossem repassados seus dados à pesquisadora, esta fez contato com os mesmo. Neste momento, além da identificação da pesquisadora, foram apresentados os objetivos da pesquisa, a fim de ver da possibilidade do agendamento de uma reunião para maiores esclarecimentos e verificação da disponibilidade para tal. Nesta ocasião, eram informados de que as entrevistas seriam gravadas, e que o sigilo das informações seria mantido, não representando risco algum para o entrevistado quanto à revelação da sua identidade. Tendo o aceite, a primeira entrevista era agendada, onde foram retomados os objetivos do estudo, a metodologia de coleta de dados e a disponibilidade para participar.

Inicialmente havia sido previsto que a coleta de material aconteceria nas dependências da Faculdade da Serra Gaúcha - FSG, em data e horário pré-agendados para conciliar a agenda da pesquisadora e disponibilidade dos entrevistados. Este local foi escolhido por ser de fácil acesso na cidade, localizado em área central, considerado um ambiente neutro, não sendo a casa do agressor, nem a sede de alguma instituição que tivesse relação com a investigação, monitoramento ou sentenciador da ação da violência

ocorrida. O diretor da FSG estava ciente da realização das entrevistas na instituição e assinou um termo autorizando o uso do espaço (Apêndice C). Entretanto, apenas três entrevistas foram realizadas no local, as demais foram realizadas nas casas das pessoas consideradas agressoras, por dificuldade de contato via telefone, ou pelo próprio receio do aceite antes de conhecer pessoalmente a pesquisadora. Com a explicitação das condições necessárias para a realização da pesquisa, estando ciente das mesmas e dispostos a participar, a coleta das narrativas teve início somente após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice D) por parte de cada participante.

É importante destacar que os contatos iniciais com os entrevistados tiveram como principais objetivos contratar os aspectos legais da realização de uma pesquisa, mas, fundamentalmente, estabelecer uma relação de confiança entre pesquisador e entrevistado, explicitando que o foco, em hipótese alguma, era julgar o agressor, mas lançar novos olhares sobre a realidade relatada.

Todas as entrevistas foram gravadas através de aparelhos com tecnologia digital e, posteriormente, transcritas na íntegra, ficando sob responsabilidade da pesquisadora o armazenamento adequado e seguro destas informações.

4.4 Quanto à análise do material coletado

Para a análise das narrativas, considerando o referencial teórico e os objetivos da pesquisa, foi empregada a Análise de Conteúdo. São distintas as possibilidades de uso deste método, uma vez que os dados através dela podem ser analisados de forma qualitativa, quantitativa e estrutural (MILLWARD, 2010). Embora denominada de análise quantitativa de conteúdo, Millward (2010) sugere para um pequeno equívoco na definição desta, por acreditar que a análise quantitativa de conteúdo dá conta mais da produção de dados estatisticamente analisáveis, do que da análise em si. Para Moraes (1999), este tipo de análise cabe quando da necessidade de verificar hipóteses, sendo os objetivos previamente definidos.

A análise de conteúdo qualitativa procura dar mais atenção aos significados das respostas, não à quantificação das mesmas. Nesta forma, abre espaço para a interpretação do pesquisador, uma vez que é mais subjetiva (MILLWARD, 2010). Parte da construção do seu escopo se dará durante a pesquisa, uma vez que há a abertura para a incorporação de novos elementos ao longo do percurso. Assim, não se trabalha com categorias *a priori*

definidas, pois acredita-se que estas surgirão com o andamento da pesquisa. Já a análise estrutural de conteúdo emprega recursos que são utilizados nas duas formas anteriores de análise aqui mencionadas, entretanto, há regras que precisam ser explicitadas para estabelecer as relações entre as categorias de respostas, sendo indicada para análise de sistemas complexos.

Nesta tese, a análise qualitativa de conteúdo foi a escolhida para nortear o trabalho de análise das narrativas. A partir do modelo proposto por Moraes (1999), o material foi organizado e analisado. Para ele, mais do que uma técnica de análise de dados, é considerada como uma abordagem metodológica, a qual apresenta caminhos e características singulares, que permitem ao pesquisador lapidar os dados brutos para que aconteça a compreensão, interpretação e as inferências cabíveis através desta análise. O autor sinaliza para a impossibilidade de se realizar uma boa análise de conteúdo sem entender o contexto no qual o sujeito que produz o texto está inserido. O contexto dos entrevistados deve ser sempre apresentado de forma clara, embora o próprio autor reconheça haver limites aqui, pois esta contextualização estará sempre relacionada aos objetivos da pesquisa/pesquisador, e conta com a impossibilidade de apresentar todas as condições que circunscrevem tal cenário. Neste sentido, os valores dos respondentes ganham destaque, pois servem de sustentação para a sua relação com o mundo. A linguagem por eles utilizadas também merecem atenção, já que revelam o sujeito em questão. Os aspectos ligados aos valores e à linguagem do pesquisador também devem ser objetos de análise, uma vez que, como Moraes (1999) afirma, não existe a possibilidade de uma leitura neutra dos dados por parte do pesquisador, sendo a leitura e a posterior análise influenciadas pela ótica de quem se propôs a investigar, bem como dos objetivos iniciais do estudo. Estes últimos influenciam diretamente na forma como os textos obtidos a partir das transcrições serão analisados, haja visto que a forma como serão percebidos os conteúdos e as inferências que serão feitas sofrem influência direta dos objetivos iniciais da pesquisa.

Para apresentar sua proposta de análise de conteúdo enquanto método, Moraes (1999) sistematizou-a em cinco etapas que serão melhor exploradas a seguir, a saber: preparação das informações; unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; categorização ou classificação das unidades em categorias; descrição e, finalmente, a interpretação.

Preparação: a partir da obtenção dos dados, sugere a realização de uma leitura, a fim de definir quais os dados estão alinhados aos objetivos do estudo. A partir desta seleção inicial, deve-se fazer a codificação dos dados para facilitar a localização dos mesmos.

Unitarização: neste momento, os dados anteriormente selecionados devem ser relidos, para que a definição das unidades de análise ocorra. As unidades de análise serão definidas pelo pesquisador a partir do problema de pesquisa, dos objetivos, dos materiais que serão analisados. Com a definição das unidades de análise, nova leitura é necessária para que sejam codificadas as respostas a partir destas unidades definidas, ocorrendo aqui uma codificação mais específica. Em um terceiro momento da unitarização, recomenda-se que sejam isoladas cada unidade de análise, sendo estas escritas em documentos separados, para que seja possível a análise distante do contexto no qual foram obtidas, entretanto, sem perder o significado original. Além da unidade de análise, é importante que sejam definidas as unidades de contexto. Estas são mais amplas, geralmente abarcam mais de uma unidade de análise e servem como suporte às unidades de análise, balizando os limites contextuais para as práticas interpretativas.

Categorização: processo fundamental na realização da análise de conteúdo. Diz respeito à reunião dos dados a partir de elementos comuns entre os mesmos, buscando a redução da quantidade de dados. Os critérios empregados para reuni-los são diversos: semânticos (categorias temáticas), sintáticos (categorias a partir de verbos, adjetivos, etc.), critérios léxicos (categorias criadas com ênfase nas palavras e nos sentidos das mesmas) ou critérios expressivos (ênfase nos problemas de linguagem). Nesta pesquisa, as categorias temáticas foram escolhidas para a organização dos dados.

Moraes (1999) deixa claro que a análise de conteúdo não ocorre de forma retilínea, sendo cíclica e não óbvia, o que exige do pesquisador a capacidade de conseguir encontrar nas respostas brutas, os significados ali contidos. Para ele, categorizar significa classificar os dados obtidos obedecendo a certos critérios, sendo estes validade (tem que ser adequada ou pertinente), exaustividade (deve dar conta de todos os dados significativos), homogeneidade (único princípio de classificação), exclusividade (cada elemento classificado em apenas uma categoria) e consistência (diferentes pesquisadores podem chegar a resultados semelhantes). Embora sinalize para a eficiência da existência de muitas categorias, pois acredita que o nível de precisão da análise possa ser maior, é claro ao escrever que o grande objetivo da análise de conteúdo é diminuir a quantidade de dados obtidos, o que reflete na existência de um número reduzido de categorias.

Descrição: chega-se então a quarta etapa do processo de análise. Esta configura-se como o início da divulgação dos resultados obtidos, onde, em pesquisas qualitativas, Moraes (1999) recomenda que seja construído um texto que consiga dar conta dos principais elementos que serão apresentados, no qual as unidades de análise que são constituintes da categoria fiquem evidentes. É na descrição da categoria que os significados

obtidos nas entrevistas serão apresentados. Neste momento, recortes literais dos resultados obtidos podem ser apresentados. A descrição tem um outro papel fundamental, que é o de conduzir o pesquisador à interpretação efetiva dos dados.

Interpretação: esta é a última etapa da análise de conteúdo, onde tem-se a pretensão de transcender os dados, visando um mergulho no material obtido que permita a realização de interpretações sobre. Para Moraes (1999), as interpretações podem ocorrer não apenas a partir dos conteúdos explícitos, mas também sobre o material latente, independente de serem conteúdos conscientes, ou não. Sobre a forma de realizar a interpretação, uma das vertentes apontadas pelo autor diz respeito a construção da teoria a partir dos dados e categorias de análise, sendo a teoria uma interpretação. É claro ao destacar que a interpretação dos dados também não é um processo linear, no qual três etapas formam uma espiral buscando maior aprofundamento e domínio dos dados: teorização, interpretação e compreensão. É através da interpretação que os dados brutos conquistam *status* de resultados de pesquisa, publicizando-os, a fim de oferecer materiais científicos consistentes para a sociedade.

Cabe reforçar que as categorias aqui não estão sendo entendidas como uma sistematização rígida dos resultados que daria conta de abarcar todos os elementos constitutivos da violência de forma isolada. A realidade objeto de investigação nesta tese é bastante complexa para caber em categorias estanques. As fronteiras entre as próprias categorias não estão claramente definidas, por não acreditar na possibilidade de tal definição. Desta forma, as categorias foram organizadas a partir da aproximação dos princípios metodológicos de Moraes (1999), considerando a regularidade do material obtido no campo. Esta prática remete à Teoria Fundamentada nos Dados (NICO et al, 2007), quando não há uma teoria consolidada sobre o tema pesquisado, mas sim, um espaço de construção através do qual há ânsia do pesquisador compreender o possível de determinada situação. Assim, busca-se o máximo de informações possíveis. Observa-se uma fluidez inevitável entre as próprias categorias, onde elementos de uma, por vezes, perpassam-se, pois, em relação à temática abordada neste estudo, nada está posto tão claramente e de forma polarizada, o que vai ao encontro das ideias de Foucault. Há uma interrelação constante entre as diferentes forças que constituem os sujeitos e a sociedade. Cientes desta limitação, o uso das categorias se apresenta como uma possibilidade de organização didática dos resultados, mas não como o estabelecimento de limites entre os conteúdos identificados.

4.5 Aspectos éticos

Com a preocupação de preservar os sujeitos participantes da pesquisa, todos os cuidados éticos presentes na Resolução Nº 466/12 (BRASIL, 2012) foram garantidos. A resolução refere-se a todas as pesquisas realizadas que envolvem seres humanos. Conforme consta nesta, o estudo só foi a campo a partir da submissão do projeto e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, através do parecer número 938.445, onde foi protocolado e seguiu as orientações propostas pelo mesmo durante todo o transcorrer da investigação, bem como em relação à divulgação dos resultados obtidos.

Seguindo os preceitos éticos na realização da coleta de material, foi apresentado para a responsável legal pela SCAN a Declaração de Ciência e Concordância da Instituição Envolvida, onde estavam claros os objetivos do estudo, a participação da organização, a forma como seria conduzida a coleta e análise dos dados e a divulgação dos resultados, garantindo o sigilo das identidades dos sujeitos participantes.

A mesma preocupação ética tida com a SCAN foi observada na condução das entrevistas com cada um dos participantes. Estes apenas participaram do estudo após terem ciência e concordarem com as cláusulas presentes no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O respeito aos sujeitos participantes foi o fio condutor da coleta, análise e divulgação dos dados.

Considerando os objetivos de pesquisa e os procedimentos metodológicos previstos, a pesquisa ofereceu riscos mínimos aos participantes e tem potencial para contribuir com a criação de estratégias e/ou políticas públicas de prevenção a futuras agressões a idosos.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 Mapeando o campo

Para mapear o cenário caxiense das denúncias de violência contra idosos, foi feito um levantamento junto às duas unidades do Serviço de Proteção Especializada ao Idoso, por serem os serviços que centralizam todos os registros de ocorrências. O acesso a estes serviços foi através da SCAN, que está ligada diretamente a Fundação de Assistência Social do município, que é referência para o Ministério Público para a realização de visitas domiciliares. Através destas visitas, objetivam investigar/monitorar a situação intrafamiliar, tendo importância central na rede quando há denúncias/comprovações de violação de direitos contra os velhos.

Os dados aqui apresentados referem-se aos registros de casos ativos até fevereiro de 2015 nestes serviços. Consideram-se casos ativos os que estavam sendo atendidos pelo serviço no período. Cada unidade do SPEI tinha como meta de atendimento até 100 casos. Na ocasião, 217 idosos estavam recebendo acompanhamento, onde é possível perceber que há muita demanda, já que a meta foi ultrapassada. Sobre estes atendimentos, alguns dados merecem destaque, pois possibilitam que inferências sejam feitas a partir da análise dos mesmos, como, por exemplo, a sistemática para tabulação destas informações pelos dois serviços. Pelas planilhas cedidas, o número de casos no período era de 212. No entanto, ao olhar atentamente, cinco campos de registro de ocorrência de uma das planilhas foram abertos referindo-se a casais, o que acaba não dando a devida visibilidade para cinco vítimas que também estavam recebendo atendimento. Talvez, em outras situações, mais de uma pessoa possa estar sendo agredida e a ocorrência sendo entendida pela família atendida, e não pelo número de vítimas na ocasião, sugerindo uma subnotificação. A subnotificação que aqui se aponta, notória em relação a este tipo de ocorrência país afora, é uma provável consequência da dificuldade das pessoas em denunciar, como também do Estado oferecer a devida atenção às questões que não têm conseguido dar respostas efetivas, como é o caso das mortes relacionadas ao trânsito, à criminalidade em geral, à drogadição, entre outras.

Existem alguns serviços que são utilizados como porta de entrada para o registro da violência (Ver Tabela 1). O local que mais encaminha casos aos SPEIs é o Ministério Público/Poder Judiciário (assim agrupado por não ter clara a distinção entre ambas denominações), com 77% dos registros. Se juntarmos todas as instituições ligadas à saúde, tais como unidades básicas de saúde, Secretaria Municipal da Saúde, hospitais públicos e

privados, serviços de resgate, constata-se que 24,4% dos casos foram por eles identificados. Este fato merece atenção especial, pois, Musse e Rios (2015) afirmam que 48% dos profissionais da saúde não denunciam as situações de violência contra velhos. Segundo os autores, esta falta de notificação deve-se a vários motivos, como a inexistência de suportes de proteção ao profissional que acaba se expondo. Vale lembrar que Brito e Faleiros (2009) colocam o medo como uma das dimensões da violência, pois faz com que o possível denunciante se omita temendo retaliações. Também consideram como motivo para esta omissão, as dificuldades para identificar a situação de violência, além de receio pela quebra do sigilo profissional, principalmente, nos casos onde não há marcas físicas da violência. Machado e Queiroz (2006) identificam algumas pistas da presença de maus tratos, como olheiras, perda de peso, acidentes inexplicáveis, falta de cuidados com higiene pessoal, incluindo as roupas, tristeza, evitação de contato físico, medo de falar, uso errado dos medicamentos, entre outros. Porém, a dificuldade em comprovar que indicadores como estes possam estar associados a formas de violência tem deixado muitos técnicos receosos, uma vez que são sinais comuns em algumas pessoas pelos hábitos de vida, ou mesmo, associados à velhice com naturalidade, como se velhice e tristeza, por exemplo, fossem sinônimos.

Outro espaço que tem recebido inúmeras denúncias é o Conselho Municipal do Idoso, representando 12,9% do universo analisado. Em seguida, com cerca de 10% das ocorrências, a Fundação de Assistência Social do município encaminhou denúncias aos SPEIs. Diversos serviços também foram identificados como pontos de referência para serem identificados casos, ou feitas denúncias, como empresas privadas, centros de assistência social, políticos, casas geriátricas, além de outras autarquias municipais que juntas totalizaram 17,1% das denúncias recebidas. Importante destacar que os percentuais encontrados não consideraram o número de denúncias feitas, o que totalizaria 297 ocorrências, mas sim, a quantidade de casos registrados, tendo como referência então, um n de 217 casos. Este critério foi utilizado por acreditar dar maior clareza quanto aos serviços tidos como referência para a população denunciar e/ou, os espaços que estão mais preparados para identificar tal ocorrência e fazer o encaminhamento da situação.

Tabela 1 - Locais das denúncias / encaminhamentos aos SPEIs

	SPEI 1	SPEI 2	Total Bruto n=297	Percentual n=217
Ministério Público / Poder Judiciário	79	88	167	77%
Disque 100	16	15	31	14,3%
COMID	10	18	28	12,9%
SMS/UBS/Hospitais/PA	29	24	53	24,4%
FAS	20	1	21	9,7%
Outros lugares	27	10	37	17,1%

Fonte: Elaborada pela autora.

Observar os serviços que têm recebido as denúncias de violência dá visibilidade para uma situação que pode estar relacionada ao desespero de quem sofre e/ou presencia a violação, bem como, ao descrédito, ou à crença na falta de agilidade das instituições em desempenharem suas funções. Estas hipóteses são levantadas devido à pulverização das denúncias feitas para os mesmos casos (Ver Tabela 2). Como as planilhas dos SPEIs registram de onde os casos foram encaminhados, chamou a atenção o fato de que em 35,5% dos registros, as denúncias aconteceram em dois lugares. Em 8,3% foram em três instituições e, em 1,4%, em quatro ou mais instituições. Não é possível ficar sem se questionar sobre as denúncias múltiplas para os mesmos casos que têm acontecido. O que a rede de apoio poderia fazer de diferente para garantir agilidade no atendimento aos casos logo na primeira denúncia? Ao mesmo tempo, este dado mostra o quanto, em diferentes espaços da sociedade, há uma maior conscientização e responsabilidade para agir, não mais se omitindo, buscando fazer frente à gravidade do problema.

Tabela 2 - Quantidade de locais com mesmas denúncias

Em quantos lugares denunciaram	SPEI 1	SPEI 2	Total Bruto	Percentual
1	65	54	119	54,8%
2	41	36	77	35,5%
3	9	9	18	8,3%
A partir de 4	2	1	3	1,4%

Fonte: Elaborada pela autora

Quanto ao tipo de violação registrada (Ver Tabela 3), constatou-se que, na maioria das vezes, não acontece um único tipo de violação, o que deixa o cenário ainda mais

trágico. Considerou-se para a apresentação deste item a classificação utilizada nos registros das unidades que disponibilizaram os dados. Chama a atenção que a principal denúncia diz respeito ao abandono/negligência (25,8%). Estas foram agrupadas neste estudo por entender que estão muito relacionadas e por não constar nenhuma especificidade em relação a como os técnicos estão compreendendo o abandono e a negligência no momento do registro. Podemos inferir que alguns entendem como abandono deixar o velho morando sozinho, por exemplo, enquanto a negligência, não prestar o devido suporte a ele. No entanto, isso fica aqui no nível da inferência apenas, por não termos dados seguros que permitam fazer afirmações sobre.

Tabela3 - Tipos de violência

Tipos de violência	SPEI 1	SPEI 2	Total Bruto	Percentual
Violência psicológica	17	38	55	25,3%
Violência física	13	12	25	11,5%
Violência financeira	5	22	27	12,4%
Negligência/abandono	22	34	56	25,8%
Autonegligência	9	10	19	8,8%
Conflitos familiares	23	11	34	15,7%
Vulnerabilidade Social	12	10	22	10,1%
		1		
Outras	-	(suspeita cárcere privado)	1	0,46%
Não identificada	22	-	22	10,1%

Fonte: Elaborada pela autora.

O segundo tipo de violência identificada, em 25,3% dos casos, foi a violência psicológica, talvez, por ser mais difícil de ser comprovada, acaba sendo mais facilmente assumida.

A violência financeira foi mencionada em 12,4% dos registros. Item que preocupa bastante no atual cenário econômico brasileiro, onde as taxas de desemprego têm aumentado significativamente e os velhos podem ser as únicas pessoas com renda fixa em inúmeras famílias. O que poderia ser um lugar de prestígio e poder, também pode colocá-los em condição vulnerável quando em famílias desestruturadas. Importante lembrar que este tipo de violência, assim como os demais, não são exclusivos de determinada classe social. Abigailil e Mendonça (2010) são claros ao afirmar que a violência financeira ocorre com pessoas de todas as faixas de renda. Considerando o contexto, identificou-se em 10,1% dos casos a vulnerabilidade social como tipo de agressão. Este é um outro dado polêmico, pois

não fica clara de quem é a responsabilidade por tal situação, ou melhor, parece devolver para o Estado uma responsabilidade que não está dando conta. Direitos básicos (alimentação, moradia, saúde, educação) garantidos na Constituição não são alcançados por uma parcela expressiva da população, o que os deixa vulneráveis e, por vezes, os técnicos quase imobilizados.

A violência física, a qual gera maior comoção nas pessoas que presenciam, aparece em 11,5% dos registros. Dado que pode ser em decorrência da dificuldade em assumir tal prática, pelo fato desta, na maioria das vezes, acontecer sem testemunhas, ou ainda, não reconhecer empurrões, por exemplo, como violência deste tipo.

Além da impossibilidade de identificar o tipo de violência em 10,1% das situações, outro dado merece atenção especial pelo seu esvaziamento, o qual foi denominado em 15,7% dos registros de “*conflitos familiares*”. Este dado aparece nas planilhas dos dois serviços, mas não está claro o que se entende por tal conflito. Que tipo de conflito pode alcançar o *status* de causa da violência? Quais famílias não apresentam algum tipo de conflito? Seguramente, se analisarmos cada família, independente do universo na qual esteja inserida, alguns conflitos, mais ou menos graves, serão identificados. Todavia, no momento em que se lança um dado desta natureza como causa de agressão, se não explicitado o conflito existente, ele se esvazia, pois muito pouco há a ser feito. Que estratégias serão utilizadas para auxiliar a família a resolver/minimizar tal conflito? Há presença de drogas? Constata-se disfunção nos papéis dos membros da família? Enfim, pensando no mapeamento da realidade no intuito de agir reativamente, estes desenhos devem estar menos nebulosos para que sejam lançados recursos capazes de fazer frente às reais demandas das famílias.

Como acontece na situação anteriormente apresentada, há outras informações extremamente genéricas que não contribuem para o mapeamento real das formas de violência. Há situações onde, no tipo de violação, constam informações como “*neto usuário de drogas*”, ou “*questões de saúde*”. Seriam casos relacionados à violência financeira e negligência/autonegligência respectivamente? O registro por si só não garante a compreensão da informação que se buscou formalizar.

Sobre o sexo das pessoas consideradas vítimas (Ver Tabela 4), por não haver explicitação do sexo das pessoas na planilha, não foi possível identificar cerca de 5% dos casos, pois o nome que consta pode ser empregado tanto para homens, quanto para mulheres. Excluindo estes, nota-se que a maioria das vítimas é mulher, representando 62,2% da amostra, sendo 32,7% os casos referentes a homens vítimas. Embora haja uma prevalência dos casos de mulheres, o que pode ser explicado pela maior expectativa de vida destas, bem como um estereótipo de fragilidade em relação ao universo feminino, o número

de casos referentes ao sexo masculino é significativo, o que permite considerar a condição vulnerável que muitos velhos adquirem como fator de risco real.

Tabela 4 - Sexo das vítimas

Vítimas	SPEI 1	SPEI 2	Total Bruto	Percentual
Homens	40	31	71	32,7%
Mulheres	70	65	135	62,2%
Não identificado	7	4	11	5,1%

Fonte: Elaborada pela autora.

Outra informação que não foi possível obter através das planilhas disponibilizadas foi referente às idades das vítimas e dos agressores. Em uma das planilhas, na maioria dos casos, estava disponibilizada a data de nascimento da vítima ou a idade dela quando o caso foi recebido pelo serviço, não havendo uma padronização na própria unidade. Na outra unidade do SPEI, não havia nenhum tipo de registro que tratasse destas informações, o que compromete o cruzamento das mesmas.

Buscando compreender mais o perfil dos agressores (Ver Tabela 5) através da tabulação dos casos ativos na ocasião, considerando que em um mesmo caso pode haver mais de um violador, ficou evidente que os principais violadores são os filhos, sendo referenciados em 19,4% dos casos. Se considerarmos as opções, filho (11,5%) ou filha (6%), e não apenas filhos, esse número passa para 36,9% das ocorrências.

Tabela 5 - Vínculo do agressor com a vítima

Agressores	SPEI 1	SPEI 2	Total Bruto	Percentual
Filho	13	12	25	11,5%
Filha	6	7	13	6%
Filhos	9	33	42	19,4%
Neto	2	7		4,2%
Enteados	1	5		2,8%
Próprio Idoso	9	5		6,5%
Genro	-	4		1,8%
Sobrinho	1	2		1,4%
Sem violador	-	21		9,7%
Não foi possível identificar no registro	60	1		28,1%
Outros	5	9	14	6,5%

Fonte: Elaborada pela autora.

Infelizmente, em 28% dos registros não foi possível identificar o agressor, pois a planilha de um dos serviços não continha um campo explícito para esta informação. Outro dado que merece atenção foi a ausência de violador em cerca de 10% dos casos. Considerando que há um campo onde registram a autonegligência, (6,5%), de que violência o idoso está sendo vítima quando não há um violador identificado? Será que aqui abre-se um espaço para a violência do Estado? Ou a violência das instituições? Ou uma prática generalizada do silêncio proposta por Faleiros (2009)? Ou, por alguma razão, a violência não foi comprovada e ficou o registro inadequado? O que é concreto é que, exceto esta situação de ausência de um violador explícito, ou da autonegligência, em todos os outros casos, as pessoas que cometeram atos de agressão contra os velhos são pessoas muito próximas. Depois dos filhos, as pessoas que mais violam os direitos dos velhos são os netos (4,2%), enteados (2,8%), genro (1,9%) e sobrinhos (1,4%). Em 6,5% dos registros, os agressores denunciados foram companheiros ou ex companheiros, irmãos, cunhados e, em um caso, a sogra. Em apenas um caso, a violência não foi cometida pelos familiares, sendo a pessoa denunciada um inquilino da vítima. Também merece destaque sobre o perfil dos violadores que, de todos os casos informados, foi possível identificar que em 15,9% dos registros, há a presença de drogas ilícitas ou álcool relacionados ao agressor, e em 2,24%, algum transtorno mental estava presente.

Sobre o agressor, um aspecto que exige atenção especial devido à invisibilidade que tem dentre as demais violências cometidas em relação aos velhos é a autonegligência. Esta é identificada quando a pessoa coloca em risco a sua vida, evitando, por exemplo, cuidar de si (BRASIL, 2014). Por ser um tipo de violência ainda mais silencioso, por vezes parece ser diminuída no que se refere ao seu dano. A autonegligência tem muitas facetas. Pode estar relacionada a um quadro depressivo, comum em muitos velhos, surgindo pela ociosidade, pela solidão, pelo lugar de *outsider* que esta pessoa sente estar ocupando. Também pode ser consequência do uso de alguma medicação, ou distúrbios metabólicos, entre outras causas fisiológicas. Dentre os principais sinais da autonegligência (BRASIL, 2014), constata-se a falta de cuidado consigo e com os seus pertences, como um indicador importante a ser analisado. Considera-se pertinente a necessidade dos registros diferenciarem autoagressão de autonegligência. A autonegligência, embora seja uma forma de violência, se dá pelo não fazer. Assim, o sujeito não toma a medicação, não alimenta-se corretamente. Na autoagressão, a pessoa é ativa na forma de se agredir, podendo tomar medicações em excesso, cortar-se, colocar-se propositalmente em risco. Tanto a autonegligência, como a autoagressão são situações perigosas, sendo necessário intervenções externas, pois podem resultar na morte do sujeito.

Historicamente, os números sobre suicídio são pouco divulgados. Nem sempre é

simples caracterizar a morte de um velho por esta causa, dado que o suicídio pode acontecer por interrupção ou abuso de tratamento medicamentoso, o que pode ser entendido como um engano da pessoa na administração da droga, por acidente intencional de carro, por proposital atropelamento, ou até mesmo, um suposto quadro demencial, onde a pessoa "esqueceu" o gás aberto em um cômodo fechado. Dependendo da estratégia empregada pelo suicida, a família, e mesmo os técnicos, não têm como saber a causa real da morte, pois o suicídio geralmente só é reconhecido quando deixa marcas claras da sua ocorrência. Tiro, queda de um prédio, uso de muitos medicamentos em dose única, enforcamento, são formas de se matar que não geram dúvidas do que aconteceu ali em quem encontra o corpo. A constatação do suicídio para as famílias e para os técnicos não é algo que ocorra tranquilamente. É comum a presença do sentimento de culpa em quem fica, por acreditar que poderia ter feito algo para evitar que a pessoa cometesse um ato tão extremo.

Estudo realizado por Minayo (2010) aponta para o aumento do risco de suicídio em pessoas com mais de 75 anos nos países europeus. A proporção chega a triplicar para esta parcela da população. No Brasil, os números mostram que velhos se matam mais do que jovens, correspondendo ao dobro do número de suicídios registrados. Quem se mata evidentemente não estava bem. Esta frase parece óbvia, mas é muito empregada para justificar o suicídio. Entretanto, após a ocorrência do suicídio, as pessoas próximas ao sujeito geralmente identificam uma série de sinais que foram menosprezados pela dificuldade emocional de reconhecer que tal situação estava acontecendo com alguém próximo. Pessoas costumam usar um ditado popular que diz: "Cão que late não morde.", fazendo alusão ao fato de quem quer se matar não fala, faz. Atenção, cão que late avisa que pode morder. Esta pessoa pode estar pedindo ajuda. Velhos queixosos ou silenciosos, com distúrbios significativos no sono e na alimentação, precisam de um olhar especial. Estes fatos não são normais na velhice.

As causas do suicídio não são simples de serem encontradas, por se tratar de um evento complexo e dificilmente com uma relação linear entre causa e ação. Algumas possíveis causas são lançadas por Minayo (2010). A existência de doenças graves e/ou problemas relacionados à esfera social podem ser causas significativas. Quanto aos problemas do âmbito social, destaca a convivência com a dor pela morte de pessoas próximas, a presença de dores físicas intensas, medo pelas condições indignas que podem acompanhar o processo de morrer.

Em uma sociedade capitalista e preconceituosa como a brasileira, embora uma parcela da população não acredite na existência de preconceitos no Brasil, é relativamente fácil entender porque são os homens brancos as pessoas velhas que mais comentem

suicídio. Segundo Stuart-Hamilton (2002), a perda de *status* (poder e padrão de vida) que vivencia ao sair do mercado formal de trabalho em decorrência da aposentadoria, acaba contribuindo para a presença de quadros depressivos graves nestas pessoas, resultando, em alguns casos, na prática do suicídio. Fato que não encontra índices semelhantes na população negra, uma vez que a perda de *status* não é significativa com a saída do mercado formal de trabalho, visto que o valor da aposentadoria recebida não difere muito do salário que tinha quando no exercício de sua atividade profissional. Entretanto, parece frágil atribuir a causa do suicídio apenas ao *status* que determinadas profissões dão a quem as desempenha. Os benefícios advindos com o trabalho podem ser mais amplos do que o *status* pelo tipo de atividade que o sujeito desempenha. Acredita-se que os ganhos que o trabalho traz podem estar relacionados ao reconhecimento social pelos colegas, mesmo em profissões com menos *status* social. Também dá para inferir que pessoas com menos *status* social geralmente possuem, como referência quase exclusiva de um lugar de utilidade na sociedade, o trabalho, por terem menos possibilidades de praticar atividades de lazer que possibilitam uma substituição do *status* profissional para outra esfera da vida.

Outro aspecto que merece atenção especial em tempos de crise político-econômica como o Brasil está passando é a questão das demissões direcionadas aos trabalhadores mais velhos. Por vezes, são profissionais mais caros, por acumularem anos de empresa, o gerando acréscimos nos salários por tempo de serviço. Barreto e Heloani (2014) e Sauaya e Cohen (2011) chamam a atenção para as práticas de assédio moral dentro das organizações de trabalho. Destacam o quanto estes profissionais acabam se sujeitando a condições inadequadas para não perderem seus trabalhos, ou são destinados a funções que nenhum outro trabalhador gostaria de desempenhar. Temendo a demissão, muitos acabam se curvando às exigências abusivas das organizações, o que pode levá-los a desencadear doenças psicossomáticas, além de quadros depressivos profundos, os quais podem levar o sujeito a buscar o fim da sua vida.

Ao discutirmos tal temática, os desafios são muitos. Se constatar o suicídio em velhos é uma tarefa complexa, na maioria das vezes, dar visibilidade para esta forma de violência é mais difícil, pois, além da tendência das famílias em ocultar quando ocorre, a imprensa não divulga por questões que atribuem à ética e à segurança de outros suicidas em potencial. Acredita-se que a divulgação deste tipo de ocorrência possa encorajar outras pessoas a cometerem a mesma ação. Desta forma, no intuito de proteger parte da população, não se aborda de forma clara tal problema de saúde, o que dificulta a prevenção e a constatação da dimensão desta forma de autoagressão, pois os técnicos também não conseguem ter estes registros.

Especificamente em relação aos dados obtidos para esta tese, é visível o

empenho/intenção que os profissionais envolvidos na proteção ao idoso caxiense têm em buscar produzir dados para mapear a situação do município quando se refere à violência contra velhos. Entretanto, o desalinhamento entre as planilhas e a não padronização de dados pode estar gerando uma leitura, por vezes, limitada da realidade. Ao registrar os dados, para os técnicos que o fazem pode estar clara a informação, entretanto, os profissionais podem vir a trocar de funções ou, até mesmo, de carreira ao longo das suas atividades profissionais. Imprevistos também podem acontecer impedindo a pessoa de seguir na sua atividade profissional naquele lugar, inviabilizando a compreensão adequada das informações que foram registradas por ela. O profissional que assume este posto pode interpretar o dado de maneira equivocada, esvaziando os dados, ou os alterando.

Nesta tese, a partir do universo de registros cedidos, considerando as 217 ocorrências, 8 casos foram escolhidos para compor a amostra deste estudo. O critério de escolha, como já mencionado, foi por conveniência, sendo que algumas pessoas, ao serem contatadas, não aceitaram participar da pesquisa. A maioria dos entrevistados, que será apresentada a partir daqui, foi acessada através de visitas domiciliares junto aos profissionais dos Serviços de Proteção Especial ao Idoso ligados diretamente à SCAN. Através de contato telefônico, apenas três pessoas aceitaram participar, sendo duas entrevistas ocorrendo na Faculdade da Serra Gaúcha e uma na residência da participante. Como os contatos telefônicos não atingiram a meta, pois, às vezes, os números informados não eram das pessoas, muitas vezes ninguém atendia, e, em alguns casos, houve a recusa em participar, a estratégia para chegar às pessoas foi através das visitas domiciliares. Espaço rico, pois permitiu conhecer mais sobre os cenários onde vivem. Destaca-se que, após o contato prévio dos profissionais com os quais tinham algum vínculo como técnicos e o respectivo aceite em participar do estudo, a pesquisadora era apresentada e ficava sozinha com o entrevistado para que apresentasse os objetivos do estudo, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, assim, a entrevista acontecia com total privacidade. Sempre a entrevista iniciava deixando claro que as falas não seriam reveladas à equipe da rede, pois não havia relação direta entre os dados brutos da pesquisa e esta última.

Das entrevistas feitas, duas foram descartadas pelo fato da pesquisadora não ter abordado com maior intensidade a temática, tendo em vista que se sentiu intimidada pelo local onde as entrevistas aconteceram e pela postura dos entrevistados. Estes eram irmãos e a casa era muito pequena. Como tinham outros integrantes da família na residência, inclusive a mãe que era vítima de violência, as entrevistas aconteceram individualmente em um corredor de acesso à casa, o qual era muito estreito e o entrevistado ficou do lado do portão, estando a pesquisadora entre ele e um muro. Quando ambos negaram a prática de comportamentos violentos com a mãe, imediatamente as entrevistas foram encerradas.

Com o início das entrevistas, as histórias dos sujeitos foram se revelando, e os dados concretos das planilhas foram ganhando rostos, expressões, cheiros em cenários ímpares. Para melhor organização das informações, serão apresentadas cada uma das pessoas participantes da amostra, para, posteriormente, aprofundarmos os conteúdos das narrativas, buscando estabelecer possíveis pontos de encontro entre eles. Todos os nomes utilizados nesta tese para se referir aos participantes foram trocados para garantir o sigilo, conforme compromisso assumido junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

5.2 Conhecendo os sujeitos da pesquisa e seu contexto

Conhecer os participantes da pesquisa é fundamental para entendermos os recortes das narrativas que serão apresentados e analisados neste estudo. Uma sinopse de cada um foi feita, tendo ciência de que nelas contêm conteúdos trazidos pelos próprios entrevistados, somadas às percepções da pesquisadora. Entretanto, nunca são suficientemente amplas para dar conta de todo o sujeito, sendo a sinopse influenciada pelas percepções do pesquisador e pelo viés que o participante pode estar querendo apresentar no momento da realização do campo.

5.2.1 Anita

Muito disponível, prontamente aceitou a participar do estudo e comparecer na FSG para a realização da entrevista, desde que fosse no final de tarde, pois cuidava das netas à tarde. Anita vem de uma família onde os recursos eram escassos. Tinha sete irmãos, sua mãe trabalhava como costureira em casa. Muito cedo saiu para trabalhar em uma casa de família como doméstica. As lembranças deste trabalho não são boas. O dono da casa era muito grosseiro, segundo ela, e a orientação que recebeu do pai ao sair para trabalhar foi de nunca retrucar as ordens recebidas. Da infância, recorda sua mãe trabalhando, mas nunca conseguindo demonstrar carinho para os filhos. Sempre distante, focada no trabalho. Quando não estava trabalhando, lembra da mãe muito agressiva, tanto que disse que seu medo na infância era de acordar apanhando da mãe, o que não era raro acontecer. Os momentos de afeto que guarda foram oriundos do pai.

Ficou anos sem conviver com seus pais, inclusive os mesmos não conheceram seu marido, com quem esteve junto por quase duas décadas. Após longo período sem convívio próximo, apenas com algumas rápidas visitas, em um sábado à tarde, um dos seus irmãos, sem avisar, levou a sua mãe e as respectivas malas para casa de Anita. Na ocasião ela

morava com a filha em um apartamento de dois quartos.

As denúncias são de violência psicológica e financeira, sendo esta última proveniente da filha de Anita. No momento da realização da entrevista, a mãe não estava mais viva.

5.2.2 Sidinei

A entrevista com Sidinei aconteceu nas dependências da FSG. Ao telefonar para ele, prontamente aceitou ao convite. Embora ao final da ligação eu tenha reforçado o horário do encontro, ele chegou com muita antecedência. Havíamos marcado para às 14 horas. Pelo que o segurança comentou, desde o final da manhã ele me aguardava. Como também cheguei cedo, a entrevista teve início cerca de 1 hora antes do horário previamente agendado.

Sidinei estava com 49 anos na época, contou que não chegou a concluir o ensino fundamental, estava desempregado, divorciado e era alcoolista. Contra ele, a denúncia foi de violência psicológica e financeira. Morando na casa do pai, juntamente com sua madrasta, é por eles sustentado. Até não muito tempo atrás (não sabia precisar), suas filhas moravam junto, sendo todos mantidos pelo pai. As filhas acabaram saindo, uma vez que na casa da mãe, segundo disseram, têm mais liberdade.

Durante a entrevista Sidinei não apresentava sinais de ter ingerido álcool recentemente. Bastante magro, chegava a aparentar quadro desnutrido, estava com uma roupa bem simples, mas que dava a impressão de ser a melhor roupa que tinha. Educado, por vezes sensível, um sujeito de fala muito empobrecida e, em alguns momentos, confusa.

5.2.3 Isabela

Muito comunicativa, bem articulada, sabe utilizar estrategicamente as palavras e expressar emoções. Estudou em escolas particulares e chegou a ingressar na faculdade, mas fez apenas alguns semestres iniciais da graduação em Psicologia. Desistiu do curso, pois, paralelo aos estudos, abriu um negócio na área de animais domésticos. Com os resultados financeiros positivos que estava obtendo na época, por acreditar que não teria o mesmo retorno com a faculdade, desistiu dos estudos formais. Primogênita, com 37 anos, mora na casa que era dos seus pais, juntamente com a mãe, o filho e o companheiro, o qual está em liberdade condicional. Neste local desenvolve sua atividade profissional com animais de pequeno porte, a qual lhe permite ter contato com muitas pessoas diariamente. A casa não tem luxos, é de alvenaria, tem dois pisos, dá sinais de carecer de manutenção na

estrutura, mas não parece oferecer riscos às pessoas. Entretanto, é extremamente limpa. Pelo fato de Isabela trabalhar sozinha, a condição para participar do estudo foi de que o encontro ocorresse na sua casa. A condição foi aceita, pois Isabela garantiu que não haveria interrupções e teríamos privacidade. Além de clientes, seu companheiro entrou na cozinha algumas vezes, momentos onde foi possível ouvi-lo também.

A relação entre ela e o irmão é tensa, recheada de conflitos e atravessada pela presença firme e, por vezes agressiva, do seu companheiro, o que lhe dá segurança. O ciúmes está presente na relação com o irmão, temperando ainda mais a convivência dela com a mãe. Quanto às denúncias, estas são de violência física, psicológica e financeira contra a idosa, sendo praticadas pelos dois filhos e pelo genro, segundo informações obtidas junto à rede.

Durante a entrevista ficou evidente a violência psicológica e financeira, embora Isabela não entenda desta forma, principalmente a financeira, pois acredita que não age de forma errônea. Quanto à residência, afirma que a casa onde mora é sua por direito, sendo a mãe quem mora com ela, e não o contrário.

Importante destacar que, ao ser contatada para a participação na pesquisa, prontamente aceitou, por acreditar ser um espaço de escuta singular para expor a sua versão sobre a situação com a mãe.

5.2.4 Cristina

A carência de todos os tipos de recursos foi evidenciada na entrevista com Cristina. Tem 42 anos, mas, segundo ela, sente-se com 60. Estudou pouco, pois a família viajava muito. Lembra que com muita facilidade o pai “*se invocava*” que eles deveriam se mudar, chegando a levar toda a família para o estado do Mato Grosso, aonde veio a falecer cerca de 30 anos atrás.

Ao chegarmos em sua casa, demorou para atender o portão, pois estava dormindo. Já era mais de 9 horas quando foi chamada e saiu gritando de casa, dizendo que nem dormir mais era possível. Enquanto as técnicas foram ver a mãe de Cristina, a entrevista aconteceu no pátio da casa. Local no mínimo insalubre, em um bairro bastante pobre da cidade. No terreno, havia duas construções: a cada dela que ficava na frente, e um barraco atrás, que era da sua mãe, mas decidiu que uma de suas filhas moraria ali. Pelo pátio de chão batido, roupas velhas e brinquedos quebrados espalhados, além de restos de embalagens. Alguns cachorros estavam soltos, misturando-se naquele cenário e, ao abrir a porta de casa, dois gatos saíram, não sendo possível contabilizar quantos animais lá havia. Segundo as técnicas, as condições no interior da casa eram muito precárias, ficando todos

expostos a riscos de contaminações diversas, tamanha a quantidade de sujeira do local.

No terreno, atualmente moram 7 pessoas, segundo ela relata, a saber: filha (com suspeita de comprometimento cognitivo), genro, neto de 2 anos e 6 meses, esposo, mãe e ela. Um neto de apenas 1 mês está em um abrigo, pois a família está recebendo acompanhamento do conselho tutelar, por não oferecer condições seguras ao bebê, o que vai de encontro à fala de Cristina. Recentemente, Cristina ficou no hospital acompanhando sua mãe e há suspeitas de que havia praticado furtos no local.

Quanto aos tipos de violência praticados, estes englobam um leque significativo: negligência, violência física, psicológica e financeira.

5.2.5 Susana

Mora em um local retirado, tranquilo, em uma nova e bela casa em uma rua onde residem praticamente só parentes. Filha única, perdeu o pai quando tinha 9 anos. No momento da entrevista estava com 38 anos. Estudou até o final do ensino médio e estava passando por um processo de divórcio litigioso, pois relata ter sido vítima de violência física por parte do ex marido. Desta relação teve um menino, que segue morando com ela, inclusive dormindo junto na mesma cama, mesmo ele tendo um quarto só seu. Sobre sua renda, diz viver com o que guardou ao vender uma loja que tinha no centro da cidade.

Demonstra ser uma exímia dona de casa. Ao chegarmos, estava limpando a residência, estando a casa toda em dia. Contra ela, as denúncias são de violência física, psicológica, financeira e até, cárcere privado, quase todas negadas por ela. No momento da entrevista, sua mãe estava residindo em uma ILPI por solicitação dos órgãos de proteção.

5.2.6 Roberta

Na primeira tentativa de encontrar Roberta, ela não estava em casa. Tinha ido com a filha do meio ao posto de saúde. Roberta mora no andar de baixo da casa do pai com o marido, uma filha do seu primeiro casamento, um filho que eles têm em comum e uma enteada grávida. A filha mais velha casou e saiu de casa. Roberta é aposentada por invalidez, o marido está com problemas sérios de saúde nos rins e próstata, mas ainda não havia conseguido o benefício do INSS e sua cirurgia estava agendada para cerca de 8 meses. Roberta relata que passa muitas noites em claro em função dos gritos de dor do marido. Na ocasião, a única renda da família de Roberta era a sua aposentadoria, pois ninguém mais trabalhava.

Embora a casa seja a mesma na qual mora o pai, as realidades são muito distintas.

Os acessos são independentes, bem como as contas de água e luz. No andar de cima mora o pai e dois irmãos. Um é deficiente mental, o outro, dependente químico. Este último tem levado muito entulho para casa, o que tem atraído animais como aranhas, ratos e até cobra. Estes entulhos ficam na garagem, por onde se entra na casa do pai. Os cômodos são muito simples, móveis e eletrodomésticos, como fogão, bastante antigos, mas relativamente limpos. No andar de baixo, a apresentação era muito boa. A casa estava bem equipada, com bom aparelho de televisão e uma série de eletrodomésticos, como por exemplo, máquina de fazer pão elétrica.

A denúncia contra Roberta é de violência econômica. Segundo o que foi constatado, tem ficado com boa parte da aposentadoria do pai. Ela afirma que a situação está muito difícil, não apenas economicamente, mas psicologicamente, pois, nos últimos meses, está bastante sobrecarregada e, na ocasião, preocupada com o início da volta às aulas e os custos extras em função dos materiais do filho mais novo. Percebe-se bastante responsabilidade sobre seus ombros, pois há alguns meses estão tentando acessar o benefício para o marido e não estão conseguindo, o que mudou muito orçamento deles, segundo ela. Algumas das coisas que ela afirmou ter comprado para o pai com o dinheiro dele não foram encontradas, como um fogão novo. Ela alega que administra o dinheiro do pai, pois o irmão, que é dependente químico, força-o a dar para ele, deixando-o sem verba para passar o mês.

Ao desligar o gravador, Roberta comentou que no último mês não estava mais conseguido dormir à noite.

5.2.7 Álvaro

Álvaro estava com 29 anos no período da entrevista, filho único, estudou até a 8ª série, mas não concluiu e estava desempregado. Disse trabalhar com construção civil, mas que, no momento, estava parado. Mora com a mãe em uma casa que foi transformada em pensão. A mãe está cega e tem uma mulher que cuida dela. Ao entrevistá-lo, era mais da metade da manhã e estava completamente descabelado, com uma cicatriz recente no rosto, lembrança de um “probleminha”, segundo ele, que teve com “um cara na rua”. Nas suas palavras, a situação ocorrida na rua “foi um papo parelho”.

A violência praticada é, principalmente, a financeira. Com a renda da mãe se mantém, mas não entende isso como algo violento. Afirma que não é de pedir muito dinheiro, uma vez que não tem grandes gastos. Mostra o cigarro que fuma, que é feito por ele mesmo com fumo e, geralmente, folha de caderno. Tem histórico de uso de drogas pesadas no passado, mas disse que, no momento da entrevista, estava fazendo uso apenas

de álcool e cigarro comum. Já foi internado compulsoriamente em decorrência do álcool, ficando 63 dias em clínica psiquiátrica.

Carrega, desde a infância, uma questão mal resolvida em função de ter sido adotado. Relata uma mágoa intensa por ter sido rejeitado pela mãe biológica, jogando toda responsabilidade pelo seu comportamento, entre os quais o abuso do álcool, no fato de não dar conta de ter sido rejeitado inicialmente. Também queixa-se de um dos hóspedes, que diz roncar muito e incomodar o seu sono. Sobre a relação com a mãe, disse que é muito boa.

5.2.8 Zelfino

Zelfino chamou a atenção por ser um agressor velho. Aos 74 anos, encontrava-se em uma casa de passagem, pois foi retirado de casa por determinação do Ministério Público. Diga-se de passagem, o único dos casos onde o agressor foi retirado do lar onde a vítima reside. As denúncias contra ele são das mais variadas formas de violência contra a sua família, incluindo a esposa. Já agrediu-a fisicamente, psicologicamente e sexualmente. Carrega o estereótipo do bom velinho, mas há provas bastante concretas das violações que comentou. Até o momento da entrevista, eram 7 processos e 8 boletins de ocorrência, não restando dúvida do risco que ele representava permanecendo em casa. Consta em uma das denúncias, que ficava esperando a esposa na escada escondido com um “porrete” para agredi-la. Todos os membros da família têm medida protetiva contra ele. No início do mês de janeiro de 2015, foi retirado pela polícia de casa. Ao se dar conta da situação grave em que estava, acionou a rede através do POPRUA, serviço que dá suporte a pessoas em condições de risco e sem lar. Esta é uma característica do idoso, segundo as pessoas que trabalham no albergue e a equipe do SPEI: vitimiza-se para passar a imagem de bom velinho, mas é violento e muito esperto.

Em um primeiro momento, as atendentes da casa de passagem ficaram com pena de Zelfino, pelo discurso de vítima muito convincente que apresentou. No entanto, tentou seduzir algumas atendentes, bem como ofereceu dinheiro para uma mulher que estava de passagem também na instituição para que fizesse sexo com ele. Os funcionários ficaram temerosos com a situação, uma vez que a mulher era soropositivo e não demonstrava maiores preocupações com prevenção na transmissão.

Apesar das constatações das agressões feitas, Zelfino nega todo e qualquer tipo de violência, dizendo ser vítima e não entender o porquê foi retirado de casa. Considera-se injustiçado. Quando da entrevista, estava em um albergue esperando vaga para morar em uma instituição de longa permanência.

5.3 A voz dos agressores

Para organizar a significativa quantidade de material coletado ao longo desta pesquisa, através da análise de conteúdo chegou-se a duas grandes categorias. A primeira delas trata da multidimensionalidade da violência contra velhos. A segunda refere-se aos mecanismos sociais de atenção à violência, que circunscrevem o cenário da violência não só para os velhos, mas ampliando este universo e buscando discutir as consequências desta na sociedade. A primeira serviu como um amplo guarda-chuva para abarcar as subdivisões que nela foram feitas e que serão apresentadas e discutidas a seguir.

5.3.1 *Multidimensionalidade da Violência*

Esta categoria inicia deixando claro que seria utópico acreditar que, através de uma pesquisa, todas as dimensões da violência contra os velhos poderiam ser abarcadas. No entanto, acredita-se ser possível identificar e refletir sobre inúmeras variáveis desta, as quais aqui estão organizadas como causas e condições da violência. Importante destacar que a explicitação das palavras "causas" e "condições" não se deu por acaso. Por causa, entende-se a presença de algum elemento que dá a existência a um outro, ou o que precede a um fenômeno (FERREIRA, 2010). Neste sentido, é possível estabelecer uma relação direta entre a presença de determinada pessoa/situação e a ocorrência da ação violenta. Quando discute-se as condições, esta relação direta que identifica o elemento que ocasionou a violência não é tão visível. Refere-se a um cenário que favorece a presença de relações agressivas, embora, por si só, não garanta a presença de tal tipo de conduta.

Ciente da impossibilidade de rastrear todas as possíveis causas e condições da violência contra velhos, algumas aproximações em relação a este tema foram feitas, sendo identificados três aspectos expressivos que ajudam a compreender as origens desta forma de violência, a saber: enquanto causas, a construção das relações familiares, abordando a construção dos vínculos e o consumo de drogas ilícitas e álcool; já como condição, a presença do desemprego na rotina familiar. No entanto, mesmo nas subcategorias que majoritariamente se enquadram em causas, ou em condições, fica claro que, por vezes, as fronteiras entre elas se borram, identificando-se condições para a violência em um contexto marcado por causas, como será visto a seguir.

5.3.1.1 Construção das Relações Familiares

Construção das relações familiares foi o nome encontrado para fazer alusão aos aspectos relacionados à dinâmica das relações dentro das famílias. Que cada família tem uma forma ímpar de se estruturar é fato. Na sociedade atual encontramos as mais diversificadas composições familiares. Não é mais possível ficar preso ao modelo tradicional de família patriarcal, uma vez que, em diferentes capitais do Brasil, de acordo com os dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE (2014), muitos lares são chefiados por mulheres. Em Porto Alegre, por exemplo, este índice chega a 23,1%, índice similar a capitais como Belo Horizonte (23,9%) e São Paulo (21,5%). As orientações sexuais também contribuíram para a mudança no modelo tradicional de família, onde são consideradas famílias também legítimas, aquelas constituídas por casais homoafetivos, aquelas onde há apenas um adulto que é responsável por uma ou mais crianças, e, em alguns casos, filhos responsáveis pelos pais. Também é possível constatar, em função da inserção da mulher no mundo do trabalho formal e dos investimentos na carreira profissional em primeiro plano, que muitos casais optam por não ter filhos, ou quando decidem, a mulher não tem mais condições de tê-los por meios naturais, reduzindo significativamente o tamanho das famílias nucleares.

Todavia, estas transformações não significam uma desestruturação familiar, mas outras formas de se relacionar/estruturar. Nesta tese não serão discutidas composições de família ideais, até porque, não se acredita que haja uma que se sobreponha a outra. A intenção é conhecer como os integrantes, independentes de quais sejam estes, conseguem se estruturar, ou não, para dar conta das questões básicas de existência de um núcleo familiar.

Um fator importante ao considerarmos a construção das relações familiares ligado diretamente ao tema desta pesquisa é o envelhecimento da população. Nunca tantas gerações conviveram por tanto tempo e, em muitos casos, em uma mesma residência. Também há o fato de que muitas pessoas estão demorando mais para sair da casa dos pais, principalmente nas classes econômicas mais favorecidas, o que acarreta maior tempo de convivência e, algumas vezes, maior exposição dos velhos a situações de vulnerabilidade. Nas classes menos favorecidas, a razão para as gerações coabitarem frequentemente está associada à escassez financeira. Os dados estatísticos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios divulgados pelo IBGE (2010) sinalizam para o fato de que, no Brasil, 64,1% dos velhos são tidos como as pessoas de referência no domicílio. Considerando a renda per capita divulgada pela mesma pesquisa, 43,2% dos velhos moram

em casas onde esta renda é de até 1 salário mínimo, o que mostra a importância dos recursos financeiros dos velhos para o sustento da residência, já que 77,4% destes são aposentados e/ou pensionistas, significando uma renda fixa garantida. Em estudo realizado por Figueiredo et al (2010), os autores apontam que no Brasil, 95% dos velhos moram em suas casas, ou com parentes, contribuindo financeiramente com a vida familiar, ou sendo os provedores exclusivos. A renda dos velhos tem grande relevância quando se discute o envelhecimento da população e o lugar que este ocupa na cena familiar. Um recente material produzido pelo Centro Internacional de Longevidade Brasil (2015) chama a atenção para a importância de melhor distribuição de renda, trazendo o exemplo de países da América Latina que, com a implantação das pensões universais não contributivas, colocaram os velhos em situação menos vulnerável, tirando-os de um lugar de pobreza extrema. Este documento põe em destaque a importância de que a segurança econômica dos velhos seja uma política global prioritária, não apenas por beneficiar aos velhos, mas por entender que o dinheiro recebido por estes acaba beneficiando os outros membros da família.

Dos participantes da pesquisa para esta tese, mais da metade segue dependendo economicamente dos pais, situação que será abordada mais profundamente na categoria nomeada como desemprego. Chama a atenção que, mesmo dependendo financeiramente, os filhos ainda se apropriam de bens e/ou aposentadoria para se manterem. Uma das velhas está sem casa, pois, os filhos ficaram com o direito das propriedades dela, como é possível constatar no relato de Isabela:

Aí teve um dia dessas visitas que elas (referindo-se às técnicas da rede) vieram aqui em casa, elas ficaram aqui um pouco, conversaram, porque a visão que elas têm é que aqui é a casa da idosa (...). Elas entendem assim, então elas vinham na casa da idosa. Só que na verdade, digamos assim, na lei, em documento, a coisa não é bem assim, que depois eu vou te colocar. Eu já tenho parte dessa casa que era usufruto da minha avó, eu sou nuproprietária da casa. Eu não moro eu com a minha mãe de favor, essa casa ela já é minha... digamos, tanto por cento no papel. Então eu teria até o direito de dizer não, na minha casa não quero (referindo-se à mãe). (Isabela)

Em outra situação, a filha busca a aposentadoria do pai e compra para ele o necessário, do ponto de vista dela. Esta entrevista foi impactante, pois, ao chegar à residência, foi constatado que as condições de moradia do seu pai eram precárias. Ao parar na frente da casa, seu pai, que mora no andar de cima, mas, pela casa estar localizada em um morro íngreme também tem acesso direto pela rua, estava com calças furadas de cinzas de cigarro, sentado sozinho na frente da moradia. No andar de baixo, onde a filha reside, tudo muito organizado, casa bem equipada com bons eletrodomésticos e relativo conforto.

Considerando a pesquisa bibliográfica feita neste trabalho, observou-se ao longo da história o quanto a questão econômica foi o motivo utilizado para cometer atos violentos contra os velhos. Conforme escritos de Minois (1999), os filhos romanos cometiam atos de violência contra os pais na busca de assumir as posses que estes detinham. Mas será que só o dinheiro justifica este tipo de comportamento? Realmente esta é uma hipótese difícil de aceitar, pois conhecer as diferentes histórias que constituem a história de uma família parece trazer mais subsídios para compreender o que levou tal filho a cometer tal violação. Em Roma, por exemplo, não podemos esquecer que as famílias eram patriarcais, e as relações, conforme relatos históricos (MINOIS, 1999), não eram das mais afetuosas. No momento em que a velhice expõe os progenitores a condições de vulnerabilidade, os filhos, que sempre tiveram que se calar e acatar tudo o que era decidido pelos pais, agora se “vingam”.

Passar o direito aos bens, ou o direito de receber a aposentadoria, mesmo que para filhos, pode ser uma situação extremamente delicada. Enquanto o velho tem o controle das suas posses, ele tem algumas garantias, pois a decisão das compras, ou de onde morará, em geral, é sua. No momento em que faz uma procuração, delegando estes direitos a outras pessoas, pode se colocar em situação de risco, como constatado aqui. Cabe, então, estabelecer relação com os escritos de Elias e Scotson (2000), pois explicita a troca de lugares entre as gerações quando buscamos compreender quem são os estabelecidos e quem são os *outsiders*. Estar ciente desta história não justifica, mas ajuda a compreender a ação cometida.

A história de uma família é atravessada pelo prisma de quem a conta. Assim, os recortes das histórias das famílias que são aqui apresentados provêm do sujeito tido como o violador dos direitos dos velhos. Chama a atenção ao longo dos relatos, o distanciamento, inclusive físico, dos pais em relação aos filhos em todos os casos onde o agressor foi um(a) filho(a), o que leva a pensar na desestrutura familiar. No momento em que as narrativas iam ao encontro deste tema, alguns entrevistados ficavam embargados, relatando que o sujeito vítima de violência atualmente, fez muito pouco para construir vínculos afetivos sólidos. É sabido, através dos estudos psicológicos, o quanto a relação inicial mãe (cuidador) bebê é importante para a estruturação de um aparelho psíquico saudável, bem como para o desenvolvimento de um adulto seguro e saudável emocionalmente. Bowlby (1988) dá muita ênfase a esta relação mãe/bebê para o desenvolvimento da criança. Segundo ele, as crianças vão construindo um modelo representacional interno de si, o qual será diretamente influenciado pela maneira como foi cuidado nestas primeiras relações.

Nos estudos de Winnicott (2001), autor que também se dedicou aos estudos destas primeiras relações, fica claro o quanto o ambiente em que a criança é criada influenciará no seu desenvolvimento posterior, ambiente este proporcionado pela mãe/cuidador, que diz respeito ao afeto, às emoções, não à estrutura física. No entanto, ao longo das entrevistas, em todas elas, é evidente a lacuna sentida pelos narradores desta relação. Importante destacar que não necessariamente esta lacuna tenha sido percebida pelos pais ou por outros irmãos, mas assim foi significada pelos entrevistados. Mesmo após décadas desta relação, há uma marca na história destes sujeitos desta falta, que é constatada nos relatos de três filhas apresentados a seguir:

A mãe era apanha, mas não um, dois, três tapinhas, era apanha até ela cansar. Tanto que os que sobravam, que tavam fora diziam, tá bom, já chega. O pai nunca nos bateu. Acho que ele pensava que ela já batia que chega... Quem fazia pipoca em dia de chuva, bolo em dia de chuva era ele, nunca ela. Ela ficava naquela máquina de costura, ela costurava pra fora e a gente não podia chegar perto”(Anita)

A minha mãe ela não é uma pessoa que ...saiba assim ser mãe, dona de casa, tudo. (...) Eu acho, eu vejo nas fotos de pequeno que era diferente. Porque assim ó, ela tinha um vínculo afetivo muito grande com o pai dela, o meu vô. Aí assim, eu acho que, houve um problema de coisa de dede papéis, do papel masculino na vida dela muito complicado. Então assim depois ela teve esse problema com o pai, com o meu pai, ela transferiu esse esse, acredito eu depois pro meu irmão, essa época que eles dormiram juntos, e aí ele deixou dela. Então assim ela tem uma coisa com ele muito engraçada, tipo assim, teve vezes aqui em casa que tinha alguma coisa pra comeu, eu dizia assim: Ai mãe, tem tal coisa? Ela pra mim ela dizia que não tinha, depois ela tinha guardado pra ele. Então assim eu sofro muito com isso, tu entende? Ela faz uma diferença entre eu e ele enoorme.(Isabela)

Com a minha mãe? Sempre foi bastante difícil. Bastante difícil. Não que eu quisesse, mas sempre foi muito difícil. Ela era assim com as irmãs, era assim, com a mãe, era assim com os irmãos, sabe? (começa a chorar). Eu trabalhava, chegava em casa cansada e ela puxava briga. Ela queria brigar, sabe? Ela não tinha sossego.(Susana).

No primeiro relato, percebe-se que a falta de convívio entre mãe e filha é presente. Nas memórias desta filha, apenas a imagem da mãe trabalhando e as surras que levava povoam esta relação. Que estrutura emocional esta filha poderia ter para, depois de décadas de afastamento desta mãe, recebê-la na sua casa, na condição de uma estranha, pois não tinham contato próximo há muitos anos?

No segundo relato, a sensação de ser preterida pelo irmão é trazida pela entrevistada. No momento da entrevista, disse que havia decidido nas últimas semanas, em consenso com seu marido, que a mãe passaria a morar com o irmão, pois ele tem todas as regalias, na opinião dela, e ela é quem tem que cuidar da mãe.

A fala de Susana evidencia o quanto tem dificuldade em se relacionar com a mãe, alegando que desde sempre esta convivência foi difícil. Como seu pai morreu quando tinha 9 anos, acredita que se ele estivesse vivo, não se sentiria tão sozinha.

Em outra situação, talvez uma das mais graves, se é que seja possível assim classificá-la, na história de Cristina há o registro de uma mãe alcoolista, o que, provavelmente, tenha contribuído para a situação atual.

A narrativa apresentada a seguir, foi proferida por um homem, o qual também traz as memórias de uma mãe ausente:

Olha, se eu vou te dizer pra ti, né, que me fez uma pergunta e tem uma resposta. Ela saía assim...., ficava até uma semana fora de casa, até minhas tias deviam saber mais do que eu. Porque eu era pequeno, né. E ela me deixava dentro do prédio sozinho, saía fazer festa, até por ocasião, quando era novo, que tinha, são duas irmã... com ela, e, ela me pegava de ônibus, de lá de Santa Tereza né, acho que pertence a Bento, eu acho, não se se se emancipou. E nós passava de ônibus na frente do bar do pai, e ela me abaixava a cabeça pro pai não me ver que eu tava com ela. E nós ficava diiiiias, 15, 20 dias mais lá. E isso aí me doía muito, viu. Porque a gente chega em determinada idade aí que a gente vai entender as coisas... Porque totalmente eu não sei tuuuudo, tudo tudo assim. Naquela época eu era pequeno, não sei como aconteceu aquele acontecimento com os dois.(Sidinei).

Ganha destaque nestas histórias o quanto o comportamento das mães fora marcante para estas pessoas. Os quatro entrevistados que ilustram estas falas guardavam ótimas lembranças dos pais, inclusive Sidinei chegou a falar que seu pai foi “duas mães”. Fala que vai ao encontro da de Anita, quando recorda o comportamento do pai com os filhos:

O pai nunca nos bateu. Acho que ele pensava que ela já batia que chega... Quem fazia pipoca em dia de chuva, bolo em dia de chuva era ele, nunca ela.

Um trecho da narrativa de Susana, que atribui à mãe o lugar de vilã, apresenta significativa contradição das suas emoções ao mencionar o pai:

O pai, o meu pai era alcoólatra ta, e ele se foi quando eu tinha 9 anos de idade. Então desde ali, eu acho que eu tava sozinho, sabe? Eu acho que minha mãe faleceu junto. Então eu tive que me virar muito cedo, mas o psicológico não, não consegue se virar muito cedo, né. O psicológico fica muito abalado, muito... muito complicado, mas assim ó, o meu pai era uma pessoa alcoólatra, mas ele era uma pessoa afetuosa também, carinhosa, assim como eu sou com o meu filho, sabe. Áã... seta brabo, demonstra que ta brabo, mas se é carinhoso, é muito carinhoso. Então...até que meu pai ele teve comigo aí, mesmo a gente passando por muita dificuldade, tendo que fugir de casa porque ele era violento, eu tinha que dormir nos vizinhos, eu tinha que ... passar fome às vezes, porque se escondia no meio do mato até que ele se acalmasse pra gente poder entrar e pegar alguma coisa pra dormir em algum lugar. Mas apesar de todos esses problemas, apesar de ter uma infância difícil, eu gostava muito do meu pai.

O meu pai era era assim o meu... o meu chão, minha segurança, ele era... uma pessoa assim que me... me entendia nos meus poucos anos de vida, né. E eu fico imaginando se hoje ele tivesse aqui ele me entenderia muito mais.

É curioso pensar que quem a protegia da violência do pai era a mãe, entretanto, ela não expressa bons sentimentos para com esta. Mesmo com as recordações do pai ficando muito violento quando bebia, o que fazia a mãe fugir de casa com ela, acredita que estaria melhor se ele estivesse presente.

Através dos conteúdos que versam sobre os pais, percebe-se que, embora os pais demonstrassem afeto em relação a eles quando crianças, nada fizeram para mudar o comportamento das mães, o que permite também que algumas inferências sejam construídas. É possível pensar que eram homens enfraquecidos diante de mulheres com comportamentos tidos como socialmente masculinos. Trabalhar, há seis décadas atrás, era ofício para os homens, da mesma forma que deixar crianças em casa e ir para festas ficando dias longe da residência, nunca foi um comportamento esperado para mulheres na nossa sociedade. Outra hipótese que não pode ser ignorada é que, talvez, por serem crianças, não conseguiam perceber realmente o que estava acontecendo, significando da sua maneira as relações com as mães, não sendo realidades concretas, mas tornando para eles realidade no seu imaginário, o que explicaria a omissão dos pais diante de situações tão sérias. Conforme Marmolejo (2005), a vivência de situações de violência na infância pode conduzir o adulto a reproduzir este tipo de comportamento, tornando-se um ciclo vicioso na família, por atravessar gerações.

Outro fato que ganhou destaque nas entrevistas é que, exceto em um caso, o estado civil da pessoa agredida era viúvo. Talvez possa-se inferir que a viuvez, principalmente em famílias desestruturadas, pode colocar o sujeito em condição vulnerável. Enquanto casados, não estão sós por ter um ao outro, e vão se apoiando e se defendendo. No entanto, quando da viuvez e das limitações inerentes ao processo de envelhecimento, reconhecendo que não tem mais condições de morar só, ou não tendo coragem de abandonar os filhos, fica exposto a situações de extrema fragilidade, sendo vítima das mais diversas formas de violência sem conseguir denunciá-las, pois, por pior que seja a realidade, estar junto aos seus parece o melhor. Esta situação pode estar relacionada ao que Faleiros (2007) denominou de conluio do silêncio. Quem constata as agressões não denuncia, por recear ter que assumir responsabilidades no cuidado que demandariam muitas mudanças na sua vida. Ao velho agredido, reconhecer a violência praticada por um filho contra si pode significar assumir que houve falhas no seu papel de progenitor, assim, o silêncio se instaura e a violência permanece sendo praticada.

Também chamou a atenção a narrativa de um rapaz que carrega consigo o trauma de ter sido abandonado pelos pais biológicos. Segundo ele, esta é a razão para o seu estado emocional. Alega não ser fácil carregar o peso de uma rejeição. A ênfase da sua narrativa é muito mais para o fato de ter sido abandonado, do que para a oportunidade que teve de ser adotado.

(...) como é que eu vou te explicar, faz bastante (diferença ser adotado). Porque a pessoa que, uma mãe não quer cuidar de um filho, eu acho estranho... Se até um gato cuida se tu não tirar o filhote dele, eu acho estranho, mas cada um pensa de uma forma.(...) Essa parte de adoção foi o que me levou pras drogas. (Álvaro)

Mesmo a adoção tendo acontecido há décadas atrás, ele não consegue superar esta marca. Seu pai adotivo faleceu quando ele tinha estado em um hospital psiquiátrico para desintoxicação do álcool, o que também gera revolta nele:

(...) o meu pai... eu não pude cuidar dele, o Ministério Público me levou pro Paulo Guedes, eu não pude cuidar do meu pai. Então eu só vi ele no caixão, então eu... Eu não posso nem ver o carro da polícia, porque se eu ver o carro da polícia eu não sei se da vontade de atirar neles, ou jogar uma pedra, alguma coisa. (Álvaro)

Pela fala, é possível inferir que a conduta agressiva não ocorra apenas com a mãe. Além deste relato, no dia da entrevista, ao chegar na sua casa no meio da manhã, ele recém havia acordado e estava com uma cicatriz recente no rosto. Segundo ele, foi devido a um “papo reto” que ele tinha tido com “uns caras”, dando a entender que ainda se envolve em confusões com brigas corporais na rua. Sua mãe está acamada, mas segue sustentando o filho, que não tem emprego formal. Pela narrativa do rapaz, a relação entre ele e a mãe é boa, embora recaia sobre ele a constatação da prática de violência financeira e, por vezes, psicológica, que ele nega. Disse que é pouco o dinheiro que pega com a mãe e que, seguido, ficam dando risadas juntos. Ao ser questionado sobre sua infância e adolescência, nada do que diz respeito aos pais foi trazido. No momento da entrevista na casa onde moram, havia inquilinos, inclusive um dividindo o quarto com ele, o que lhe era motivo de irritação, pois o rapaz roncava e não o deixava dormir, e uma cuidadora para auxiliar a mãe acamada. Segundo ele, já acordava com humor alterado em função das noites mal dormidas. Alugar espaços na casa foi uma decisão da mãe para aumentar a renda familiar, assim, algumas pessoas alugam cama para lá passar a noite. São inquilinos fixos, não alugando espaço apenas para uma noite, o que poderia colocar a idosa em risco ainda maior. Nas falas de Álvaro, observa-se um lugar de vítima por ele assumido, onde todos parecem ser responsáveis pela sua condição, exceto o próprio.

Ao analisarmos as estruturas familiares, fica claro o quanto em nenhuma destas famílias houve um ambiente que atendesse adequadamente às demandas na infância destes agressores, evidenciando a desestrutura das relações nela contidas. As recordações que trazem são recheadas de conteúdos sofridos, como rejeição, abandono, violência física. Não se sabe como foi a chegada destas crianças nestas famílias do ponto de vista dos pais, talvez, em alguns casos, podem ter sido fruto de gravidez indesejada, ou terem sido concebidas em um momento difícil do relacionamento do casal, por exemplo. Que houve falhas na criação destes filhos fica evidente, mas, muito provavelmente, estes pais não erraram de propósito. Talvez, aquela mãe que costurava o dia inteiro estivesse sobrecarregada de trabalho, acreditando que, imersa nas atividades profissionais, poderia dar um exemplo, ou melhores condições aos filhos. Não podemos esquecer que até poucos anos atrás, os pais tinham total direito sobre seus filhos, e surrar era considerada como uma maneira de colocar limites, estava associado à educação das crianças. Considerando pesquisas anteriores, como a de Sanchez, Lebrao e Duarte (2008), o fato de uma criança ter sido vítima de algum tipo de violência, potencializa as possibilidades desta criança, quando crescida, vir a agredir seu antigo agressor. Partindo dos pressupostos que Bandura (1973) apresenta na Teoria da Aprendizagem Social, é através da observação do comportamento das pessoas que são mais significativas para a criança e das respectivas consequências que estas ações ocasionam, que são aprendidos os comportamentos, internalizando valores, imitando ações, as quais são incorporadas como padrões de comportamentos por determinado grupo.

Uma situação que chamou muito a atenção, até por ser a única onde o agressor foi retirado da residência, foi a do Zelfino. A desestrutura familiar também fica em destaque quando se verifica o rompimento dos vínculos dos filhos e da esposa com ele. Na sua fala, constata-se um relato extremamente vitimizado, mas, de acordo com as ocorrências, há situações evidentes de atos violentos recorrentes contra a esposa, que é velha, como também contra os filhos. Retirado pela polícia da sua residência, julga-se vítima de uma família que não reconhece tudo o que ele fez de bom para eles. A entrevista foi realizada na instituição onde estava abrigado. Nesta instituição, segundo as profissionais que lá trabalham, através da sua fala e postura vitimizadas, tentou seduzi-las. Os registros contra ele são das mais diferentes formas de violência, inclusive violência sexual contra a esposa e espancamento. Os filhos o rejeitam e a esposa não pode vê-lo. Entretanto, desconhecendo as agressões por ele cometidas, não é possível imaginar que um sujeito como ele se apresenta, seria capaz de tais condutas, o que, como hipótese, sem ter sido realizado diagnóstico, pode ser explicado por uma suposta estrutura perversa de personalidade. O relato a seguir mostra a condição de vítima na qual Zelfino se coloca em relação à família:

Eu morava na minha casa. Com a minha esposa, e depois o filho se separou da esposa dele e foi morar lá em casa. Foi o que aconteceu. E eu vou lhe contar como foi que aconteceu. Foi coisa planejada de propósito, porque a minha mulher nós, eu morava, dormia na garagem. Achei melhor me separar, eu dormia fora, fazia a higiene (faz algum som que não dá para entender). E foi quando eu voltei pra minha casa, porque eu ia ficar pagando aluguel só pra dormir, fazer a higiene? Vou pra minha casa, gastar esse dinheiro? Jogar esse dinheiro fora. Tentei de tudo, fiz de tudo pra que ela pegasse o dinheiro e fizesse a comida em casa pra nós e, fizesse, pagava tudo. E então fiquei em casa. E eles me prepararam....uma... uma noite, eu tava lá, eu tava lá... então, só porque eu pedi... pra ela fazer janta... ela ia fazer pra ele e pra ela, disse: faz um pouco de comida quente pra mim, eu já tinha levado a comida pra casa. Não sei o que que eles prepararam, que de noite, me parou uma uma combi, com motorista pago e tudo, e eu pagando a condução e não sabia o que que era, pra me tirar de casa. Pra me tirar de casa, ele que preparou, o guri, só pode ser. E... depois me trouxe e no fim terminei ficando aqui na clínica, aí eu comecei a pagar, né.

Fica difícil saber o que levou a esposa a se manter em uma relação tão violenta por tantas décadas, já que foi o único casamento e este ocorreu quando eram jovens. Entender esse motivo seria possível apenas conhecendo as primeiras relações desta mulher com seus progenitores, para compreender o que ela foi buscar, mesmo que inconscientemente, neste homem, ou considerando questões culturais que culpabilizavam as mulheres pelo fracasso dos casamentos. O que é sabido é que, em determinado momento, a situação ficou insustentável. Talvez por enxergarem, principalmente os filhos, neste homem, fragilidades em decorrência da velhice, tiveram força e coragem para denunciá-lo, deixando de estar na categoria dos *outsiders*, para ocupar os seus lugares na categoria dos estabelecidos (ELIAS e SCOTSON, 2000).

A situação de Zelfino motivou para uma busca teórica sobre velhos violentos. Estudos sobre velhos envolvidos em crimes como agentes destes são raros, talvez pelo estereótipo criado em relação ao "bom velhinho", dificultando enxergar nele uma pessoa que pode ser violenta (CÔRTE, 2010). Em um dos poucos estudos com este recorte, Côrte (2010) analisou a população carcerária de São Paulo e não encontrou representatividade significativa de velhos nesta, entretanto, sinaliza para o crescimento dos velhos neste grupo, acompanhando o envelhecimento da população. Acredita que os velhos que cometem crimes, são pessoas que já estavam envolvidos com estas situações no passado, o que pode sinalizar a ineficiência das políticas de ressocialização de infratores.

Ao discutirmos o tema da construção das relações familiares, outro aspecto fica em relevo, a tal ponto de constituir uma subcategoria dentro das causas da violência, a saber, a presença das drogas ilícitas e do álcool no meio familiar.

5.3.1.2 Consumo de drogas ilícitas e álcool

Nesta subcategoria, os conteúdos abordados dizem respeito ao consumo de drogas ilícitas e de álcool, quando este último, usado de forma abusiva, altera o comportamento da pessoa interferindo na sua rotina, bem como nas relações afetivas estabelecidas pelo sujeito. Outros estudos (MACHADO e QUEIROZ, 2006; FALEIROS e BRITO, 2009) já realizados também encontraram nas drogas uma das causas significativas para a ocorrência da violência contra os idosos. Inicialmente, uma questão de saúde, mas, nos últimos anos, um grave problema social que ganhou *status* de epidemia no Brasil, tamanha a incidência e consequências por elas ocasionadas, afetando, como não poderia deixar de ser pela magnitude do problema, também os velhos.

Nas entrevistas, não foram constatados velhos usuários de drogas, mas sim, velhos vítimas de pessoas que fazem uso de drogas ilícitas ou de álcool em excesso. Também merece um destaque o fato de que nenhum dos entrevistados assumiu estar usando drogas ilícitas no período da realização do campo, mas três já fizeram uso deste tipo de substância no passado. Dos entrevistados, dois explicitaram ter problemas com bebidas alcoólicas. Sidinei diz que inúmeras foram as tentativas para parar de beber, entretanto, ainda não foram bem sucedidas, o que é possível constatar no seu relato:

Olha... no meu caso, eu vou dizer a verdade pra ti. Eu já fui internado várias vezes por causa de bebida. Eu fui internado... 7 vezes no ...(nomeia o hospital psiquiátrico), que é 30 dias ou mais, eu até fui bem recebido, também no momento a gente não precisaria ta nesses lugares, o que vale é a força de vontade. Mas tudo bem. Depois fiquei 15 dias no ...(nomeia outro hospital psiquiátrico), em Porto Alegre, por causa do alcoolismo, porque lá é só 15 dias, foi o dr.... (nomeia o médico), que é médico psiquiatra, né. Que foi pelo SUS o tratamento, e eu comecei a beber, que a bebida é uma droga, o único problema é que eu fumo cigarro e quero evitar parar também. E a bebida to... abaixando.(Sidinei)

Outro ponto que chama a atenção na sua narrativa é a presença do que Freud (1996) chamaria de ato falho. Na teoria psicanalítica, os atos falhos são formas através das quais o material psíquico que está no inconsciente se revela. Por não se ter acesso direto aos conteúdos inconscientes, estes se mostram através de "escorregadelas" do aparelho psíquico; não sendo os atos falhos a única forma de "escape", pois os sonhos, por exemplo, também têm esta função. Contudo, ao identificarmos as inúmeras tentativas de desintoxicação que ele já fez e atentarmos para a última linha do recorte apresentado, onde diz: "quero evitar parar também", referindo-se ao cigarro, percebe-se a falta de desejo para buscar a abstinência, bem como, um possível ganho secundário que tem mantendo esta doença. O preocupante é que, quando sob efeito do álcool, fica agressivo e comete

violência psicológica contra o pai. O uso destas substâncias afetam o autocontrole, favorecendo a ocorrência de situações de violência. Também merece destaque o fato de que o uso de substâncias entorpecentes pode provocar alucinações, fazendo com que a pessoa não reconheça seus familiares durante a crise, enxergando neles inimigos que precisam ser atacados como forma de se autoprotegerem.

Na entrevista com Sidinei, evidencia-se o impacto das drogas na vida do sujeito. Relata ter perdido toda a família que havia constituído, tendo pouco contato com as filhas hoje em dia, não sabendo onde moram, como ele mesmo relata:

(...) a mais velha, a Camila, ela já tá namorando lá, acho pra lá do bairro Cruzeiro, não me alembro. (Sidinei)

O abandono tem servido como justificativa para Álvaro usar substâncias químicas. A dificuldade que tem em se manter “limpo” de todas as drogas, associada a passagens pela polícia, tem como efeito a não colocação profissional dele, o que parece ser sustentado, de forma plausível aos seus olhos, pela rejeição inicial dos pais biológicos, mantendo-o nesta condição de vítima. Segundo ele, no momento tem usado apenas álcool, mas os relatos das pessoas que o conhecem não sustentam esta fala, afirmando que ele segue fazendo uso de drogas fortes, como o *crack*. Fisicamente, é uma pessoa bastante magra, mas isso não é prova suficiente para comprovar o uso de tal substância, por desconhecermos sua constituição física no passado. Como no relato anterior, neste caso também quando sob efeito da droga, fica agressivo e comete violência financeira e registra-se a ocorrência da violência psicológica, pois, segundo o mesmo, “às vezes se perde a cabeça”, no entanto, nega qualquer tipo de agressão física.

Aqui abre-se espaço para uma conversa não planejada que aconteceu durante uma entrevista. Ao agendar a entrevista via telefone, a combinação de que seria na moradia da entrevistada foi feita, pois, segundo ela, seria o melhor lugar sem riscos de interrupções. Contudo, em determinado momento, ela precisou sair rapidamente e seu marido apareceu. Este é acusado de violência física contra a sogra, tendo passagens pela polícia e histórico de uso de substâncias ilícitas. Durante a conversa, foi muito atencioso, mas verbalizou, em diferentes momentos, o quanto usa da agressão física e psicológica quando acredita que não estão cumprindo com aquilo que ele acha certo. Por ter histórico de uso de drogas e passagens pela polícia, em geral, intimida as pessoas, e acaba fazendo com que a sua vontade prevaleça. Importante destacar que ao longo da conversa, disse ser contrário às injustiças cometidas pela sogra em relação à filha priorizando o cunhado, e que isso não admitiria, por ver o quanto sua esposa se dedica à mãe. Contra ele, há denúncia de violência física, mas alega que estava apenas se defendendo da sogra. O ato em questão

ocorreu após a realização de uma visita à residência feita por técnicas da rede de atenção aos idosos do município. Ao saírem, presenciaram da rua a cena do Isaac empurrando a velha, pois a janela estava aberta. Pela sua fala, elas não viram o que a sogra havia feito com ele antes, apenas o momento que ele empurrou-a para se defender.

Em outra família, a filha que foi entrevistada não é usuária das substâncias aqui abordadas. Entretanto, pelo que foi narrado por ela, bem como pelo relato das técnicas que atendem a esta família, um dos filhos que mora com o pai dela é usuário de drogas ilícitas, sendo, muitas vezes, violento. Roberta inclusive justifica o fato de ficar com o dinheiro do pai, pois o irmão que com ele mora, é usuário de drogas e fica muito violento quando o pai não quer dar dinheiro.

Olha, dá medo (referindo-se à agressividade do irmão dependente químico). Por isso que o pai diz: Roberta, tu recebe pra mim e segura o dinheiro aqui, porque o pai tem medo, sabe? Que quando ele fuma, ou quando falta a droga, ele fica louco. Ele fica louco. Ele ameaça esse meu irmão deficiente, eu não posso às vez deixar os dois sozinho, eu tenho que sempre ta junto, sabe, porque eu, eu dou os grito meu, só que eu ele me me ouve, né. Mas se eu deixo sozinho, de manhã, às vezes eu to dormindo escuto ele gritar com ele, dá coice na porta, sabe?(Roberta)

Ficando com o dinheiro do pai, ao seu ver, está protegendo-o do irmão. Relata que foi o pai quem solicitou para que segurasse o dinheiro:

Por isso que o pai diz: Roberta, tu recebe pra mim e segura o dinheiro aqui, porque o pai tem medo, sabe?

Situação bastante complexa, pois, observa-se que são vários os filhos que cometem a violência contra este pai. O filho, que é dependente químico, recolhe entulhos na rua e leva para a casa, atraindo ratos e cobras para o local. Por medo da reação do filho, este pai se cala, mas pede constantemente auxílio junto aos técnicos da rede quando o visitam. A filha também gostaria que levassem o irmão de lá, mas não o enfrenta. Segundo ela, o irmão não invade a privacidade dela no andar de baixo, mas ela nada faz para mudar a situação do andar de cima. Poderia, por exemplo, levar o pai para morar com ela. Todavia, essa hipótese não foi cogitada por alegar ter os filhos e não ter espaço físico adequado. Novamente, o silêncio em relação à violência física e psicológica praticada pelo irmão aparece como estratégia para a manutenção do *status quo*. A situação mantendo-se assim, ela tem justificativa, ao menos para si, para ficar com o dinheiro do pai, não entendendo como uma outra forma de violência.

É sabido que o uso destas substâncias entorpecentes afeta o autocontrole, o que pode favorecer a ocorrência de situações de violência. A dificuldade em analisar as consequências dos atos, em virtude de comportamentos impulsivos que buscam, de certa

forma, aliviar uma situação extremamente ansiogênica geradas pela abstinência, pode conduzir a comportamentos intimidadores por parte destes usuários aos velhos. Durante o *craving*¹, o autocontrole fica fragilizado, deixando a pessoa em uma condição que pode levá-la a cometer crimes, na busca de saciar a necessidade que sente em fazer uso da substância. Também merece destaque o fato de que o uso de substâncias entorpecentes pode provocar alucinações, fazendo com que a pessoa não reconheça seus familiares durante a crise, enxergando neles inimigos que precisam ser atacados.

Ao abordar a problemática da dependência química nesta tese, é imperativo explicitar que o recorte dado aqui é para a violência contra os velhos, o que coloca algumas pessoas dependentes químicas no lugar de agressoras no contexto estudado. Contudo, é inquestionável o entendimento de que dependência química é uma doença e de que, talvez, estas pessoas também estejam sendo vítimas da violência advinda de políticas públicas ineficientes/insuficientes para atenderem às suas necessidades de saúde, o que é objeto de investigação em outros estudos (BARBOSA e BICALHO, 2014, ANTUNES, 2012, RIOS, 2011, PRATTA, 2009).

Das quatro situações aqui apresentadas, nenhuma das pessoas está trabalhando formalmente, o que pode ser um sinalizador importante para medidas protetivas em relação aos velhos.

5.3.1.3 Desemprego

Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho divulgados pelo *site* da BBC, o desemprego no Brasil seguirá crescendo até 2016, atingindo índices superiores a 7%, o que coloca o país em situação preocupante se for tido como base a média mundial, bem como dos índices médios previstos para a América Latina. É claro que o problema do desemprego não é apenas brasileiro. Países europeus, asiáticos, africanos também enfrentam. Olhando para o panorama mundial do desemprego e constatando o momento político delicado pelo qual o Brasil tem passado, gerando demissões em massa e renegociação de contratos de trabalhos em vários segmentos, as previsões não são das mais animadoras para os próximos anos quando o horizonte que se tenta vislumbrar é o do

¹Conceito que trata da necessidade/desejo em consumir imediatamente substâncias químicas por pessoas dependentes a drogas, buscando o alívio da sensação de falta da mesma, colocando-a, por vezes, em situações limites para adquirir tal substância (ARAUJO et al, 2008).

emprego formal. Fato que preocupa quando relaciona-se à temática da violência, pois a falta de recursos financeiros é uma das causas para os mais diversos tipos de violências praticados. Nesta categoria, o desemprego é entendido não apenas como a falta de vínculo formal de trabalho, mas a ausência de uma sistemática ocupação remunerada, que passa aqui a ser entendido como uma condição para a ocorrência de violência.

Dos entrevistados, dois eram aposentados, uma tinha um negócio próprio, de onde conseguia manter seu marido e filho e, os demais, estavam todos desempregados. Considerando o papel que o trabalho ocupa hoje na vida das pessoas, não apenas o aspecto econômico, mas também enquanto constituinte da identidade (BERNAL, A.O., 2010) e, conseqüentemente, da autoestima do sujeito. O impacto desta condição pode ser desestruturante para as pessoas, além de ser uma causa real da violência econômica e de todas as formas de violência que podem decorrer desta situação, a saber, a violência psicológica, a negligência e, até mesmo, a violência física.

Ao entrevistar uma filha agressora, percebe-se na sua expressão facial, como também na sua postura física, a carga emocional que tem carregado. A violação por ela cometida está relacionada à apropriação de quase toda a aposentadoria do seu pai. Mora no andar de baixo da residência com o segundo marido, a filha do primeiro casamento dela e outra do primeiro casamento dele, a qual está grávida sem a companhia do rapaz que a engravidou, e um filho fruto do casamento atual. Ela está afastada pelo INSS, o marido, em casa em virtude de uma doença, ainda não conseguiu o auxílio saúde. Ela é a única que recebe dinheiro, não tendo conseguido dar conta de todas as despesas com os seus recursos. Desta forma, apropria-se da maior parte da aposentadoria do pai para fazer frente às demandas da sua família. Nega que faça este uso, pois critica o comportamento do cunhado que a denunciou. Este cunhado é viúvo da irmã que, até poucos meses atrás, ficava com a aposentadoria do pai. Com a morte da irmã, o cunhado deixou de contar com aquela verba, o que o levou a fazer a denúncia. Destaca-se aqui o fato de que a denúncia não foi feita para proteger o velho, mas sim, para tentar recuperar a posse de um dinheiro, ou, pelo menos, uma possível vingança, evitando que a filha siga pegando o dinheiro da aposentadoria do pai. Pelo que foi trazido por Roberta, nem sempre consegue atender às despesas da casa. A entrevista com ela foi realizada na véspera do início letivo do seu filho. Preocupada, conta que não havia comprado ainda os materiais do menino e que não sabia como faria. A esperança dela era de que, em breve, legitimem a condição de doente do seu marido e passem a repassar o benefício a que ele tem direito, como mostra o relato:

Ele trabalhava, me ajudava, a gente, tudo o que a gente tem dentro de casa nós compramos, só que agora ele ficou doente, né. Já faz 10 meses

que ele ta assim. Até eu fui lá no INSS agora, fez perícia, consegui marca perícia pra ganhar uns troco também pra nós poder viver, né. Porque agora vai começar o colégio tem que botar o guri no colégio também, pra material.

Susana também não está trabalhando. Filha única, está passando por um processo de separação litigioso com o marido e, sobre ela, recai denúncias inclusive de cárcere privado contra a mãe. Bem articulada, explica que tinha uma loja no centro da cidade, sendo esta vendida há mais ou menos um ano atrás. Diz que vinha se mantendo com os recursos desta venda, mas não relata nenhum movimento na busca de outra fonte de renda. Tem uma ótima casa e, no momento da entrevista, sua mãe estava abrigada. Além das denúncias relacionadas ao cárcere privado, a violência financeira também aparece, como é possível comprovar na sua fala:

Esse dinheiro que eu aluguei a casa dela, inclusive a pensão dela ta bloqueada, não sei porquê, ela... acho que ela deve ter bloqueado porque eu tive que pegar os cartões dela e os documentos dela porque ela gastava o dinheiro e ela não dizia aonde é que ela botava. Eu acho que alguém começava a se aproveitar da doença dela e começava a pegar o dinheiro. Só que ela me acusava de eu pegar o dinheiro, entendeu?(Susana)

Talvez aqui possamos entender como ela vinha se mantendo financeiramente nos últimos tempos.

Em outra família, pelo relato da irmã, que foi a pessoa denunciada, o irmão nunca trabalhou e, até o momento da entrevista, vivia da renda dos imóveis que herdaram em usufruto. Desta receita, pelo que pode ser percebido, nada foi repassado à mãe:

Ele nuuuunca trabalhou. Ele tem trinta e poucos anos, se eu te disser que ele trabalhou 3, 4 meses em uma lojinha ali foi isso que ele fez. Ele não estudou, ele não se formou em nada. (...) Como eu comecei a trabalhar, eu pensava, eu tenho patrimônio, posso ser dona do meu próprio negócio, vi que aquilo dava dinheiro(...) E aí, eu, meio assim ainda boba, né, da vida assim, eu sempre fiquei coagida durante anos por essa história do meu irmão. Eu nunca fui ver se realmente era isso. E aí o que que aconteceu? Aí eu abri mão de receber os meus aluguéis, dos outros imóveis que tinha, pra ele não fechar uma coisa que eu tinha traçado como objetivo de vida, e que me dava o meu sustento.(...) Áãã e aí então ele viveu, ficou recebendo os aluguéis que era como ele tava acostumado, né, e eu fiquei sempre nessa situação, sendo ameaçada e coagida por ele e sustentando a nossa mãe. (Isabela)

A situação de Sidinei não é diferente. Por usar álcool de forma abusiva, não consegue se recolocar no mercado de trabalho. Há poucos anos atrás, mesmo com a oferta de trabalho abundante que tinha na serra gaúcha, ele não conseguiu um trabalho. Sustentado pelo pai, inclusive para arcar com as despesas do álcool e do cigarro que faz uso, chega a ficar agressivo quando o pai se nega a dar o dinheiro.

É possível visualizar a estreita relação que estas subcategorias possuem quando se busca compreender a violência. Entender o que aconteceu primeiro, se a desestruturação familiar levou ao uso de drogas, ou se o uso de drogas levou ao desemprego e, como consequência, à desestrutura familiar, não é simples.

Um outro ponto que merece atenção é a sobrecarga de trabalho/envolvimento emocional. Mesmo desempregados, é comum as pessoas se envolverem em trabalhos domésticos, os quais incluem, além da manutenção da casa, cuidados com os filhos, companheiros e com estes pais. Por significar uma mudança de papéis, passar a ser responsável por uma mãe pode desestabilizar alguns filhos, os quais já tinham suas vidas organizadas e necessitam fazer rearranjos para abrigar e/ou atender as demandas atuais destes. Este rearranjo fica evidente na fala de Anita:

Tanto que quando ela chegou para morar comigo no início ela era uma estranha. Meu irmão trouxe ela num sábado à tarde e disse: "A mãe vai morar aqui contigo.". Imagina, morava eu e a minha filha, dois quartos, aí eu dei o meu quarto pra ela e dormia na sala. Ela dizia: Onde já se viu dormir na sala? E eu dizia: Vou dormir aonde? O meu quarto eu dei pra senhora. E foi bem difícil no início. Ela não era fácil. (Anita)

Anita estava com a sua vida toda organizada quando foi surpreendida com a chegada da mãe, com a qual não se relacionava há anos.

Roberta também não esconde a situação limite pela qual estava passando. Ao desligar o gravador, disse que no último mês não estava conseguindo dormir devido às preocupações relacionadas a finanças, saúde do marido, irmão deficiente e o outro violento, além de ter que limpar a casa onde estes dois moram com o pai.

Para Isabela, o excesso de responsabilidades contribuiu para o desencadeamento de um quadro depressivo. Ao mesmo tempo em que tem orgulho em dizer que é independente, linhas após, a situação muda:

(...) eu sou uma mulher independente, que eu que sustento a casa, eu me viro, eu trabalho, sempre cuidei da minha mãe, crio o meu filho... como é que eu vou cuidar de uma criança pequena, um nenê, com 40 cachorro pra cuidar, todo dia, uma criança pequena e a minha mãe dentro de casa que, como eu te disse, a minha mãe é uma pessoa assim que tu tem que mandar ela tomar banho, com as questões de higiene dela ela é bem desleixada. Se tu diz: Faz assim, ela faz ao contrário. Ela tem várias coisas assim bem complicada de se lidar. (Isabela)

Talvez, uma estratégia para amenizar a carga emocional envolvida na tarefa de cuidar seja a presença de técnicos qualificados que possam atuar tanto no processo de adaptação da chegada de uma pessoa na família, onde não apenas o velho precisará se

adaptar à nova casa, mas as pessoas que lá já moravam também devem se reorganizar física e emocionalmente.

Outra ação que poderia auxiliar às famílias, seria a existência de cuidadores esporádicos. Como é sabido que as famílias estão com cada vez menos filhos, o que, em tese, pode significar menos pessoas para dividir responsabilidades, seria interessante ter profissionais que pudessem passar uma manhã, ou três horas, por exemplo, na residência, liberando o filho/cuidador para ir ao médico, fazer compras, ou, simplesmente, dar uma volta ao redor da quadra para relaxar, conforme uma cuidadora certa vez mencionou (BOHM, 2009). Segundo esta filha cuidadora, a sobrecarga de trabalho doméstico, associada à carga emocional da tarefa do cuidar, faz perder o controle.

São inúmeros os elementos desestruturantes (drogas, desemprego, relações familiares turbulentas, estresse externo) que podem contribuir para a ocorrência da violência contra os velhos. Como visto na revisão bibliográfica, as pessoas têm uma disposição à agressividade, o que, dependendo do cenário onde foi criada, pode potencializar o uso de violência diante de situações que considera vitais para garantir a sua sobrevivência. O que está evidente é o como estes aspectos coabitam o universo da violência, sendo imperativo que ações eficazes sejam feitas para buscar quebrar o ciclo familiar violento, a fim de garantir uma velhice digna para todos. Pelo que foi visto, talvez a construção de uma velhice digna parta da vivência de uma infância tranquila, segura. Todavia, ao mesmo tempo em que encontramos um ponto de partida para a prevenção, não podemos esquecer dos velhos que estão sendo violentados. Quantos não foram violentados enquanto você estava lendo esta tese? O que é possível fazer para os velhos que hoje são vítimas, independente de terem sido agressores no passado? As instituições atuais da sociedade tentam regular a violência, mas diante da desestruturação dos cenários, o controle das instituições se enfraquece, quebram-se as barreiras "inibitórias", e o uso da violência se repete, principalmente em relação aos mais fracos, neste caso, os velhos.

5.3.2 Mecanismos Sociais de Atenção à Violência

Durante as entrevistas, uma série de fatores que transcendem à relação familiar foi sendo identificada e não poderia passar incólume em uma tese que se propõe a olhar para esta temática de forma imparcial. Esta categoria foi denominada de Mecanismos Sociais de Atenção à Violência, por entender que este nome abarca as diferentes esferas que

constituem a rede formal de atenção, não apenas as instituições, mas as estratégias por elas empregadas para tentar dar conta das demandas da sociedade.

Os mecanismos sociais de atenção à violência ganharam o *status* de categoria nesta tese pelo fato de todas as pessoas entrevistadas se referirem a eles de maneira significativa. Nestes mecanismos, a rede formal ocupa lugar de destaque, sendo entendida como composta por instituições que prestam serviços formais aos idosos, os quais podem ser mantidos pela iniciativa pública, ou através dos recursos pagos pelos usuários, sendo regulados por contratos de trabalho e pelos códigos de ética dos profissionais envolvidos (NERI e SOMMERHALDER, 2006). Considerando a estruturação/desestruturação da sociedade, a rede deveria assumir funções importantes, dando conta, ou minimizando os efeitos danosos da ineficácia/ausência de outras instituições, como a família, o trabalho, a saúde. A denominação atribuída a estes serviços, ou seja, a palavra rede, sugere que todos os serviços que a constituem estariam interligados, no entanto, nem sempre é o que parece acontecer.

Frequentemente, os principais atendimentos oferecidos pela rede pública são destinados às pessoas das classes econômicas mais baixas, consideradas em situação de maior vulnerabilidade. A rede que dá suporte às questões de violência no município de Caxias do Sul é constituída basicamente pelos serviços de saúde das diferentes complexidades, destacando-se as unidades básicas como porta de entrada; as instituições assistenciais, como a Fundação de Assistência Social - FAS do município, a qual tem relação direta com a SCAN, onde são averiguadas denúncias, desenvolve-se um trabalho de tentativa de resgate de vínculos entre familiares, busca-se dar encaminhamentos para que as diversas demandas referentes ao campo social, inclusive o encaminhamento do idoso para instituições de longa permanência quando esgotadas as possibilidades do velho continuar na sua residência; junto a FAS, encontra-se a Coordenadoria do Idoso, que visa centralizar as ações em defesa desta parcela da população, estando muito próxima do Conselho Municipal do Idoso (COMID). Além do COMID, diferentes conselhos municipais acabam trabalhando em prol, uma vez que as questões pertinentes ao envelhecimento humano estão ligadas a diversos campos de atuação, como transporte, educação, segurança, pessoas com deficiência. Também a esta rede estão vinculadas as instituições de longa permanência e os centros-dia, bem como o Ministério Público, no qual denúncias sobre as inúmeras formas de violência são recebidas e encaminhadas para averiguação.

Visando evitar que diferentes instituições façam visitas pelo mesmo motivo, a Coordenadoria do Idoso tem centralizado as denúncias de violência em relação aos velhos. Isso tem contribuído para que, quando a denúncia é feita em locais distintos como,

Ministério Público, COMID e Disque 100, por exemplo, apenas um serviço é acionado para fazer a verificação. No entanto, como têm denúncias onde envolve situação de risco para outros integrantes da família, como crianças, são acionados outros serviços e, aqui, percebe-se a dificuldade em dialogar entre instituições. O trabalho em rede poderia ser complementar, onde questões percebidas por uma instituição integrassem a cadeia de informações que poderia complementar a leitura do cenário atendido, a fim de propor intervenções mais efetivas. É sabido que para isso precisa de tempo, iniciativa e recursos que facilitem este fluxo de informações.

Embora constata-se esta ampla rede que se propõe a atender e a proteger os idosos, através desta pesquisa, ficou visível as inúmeras limitações encontradas, tanto por parte das instituições envolvidas, como na efetivação dos serviços por despreparo, ou sobrecarga de trabalho dos profissionais.

Uma situação levantada diante destas constatações foi de uma suposta relação de poder existente entre rede e população atendida. Por serem pessoas que encontram-se em um lugar de acusadas/condenadas, a postura de alguns técnicos é intimidatória. Também verifica-se o inverso, quando os técnicos chegam nas comunidades, em alguns casos há condutas da população que intimidam estes profissionais. Em três momentos isso ficou muito claro para a pesquisadora. Em uma casa, a recepção foi feita por um cachorro da raça *Pitbull* extremamente raivoso. Havia uma pequena brecha entre o chão de terra batido e o início de um portão de tela, onde o cachorro colocava sua boca de lado para avançar, latindo ininterruptamente. Em outra tentativa de localizar um agressor em casa, a sensação de estar sendo vigiada era constante, onde eram ouvidos assovios e pessoas saindo de alguns guetos para ver quem estava passando e, ao chegar na frente da residência, um homem rapidamente veio informar que todos tinham saído. A terceira situação foi referente às duas entrevistas descartadas, se é que podem ser assim denominadas as conversas que lá aconteceram, pois o lugar era, no mínimo, intimidador. Como descrito anteriormente, estas entrevistas aconteceram no corredor de acesso à casa, a qual era localizada em um gueto sem saída e com vários casebres ao redor. Conversando com os técnicos, informaram que pedem sempre para que o motorista deixe o carro em uma posição que possa sair facilmente, pois, não é raro, sentirem-se ameaçados durante as visitas. Estas constatações levam a pensar no como a sociedade atual acaba se organizando e se estruturando em torno da violência. Em um ambiente onde a violência está "desnuda", quem é de fora daquele lugar, quando percebe que o controle da situação não está nas suas mãos, acaba buscando formas de tentar sobreviver naquele ambiente. A violência nestas comunidades aparece de forma explícita, em função de estratégias intimidadoras *versus*

alternativas de fuga/evitação. Todavia, nas classes sociais mais favorecidas, os mecanismos empregados para manter os indesejáveis longe também são evidentes. Cercas eletrificadas, grandes muralhas, sensores de presença, alarmes, seguranças particulares, além de paredes com isolamento acústico e outras tantas "parafernalias" que alimentam uma indústria poderosa e crescente que se beneficia da violência, além de contribuir para que, eventualmente, ações violentas que ocorram no interior de grandes residências não tenham a mesma visibilidade do que as que ocorrem em "barracos".

Também é passível de discussão o fato de que nos lugares onde a violência oficial não é válida, aquela violência exercida pela polícia, pela justiça para manter o controle, impedindo violências individuais, como ocorre nas favelas, nas periferias pobres, surgem estruturas próprias de poder e de violência, que servem para manter uma ordem, diferente da ordem oficial, mas também uma ordem, que organiza as relações e estrutura a dinâmica daquela comunidade. Comumente, quem estabelece esta nova ordem é quem comanda o tráfico de drogas, criando regras, protegendo os que acatam e sendo extremamente violentos com os que vão contra os estabelecidos naquele espaço social. Situação que cria um grande tensionamento entre o poder oficial e o poder vigente nestas periferias.

Considerando que a situação de violência é de extrema complexidade, geralmente, quando esta acontece, não é apenas ela o problema da família. Pode ser considerada um sinalizador de que a dinâmica familiar está bastante conturbada. Através da fala de três entrevistados, ganha destaque o que parece ser uma falha importante no fluxo de informações entre as instituições envolvidas na rede que atende às famílias. Em uma mesma semana, chegam a receber em suas casas a visita de diferentes serviços, como por exemplo, representantes do conselho tutelar, agentes de saúde e representantes do SPEI. A visita em si não é o problema, pelo contrário, considerando que pessoas podem estar sendo expostas a situações de violência, este acompanhamento próximo poderia proteger as supostas vítimas. Entretanto, pela forma como algumas destas visitas acontecem, a sensação de invasão de privacidade, bem como a investigação de pontos em comuns que explicitam a ausência de diálogo entre os serviços pode ser considerada uma forma de violência institucional.

Nos momentos iniciais da entrevista com Cristina, a sensação era de que ela já tinha falas prontas para dizer a qualquer pessoa que não fosse do seu grupo social. Conforme a entrevista foi evoluindo, e talvez, suas defesas afrouxando, algumas contradições apareciam, como quando fez referência à relação do seu marido com a sua mãe, sobre a qual disse, inicialmente, que era boa:

Porque ela não topa muito a minha guria mais velha, entendeu? Ela do meu marido ela gosta muito.

(...)

Não, eles se, não é que eles não se dão, é essa ranzina dela. Mas isso agora depois que ela tá de idade, porque toda vida ela morou junto comigo e com o meu marido. Toda vida, até quando a gente morava na casa aqui na beira, que era praticamente um quarto e...uma cozinha, tudo num só. Ela sempre morou. (Cristina)

As falas pré-estabelecidas, as quais iniciaram a sua participação nesta pesquisa, podem ser resultado de um processo de aprendizagem que dá conta de falar aos técnicos o que estes querem ouvir, ou, pelo menos, que suas palavras não sirvam para formalizar provas contra si. Defensores públicos, outros vizinhos, até mesmo programas de televisão servem para informar o que pode comprometer se for dito em uma situação de averiguação. Ao ser abordada sobre suas ocupações, disse que estava trabalhando, mas precisou parar por causa da hospitalização da sua mãe. Em seguida, alegou que o que a deixava irritada era não poder trabalhar, referindo-se aos trabalhos domésticos, mas a realidade constatada no local não ia ao encontro da sua fala:

(...) eu tava no hospital, minha casa meu marido tem que trabalhar, minha casa ficou abandonada. Eu limpei todo o meu lote, carpi tudo porque tava alto o mato, quando eu pensei em fazer faxina na minha casa não tinha água, paguei, mesmo pago, se não fosse o presidente do bairro, eles não tinham vindo me instalar o relógio, e mesmo assim, quem teve que encanar do relógio pra cá foi meu marido quando chegou ontem de noite. Aí eu comecei a lavar a roupa e parei. Eu falei, daí eu falei amanhã eu levanto bem cedinha e começo. Má capaz, a canseira também não deixa, você vê, ficar no hospital 1 mês e pouco cansa, não é assim. (Cristina)

Importante destacar que a sua mãe havia recebido alta há 15 dias quando da realização da entrevista. Essa informação, se ignorada, pode prejudicar a leitura da realidade. Profissionais com pouca experiência podem ficar sensibilizados com o discurso e considerarem aquele cenário como passageiro. No entanto, quando olhado e escutado com maior atenção, a sujeira, por exemplo, parece ser o cotidiano da família, não causando nenhum tipo de constrangimento para as pessoas que lá sobrevivem. Neste sentido, o questionamento de Cristina após o encerramento da entrevista explicita esta normalidade:

O que melhor do que isso minha mãe pode querer?.

Outro ponto em que a realização de constantes visitas acaba constrangendo às famílias é pela exposição aos vizinhos, pois os técnicos chegam em carros identificados com emblemas dos serviços. Durante a entrevista que aconteceu no pátio da residência de Cristina, uma vizinha apareceu na janela da casa da frente e a entrevistada começou a falar

bem alto que era para cada um cuidar da sua vida, demonstrando profundo incômodo com a presença na janela.

(...)eu vou ainda meter um processo nessa mulher, vou meter processo, ela não sabe onde ta metendo o pé.(Cristina)

Pelas informações obtidas junto à rede, a vizinha em questão já auxiliou em situações passadas de agressão contra a idosa, recebendo-a em sua casa. Muito provavelmente, este olhar externo incomode tanto pelo fato de ser um possível denunciante. Todavia, ela relata que quase sempre tem que parar o que está fazendo para receber algum serviço, o que acaba deixando-a irritada.

Outra situação que explicita a perturbação causada por diferentes visitas foi manifestada por Isabela. Diz que no início não se importava em receber os profissionais, entretanto, atualmente ela não quer mais expor a sua intimidade para diferentes pessoas, considerando que, geralmente, não a deixam expor a sua posição, a sua história, sentindo sempre um tom condenatório em relação a ela por parte dos técnicos envolvidos, como é observado no trecho a seguir:

(...) vindo gente na minha casa ver como é que ta, como é que não ta, porque tinham que abrir até assim, para ver os ambiente, sabe, eu acho assim, uma uma.... como é que eu vou te dizer, uma invasão, tu entende. (...) Começaram a vir fazer visitas aqui em casa, pra ver como a idosa ta, enfim né, e tipo assim, eu nunca, nunca disse que não... delas virem na minha casa. Mas hoje assim, eu já acho assim, porque isso já se tornou, eu sempre tentei colaborar, só que agora já tornou uma coisa assim que eu não quero mais, tu entende?. Porque assim ó, eu sou uma mulher independente, que eu que sustento a casa, eu me viro, eu trabalho, sempre cuidei da minha mãe, crio o meu filho, de ter que sabe, ter que vindo gente na minha casa ver como é que ta como é que não ta, porque tinham que abrir até assim, para ver os ambiente, sabe, eu acho assim, uma uma.... como é que eu vou te dizer, uma invasão, tu entende. Só que eu nunca, eu no início eu eu até queria colaborar porque eu pensava “isso é pra me ajudar nessa situação”. Aí ta, elas vinham fazendo várias visitas, enfim.(Isabela).

Outro trecho de narrativa que vai ao encontro da insatisfação sentida por Isabela em relação à forma como é tratada, é da entrevista de Susana, quando conta sobre a abordagem de uma assistente social:

Até quando eu fui fazer a entrevista lá na assistente social, eu sentia várias vezes que ela não me perguntava. Ela me acusava. Então eu aceitei uma duas três quatro cinco. Até que lá pela quinta, sexta pergunta, eu disse assim: Olha, você não ta me perguntando, você ta me acusando. Então eu cheguei, eu fui assim, eu apontei o dedo na cara e eu disse assim: Você não vai me acusar. Se existe lei pra pra pro idoso, existe lei pra mim

também. Você não pode me acusar dessa forma. Eu não sou essa pessoa que você ta pensando que eu sou.(Susana)

Esta sensação foi manifestada por Susana, quando afirmou não receber determinados profissionais em sua casa, pois estes não fazem nenhum tipo de averiguação, mas sente-os com tom acusatório, sem possibilitar qualquer fala explicativa dela. Disse que não tem obrigação de receber pessoas em sua casa que vão até lá para acusá-la, sem efetivamente ouvi-la. Esta queixa foi manifestada por inúmeros entrevistados, o que merece atenção especial por estar sinalizando a necessidade de capacitação, ou atualização em relação às estratégias para abordar às famílias. Apenas uma das entrevistadas não se queixou da forma como foi abordada. Curiosamente, esta foi a única participante da pesquisa que a mãe havia falecido.

Os sentimentos eclodidos nos familiares, a partir da forma como estas ações acontecem, devem ser considerados. Após a realização de uma destas visitas, uma idosa foi agredida pelo genro. A agressão foi vista pelos profissionais no momento em que estavam saindo da residência, pois a janela estava aberta. O genro nega e alega que estava apenas se defendendo de uma suposta agressão da idosa. Como expresso em diferentes momentos desta tese, a intenção não é julgar as pessoas, até porque não cabe a um pesquisador tal postura, no entanto, a relação entre a visita e a agressão é direta.

As constatações feitas nesta categoria remetem-nos à obra de Foucault, ao perceber que as relações de poder e violência se sobrepõem de diferentes formas a todo momento. A violência do ambiente, com a inadequação dos espaços onde as famílias vivem, muitas vezes não sendo considerados como minimamente adequado para pessoas construírem suas histórias de vida de acordo com as expectativas da sociedade oficial, em contraposição à violência das instâncias reguladoras, das estratégias intimidatórias (cachorros *PitBull* e os assobios, por exemplo), além dos contra-poderes, os quais ganham destaque quando identificam-se respostas prontas por parte de alguns entrevistados. Eles sabem a resposta que devem dar para conseguir o que buscam, eles sabem o que os técnicos querem ouvir, o que, se falado, pode servir para incriminá-los, bem como, o que os mantêm em liberdade, deixando os técnicos, principalmente os despreparados, sem alternativas.

Musse e Rios (2015) sugerem como um possível caminho para a prevenção da violência a realização de visitas domiciliares por agentes de saúde. Segundo eles, a proximidade com o local onde ocorre a agressão (já que a violência contra velhos ocorre predominantemente no local onde residem) facilitaria a identificação. Todavia, a partir das constatações feitas através desta pesquisa, só as visitas podem, inclusive, intensificar as práticas violentas. Sem dúvida, estes profissionais precisariam participar de capacitações

consistentes para dar conta de tal demanda. Também vale ressaltar que os agentes de saúde fazem visitas a uma parcela da população, geralmente moradora das áreas periféricas das cidades, o que não abarcaria a população idosa de classes econômicas mais favorecidas, que também são vítimas de violência.

Como o entendimento aqui em relação à violência não é desta ser algo polarizado, é possível constatar que a rede em si também tem uma série de limitações que acaba dificultando a realização de um trabalho eficaz. Recursos escassos para contratação de profissionais com experiência, dependência de licitações para a manutenção de alguns serviços, excesso de trabalho diante de quadros técnicos enxutos, ausência de alternativas para a retirada do idoso de uma situação violenta, permanência dos agressores nas residências, pois mesmo diante da constatação de crime (sim, agressão contra velhos é crime), o principal encaminhamento do Ministério Público tem sido o monitoramento da situação, ou a retirada das vítimas do lar. Por mais estranho que possa parecer, quem é retirado da residência quando percebe-se a impossibilidade da convivência, em muitos casos, é a vítima, ficando o agressor no lar. Identifica-se aqui a prática da violência estrutural. Em todos os casos que compõem este estudo, em apenas um, o agressor foi retirado do lar: o velho era o agressor da esposa também velha. Nos outros casos, nada de efetivo havia sido feito até então em relação aos agressores, mesmo com a certeza da violação. O que leva a tal conduta não fica claro. Talvez a demora da justiça em dar um posicionamento definitivo diante da quantidade de instâncias nas quais os defensores podem recorrer, ou por não reconhecer a gravidade que envolve tal questão, acreditando que possa ser revertida no contexto familiar. Destaca-se que são algumas inferências apenas, sinalizando a necessidade de ouvir os magistrados, por exemplo, para compreender melhor suas decisões.

Esta impunidade é percebida por parte dos profissionais que trabalha na rede, o que acaba gerando neles uma sensação de impotência. Identifica-se o problema, sabe-se dos riscos, mas pouco há para fazer. Conforme mencionado por uma técnica, pela escassez de instituições de longa permanência, não há como tirar das casas todos os velhos vítimas de violência. Também é sabido que, em algumas destas instituições, as condições são tão precárias que não compensa retirar o idoso da sua casa, restando apenas, monitorar naquilo que é possível, buscando prevenir que novos atos agressivos ocorram. A intenção, pelo que outro técnico do sistema de proteção aos idosos verbalizou, é que através da realização de visitas frequentes, o agressor iniba-se de praticar novas ações. Esta conduta mostra a visão dos profissionais que atuam nestes serviços, como ainda entendendo a violência em uma perspectiva de agressor (o malvado) contra o velhinho (o bom e angelical

velhinho). Provavelmente acreditam que, através das visitas, cria-se um clima de ameaça que intimida o agressor. Contudo, embora as visitas sejam importantes e possam ajudar a prevenir novas agressões, caracterizando-se como uma estratégia de controle, no universo desta pesquisa, foi constatado que, seguramente em um caso, a presença de profissionais da rede acabou acarretando a prática de violência física contra uma velha. No momento em que a agressão passa a ser entendida em outra perspectiva, sendo algo relacional, fica claro que o tom de ameaça empregado nas visitas pode piorar o cenário familiar, pois passa a se configurar como uma nova estratégia de busca do poder. Somado a isso, os agressores estão cientes da impunidade que os cercam, e os técnicos ficam de mãos amarradas por saberem que apenas diante de uma situação limite (e o que é o limite aos olhos da justiça?) os agressores serão punidos. Na maioria das vezes, quando os velhos são retirados das casas, isso passa a ser um prêmio para os agressores, pois o convívio com esta pessoa deixa de ser uma obrigação, liberando-os para dedicarem-se exclusivamente às suas vidas, muitas vezes, na casa destes velhos.

Considerando o cenário da impunidade, ou, esporadicamente da retirada do velho de casa, talvez uma possível alternativa poderia ser a existência de casas de passagens para as pessoas que estão sendo agredidas. Tal como acontece com crianças e mulheres vítimas de violência doméstica, as casas de passagens para idosos poderiam ser uma alternativa à institucionalização em instituições de longa permanência - ILPI. É sabido o impacto que este tipo de institucionalização causa nas pessoas (GOFFMAN, 2008). Dificilmente o velho que é colocado em uma destas instituições retorna ao convívio familiar, deixando o local apenas quando da sua morte. Pensar em casas de passagem, como o próprio nome já explicita, poderia ser uma alternativa para a proteção à pessoa enquanto se busca efetivamente tentar amenizar o contexto violento, não aguardando situações limites que não deixam outra alternativa aos técnicos da rede que não à institucionalização.

No entanto, Melman et al (2010) sinalizam para a necessidade urgente das pessoas aprenderem a trabalhar coletivamente. Para os autores, o respeito às diferenças e o manejo de conflitos de forma profissional e eficiente são imperativos para um trabalho efetivo em rede. Destacam que o trabalho em rede parte da elaboração de projetos em comum, os quais são construídos através do reconhecimento dos saberes dos outros, que tem na escuta atenta e qualificada, que é condição para o diálogo eficaz entre os envolvidos, a principal tecnologia para que a rede se constitua e os objetivos sejam alcançados.

A partir das falas dos entrevistados, do suporte teórico utilizado e das relações identificadas e/ou construídas, pensar a violência contra os velhos parece ser possível através da identificação de quatro campos, os quais podem ser representados

metaforicamente através da imagem de um grande palco. Neste, a pontinha da cortina principal começa a ser erguida. Assim, os quatro elementos metafóricos seriam o palco, os atores, o enredo e a cortina. Não há dúvida de que os atores da relação violenta estão no palco encenando o ato. Entretanto, o que foi engendrando a forma como cada um desempenharia o seu papel atual não está apenas na sustentação do palco, que dá conta da complexa história de cada um e das relações que estabeleceram. Ali encontra-se tudo o que foi vivido, mas também, o que foi interpretado por cada ator, o significado atribuído por cada um às experiências que viveu. As falas obtidas ao longo da pesquisa mostram que, em alguns momentos, não há convicção de que atos violentos tenham ocorrido no passado, mas sim, a interpretação de algumas ações como forma de violência por quem hoje está ocupando o lugar de agressor/estabelecido. Fato que explicita a possibilidade real da mudança de papel, ora assumindo o lugar de estabelecido, ora de *outsider*.

Não há como esquecer de que um espetáculo só existe com e para o público. As reações deste último interferem diretamente no que se apresenta. Silêncio (expresso através de omissões), reações calorosas, sorrisos, lágrimas, acabam impactando no que está sendo apresentado e coloca a todos como forças importantes para conduzir o final de cada narrativa. Narrativas que não são apresentadas, mas construídas considerando as contribuições de todos, o que não exime as pessoas de suas responsabilidades diante da necessidade urgente de discutir e agir comprometidamente frente à complexidade da violência contra velhos.

Durante a construção desta tese, 8 foram os espetáculos encenados. Como mencionado anteriormente, a amostra foi construída por conveniência, visto a dificuldade em localizar estas pessoas. Assim, não houve paridade em relação ao sexo. Cinco dos entrevistados eram mulheres que estavam a frente da cena principal, o que contribui para a impossibilidade de associar a violência ao universo masculino, como o senso comum faz. Mulheres podem ser violentas, em alguns casos, violentando homens. Constatação que merece atenção especial, visto que, em uma sociedade machista, onde a mulher ainda é vista como submissa, acaba por gerar outras formas de violência, como a institucional quando os homens vão buscar suporte e são diminuídos por serem as vítimas. Também é preciso considerar que podem ter se tornado agressoras quando da fragilidade do velho, usando da violência como forma de se relacionar aprendida no contexto intrafamiliar.

Todavia, somente a complexa história de cada pessoa não basta para compreendermos o que está sendo apresentado em cada espetáculo. Considerando os elementos metafóricos aqui trazidos, alguns questionamentos, inspirados em Michel

Foucault precisam ser feitos: Quem colocou a cortina? A quem interessa a manutenção da situação apresentada? Por que é tão difícil mudar o texto representado? Quem pode/quer abrir a cortina? Quem tem condições de abri-la e fazer frente às demandas que virão a partir daí? Quem hoje está no palco, está por escolha ou por imposição? Como os atores mudam seus comportamentos quando se sentem observados pelo público?

Estas respostas não estão facilmente acessíveis. Nomear alguém, ou alguma instituição como principal responsável, seria cometer mais uma violência, agora acadêmica. O discurso produzido pelas pesquisas científicas têm força e credibilidade na sociedade, o que exige dos pesquisadores prudência e segurança quando da publicização dos resultados dos estudos. Assim, ao constatar a precariedade com a qual algumas instituições trabalham, não se reduz, mas ampliam-se os agentes envolvidos no processo da violência contra velhos. Fica evidente que na coxia do teatro, muitos são os atores aguardando para interpretarem seus papéis. Ao expectador mais atento, por vezes, percebe-se a mudança do cenário e do ator, mas o texto segue o mesmo. A delegação de responsabilidades, o encaminhamento para outras instituições, ou a responsabilização do sujeito pela sua condição, o que acaba explicitando a precariedade de recursos que muitos profissionais têm para fazer frente à urgência que é a atuação em situações de violência. Deixa-se claro que as causas desta delegação de responsabilidades são também complexas, onde o espectro vai do preconceito da sociedade em relação aos velhos, passando pela frágil formação acadêmica, chegando na precariedade de recursos institucionais para que os trabalhadores tenham condições de atuarem de forma efetiva.

O que é sabido é que ao abrir as cortinas, depois de explicitado o que ela escondia, ou parte do que ela buscava deixar nas sombras, ações precisam ser feitas, pois tornam visíveis socialmente algo que se tentava deixar na "Nau dos loucos" (FOUCAULT, 1978). A invisibilidade da violência parece garantir a manutenção de instituições que não estão conseguindo fazer frente a problemática apresentada. O silêncio de todos passa a estar a serviço da falta de organização estrutural para dar conta das demandas da população, deixando os indivíduos sozinhos para atender às suas questões, o que os coloca em situação de extrema vulnerabilidade. É fato que tal qual um espetáculo teatral, quando intenso, ele não encerra com o fechar das cortinas. As emoções evocadas durante o ato seguem com os diferentes envolvidos, provocando novas ações/reações que acabam, por vezes, sendo ignoradas pelas instituições que procuram minimizar as consequências da violência, não sendo portanto, efetivas, contudo, permanecem adormecidas aguardando o momento de virem à tona novamente.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...

(... já que não é possível fazer considerações finais sobre este tema.)

Estudar a violência contra velhos a partir de referenciais como Elias e Scotson, Foucault e Faleiros permite entendê-la como um processo complexo, relacional e multidimensional. Não cabe aqui que seja compreendida e discutida em uma relação linear de causa e efeito, bem como na polaridade estanque de vítima e agressor, ou elencando uma causa isolada que tenha levado à agressão. A violência é entendida, como Foucault propõe, sempre nas relações, através de relações de poder, o que foi constatado ao longo desta pesquisa, tanto nas relações familiares, quanto nas relações institucionais.

Ao conhecer mais as histórias trazidas pelos agressores, fica claro que existe um ambiente propício para que a violência ocorra. Este ambiente não está relacionado especificamente a uma classe social, mas ao tipo de estrutura de cada família/sociedade, quando estas não conseguem se organizar de forma a dar conta, de maneira segura, das necessidades dos seus membros. Nestes contextos, constituídos por vínculos familiares baseados em atitudes violentas, quando associada à fragilidade (viuvez, doenças, dificuldade de acesso a recursos, isolamento) das pessoas velhas, passa a ser um espaço perigoso para a prática das mais diversas formas de violência. Estes cenários propícios à violência, evidentemente foram sendo engendrados ao longo dos anos, quando não, ao longo de gerações, onde as pessoas que ocupam o lugar de estabelecidos, por vezes, acabam violentando os que estão, no momento, no lugar de *outsiders*. Quando entendida as relações de poder a partir também de Elias e Scotson, ao abordarmos os velhos enquanto *outsider*, destaca-se a mudança de lugar em um período de poucos anos, haja visto que, há pouco tempo atrás, estavam no lugar de estabelecidos. Naquela época, possuindo maior *status* na sociedade, relacionavam-se com seus filhos da maneira que haviam aprendido, no caso das narrativas trazidas pelos entrevistados, de forma violenta. Ao constatarmos esta situação, ganha destaque o papel da aprendizagem na construção das relações familiares. Filhos que cresceram temendo seus pais, sentindo-se rejeitados em algumas situações, temendo acordar apanhando, como trazido neste estudo, tiveram este tipo dinâmica familiar como modelo, o que ajuda a entender a prática da violência por eles hoje. Em um ambiente social e cultural que potencializa, ou, ao menos, não reprime estas condutas, reproduzem o que foi aprendido, criando um círculo vicioso onde a violência passa a ser a forma aprendida de relacionamento para dar conta das questões da vida diária. Assim, a forma como a dinâmica de cada família está estruturada é considerada uma das causas da violência

contra os velhos, pois os integrantes da família tiveram, ao longo de suas vidas, as relações marcadas pela agressividade.

Também merece destaque enquanto causa da prática da violência, o uso de drogas ilícitas e/ou álcool em excesso. É sabido que tanto a dependência química, quanto o alcoolismo são doenças de tratamento complexo, muitas vezes não havendo o desejo de quem a tem para tratá-la, como identificado neste estudo. O que levou cada pessoa a recorrer ao uso abusivo destas substâncias não é facilmente identificado. Em uma das situações, o narrador associa ao fato de ter sido abandonado pelos pais biológicos. Mais do que entender as causas da dependência química e do alcoolismo, o foco foi identificar as consequências destas doenças. Observou-se práticas constantes dos mais variados tipos de violência, pois os agressores que abusam destas substâncias estão desempregados, dependendo financeiramente dos pais, o que os leva a praticar a violência para conseguir dinheiro, ou pela falta de controle em relação às suas reações quando da abstinência.

O desemprego também aparece enquanto condição para a violência, não como causa, pois sozinho, quando ocorre em famílias que conseguiram se estruturar de forma mais saudável, não provoca comportamentos violentos. Todavia, é importante destacá-lo pois este pode gerar estresse, fragilização da autoestima, bem como escassez de recursos financeiros, tornando-se um fator de risco para a ocorrência da violência, em especial a violência econômica, pois os velhos têm suas aposentadorias/pensões garantidas.

Entretanto, não é apenas na família que a violência ocorre. Esta também é estrutural e institucional. Os sujeitos envolvidos nestas relações, nem sempre são apenas pessoas físicas, pois a sociedade, o Estado, são exemplos de atores ativos nestas relações. Por vezes, foi constatado que o Estado não tem conseguido garantir direitos básicos à população, direitos contidos na Constituição, precisando fazer uso de um Estatuto do Idoso para explicitar que é crime bater em velhos, negligenciá-los, ou impedir que tenham acesso a direitos universais. Esta dificuldade do Estado de assegurar um lugar digno e respeitoso para os mais velhos já dá sinais de sua presença ao longo da história, quando no quarto mandamento das Leis de Deus, os quais regem os valores cristãos, encontra-se "Honrar pai e mãe". No momento em que se percebe a necessidade de formalizar esta deferência como regra, assumindo *status* de pecado o seu não cumprimento, coloca-se em destaque a não naturalidade de tal ação. Desta forma, como outros mandamentos que explicitam a presença da violência nas sociedades antes de Cristo (como é o caso do quinto mandamento que diz: Não matar), deixa nítido que estas relações turbulentas e sofridas parecem ainda não ter encontrado alternativas eficazes por parte da sociedade na busca de relações mais harmoniosas. Neste sentido, questiona-se: como cobrar da população algo

que o próprio Estado não consegue garantir, uma vez que a rede que atende a este público é repleta de "buracos", os quais servem de armadilhas para os velhos e de otimizadores para uma lista de espera de casos de agressão que precisam ser encaminhados para algum lugar?

Deixa-se claro que a otimização de alguns encaminhamentos está longe de garantir a resolução, ou amenização dos casos. No momento em que alguns casos são encaminhados, mais do que resolvidos, são delegados a outros espaços por falta de condições de dar uma resposta adequada, o que acaba, por vezes, agravando um sofrimento de todos, inclusive dos profissionais que, cientes das limitações, atribuem a outras instituições a responsabilidade para dar respostas a tal demanda. Nestas ocasiões, no lugar de rede, o que se percebe é a presença de um grande arquipélago que parece não reconhecer que todos são banhados pelo mesmo oceano. Por vezes, ao invés de estabelecer pontes entre estas ilhas, prefere-se demarcar bem o espaço de cada uma. Estas demarcações podem ser estabelecidas, não através da aceitação das responsabilidades que as competem, mas pela atribuição de fazeres a outros serviços, apontando para as falhas das outras "ilhas", não para as alternativas que poderiam ser criadas para cessar/minimizar a situação problema. Este fato é muito preocupante e carece resolução urgente. Enquanto as instituições ficam encaminhando as denúncias de um lugar para o outro, há famílias em sofrimento. Não estamos olhando apenas para quem está sendo a vítima declarada da violência, mas não raro, o ato em si é a ponta do *iceberg*. Identifica-se a vítima, neste caso o velho, mas, comumente, a família está sofrendo, o que acaba resultando na violência denunciada. Mesmo após a agressão ter acontecido, tanto agressor quanto agredido permanecem sentindo as consequências daquele ato. Não raro, o agressor relata arrependimento, culpa, ou até mesmo, vergonha, quando tem dificuldade em reconhecer formas mais explícitas de violência praticada, como a violência física. Talvez isso justifique a relativa facilidade em assumir a prática da violência psicológica. Pelo que pôde ser percebido nas narrativas obtidas na pesquisa de campo, a sensação é de que a violência psicológica, aos olhos do agressor, é mais branda do que a violência física, sendo assumida com certa naturalidade, como mostra trecho da fala de Cristina:

Porque ela (a mãe) não topa muito a minha guria mais velha, entendeu? Ela do meu marido ela não gosta muito (...). Aí eu disse: eu vou dá parte da senhora, metendo medo nela.

São inquestionáveis os danos que determinadas falas, olhares, ou, até mesmo, alguns suspiros podem causar no emocional de uma pessoa, sendo a sua recuperação, por vezes, muito mais complexa do que a recuperação de uma surra. O quanto as palavras de ameaça contidas na fala de Cristina servem para deixar esta mãe em uma condição

submissa, exposta às diferentes violências. Este caso pode ilustrar como em certas estruturas familiares, o uso da violência é o recurso empregado para resolver/minimizar conflitos entre os familiares, nesta situação, entre mãe, filha e genro. A forma como acreditam resolver aponta para tradições familiares aprendidas de lidar com os conflitos existentes.

Ouvir os agressores possibilitou compreender como estes enxergam a violência. Através das falas, os atos cometidos parecem ser legitimados através de justificativas remetidas a situações de violência na infância, sentimentos que remetem a injustiças praticadas pelos velhos em relação a eles, dificuldade financeira em decorrência do cenário atual, ou da má gestão dos recursos pelo idoso, ou outros familiares. Considerando as narrativas, e o que parece ter sido omitido nas mesmas, ficou manifesto o quanto a violência psicológica não é encarada com gravidade, a ponto dos agressores admitirem que a praticaram. Fato que merece um olhar vigilante de toda a sociedade, pois, se forem criadas estratégias de prevenção deste tipo de violência, talvez diminua-se consideravelmente as demais. Assim como em relação à violência contra mulher que, geralmente, inicia com palavras, gestos, negligência e vai avançando até as formas mais visíveis e diretamente fatais, a violência contra o velho não começa de forma abrupta com agressões físicas, o que possibilita um espaço de atuação dos técnicos para prevenir o agravamento do quadro e o rompimento total dos vínculos familiares.

Como mencionado linhas atrás, não há um único culpado quando discute-se este tema, o que reforça a ideia da multidimensionalidade da violência. Acredita-se que o próprio Estado por vezes, pode se sentir de mãos atadas em relação a como fazer frente às demandas de um país que envelheceu sem ter conseguido antes, garantir o básico para a população jovem; fato constatado pela ainda insuficiente rede de educação básica, apesar da redução expressiva das taxas de natalidade em todo país nas últimas décadas.

Ciente desta complexidade, esta tese, desde o princípio, não procurou encontrar culpados, mas entender a violência buscando encontrar os inéditos viáveis sugeridos por Freire e Macedo (2011) para amenizar a violência contra os velhos no Brasil, antes que se legitime, ou naturalize-se. Acalenta pensar que muitos são os caminhos que se abrem neste sentido. Assim, algumas ações parecem ser possíveis de serem feitas se houver desejo e iniciativa de diferentes esferas da sociedade.

Trabalhar na prevenção continua sendo a estratégia mais viável para as sociedades. Ao se prevenir a presença de relações violentas nas famílias, mais seguros os integrantes se sentirão e menos expostas à comunidade na qual estão inseridas as famílias ficarão. Ao

Estado, economicamente são inquestionáveis as vantagens advindas de políticas efetivas de prevenção. Mas políticas que tenham a potência e o suporte necessário para saírem dos papéis onde, em alguns casos, servem para isentar o Estado de ser acusado de negligente, por ter o que mostrar de intenção, mas pouco pode explicitar sobre os reais resultados gerados por tais políticas. Um elemento que dificulta a efetividade de tais políticas é a escassez de recursos destinados a ações preventivas. Ações que vão desde campanhas na mídia, capacitação continuada a técnicos que trabalham diretamente com velhos, bem como a realização de ações que busquem mudar o estereótipo que a sociedade tem em relação a esta parcela da população. A quebra dos estereótipos atuais contribuiria para maior reconhecimento do mérito pelas trajetórias de vida destas pessoas, garantindo a dignidade por serem velhos, não encarando-os como um fardo pesado que os mais jovens devem carregar pelo fato dos velhos ainda não terem morrido.

Os discursos usados para justificar a situação econômica do país, frequentemente, vinculam a escassez de recursos quase exclusivamente à quantidade de aposentados. Não estamos aqui discutindo se é cabível, ou não, a reforma previdenciária, mas sim, o discurso que talvez, não de maneira proposital, serve para reforçar o peso dos velhos para os jovens na sociedade brasileira, servindo de incentivo a práticas de assédio moral no trabalho em relação a aposentados ou a trabalhadores em via de aposentadoria.

Outro aspecto que precisa ser revisto para buscar fazer frente às práticas de violência é a formação base dos profissionais que trabalham, ou trabalharão, com esta realidade. Devido à complexidade da temática aqui discutida e da frequente escassez de recursos destinados ao pagamento de salários dos técnicos que acabam trabalhando nestes serviços, urge a necessidade de serem revistos os currículos de cursos técnicos e de graduação nas mais distintas áreas, não apenas nas ciências humanas, sociais e da saúde. Embora o Estatuto do Idoso aponte para a obrigatoriedade de conteúdos sobre o envelhecimento nas grades curriculares, são poucos os cursos que efetivamente abordam de forma clara e sistemática os temas ligados ao envelhecer. Geralmente, quando abordados na graduação, assim são feitos por um interesse pessoal do docente, não por uma exigência curricular. É claro que a obrigatoriedade não garante que os temas sejam abordados de forma precisa pelos docentes, pois estes nem sempre possuem a formação adequada para tal, além do fato de que podem estar revestidos de preconceitos quanto ao envelhecimento da sociedade e com dificuldades para lidarem com o seu próprio processo de envelhecimento. Esta falha na formação dos profissionais foi apontada por Grilo e Lombardi Júnior (2015) como um problema sério no combate a violência, pois os

profissionais desconhecem as formas para identificar, agir e notificar as situações de violência quando frente a elas.

Contudo, atualizações podem ser oferecidas com o intuito de que os docentes que já estão preparados para abordarem o assunto possam ser os capacitadores dos seus próprios colegas. A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia poderia ser uma referência para encontrar pessoas com formação adequada, bem como uma busca junto aos grupos de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para saber quem são os profissionais que estão produzindo conhecimento sobre a área. Importante que esta formação extrapole para outras áreas, como mencionado anteriormente.

Uma situação que não parece ter relação com a violência contra velhos é o número insuficiente de escolas de educação infantil no Brasil. Em 2015, 1.157 milhão era o número de vagas faltantes nas pré-escolas brasileiras (ESCOLA PÚBLICA, 2015). Vagas que poderiam ser preenchidas por crianças que ficam em casa de vizinhos, com avós, ou com as mães que não podem trabalhar. A educação infantil é um terreno fértil para a realização de trabalhos educativos visando a prevenção da violência. Atividades que estimulem a convivência entre as gerações, que reforcem a importância dos vínculos criança/pais/avós podem fazer a diferença. Também pode ser na escola que, a criança que vive em um lar violento, encontre um ambiente acolhedor e de respeito, passando a ter outras referências. Professores podem ser um elo poderoso entre as famílias e os Conselhos de Proteção, que, quando ambos trabalham de forma comprometida, ao ser sinalizada a suspeita de que algo está errado na relação da criança com os seus cuidadores, agem rapidamente, dirimindo a fragilização/rompimento dos vínculos familiares.

As pré-escolas têm outra importante contribuição à sociedade. Sabe-se o quanto este tipo de socialização acrescenta para a vida da criança e permite aos pais, maior tranquilidade para dedicarem-se às suas atividades profissionais. Dependendo das condições que os pais encontram na atuação profissional, o trabalho também pode ser fonte de estresse, tornando-se condição para a violência. Cenários insalubres, subempregos, medo de demissão, são geradores de sofrimento que pode ser deslocado para a relação com o velho. Toda a raiva, todo o sofrimento gerado pelo trabalho, ou pela preocupação em relação aos filhos, pode ser deslocado para a relação com os progenitores, causando a violência.

Outro aspecto que ganha destaque aqui é o desgaste advindo do cuidar de um velho. Se pensarmos que algumas condições para que relações violentas aconteçam podem

estar vinculadas à falta de autonomia e independência, o quanto uma casa projetada sem escadas e com portas largas, por exemplo, poderia diminuir a probabilidade de um velho precisar de um familiar para fazer o seu deslocamento até o banheiro, evitando possível desgaste na relação. Situação que poderia diminuir a condição vulnerável dos velhos, postergando, ou não permitindo que estes passem a ocupar o lugar de *outsiders* (ELIAS e SCOTSON, 2000), não ficando tão expostos à violência. No entanto, a maioria dos profissionais, ao concluir suas graduações, não estudou nada sobre envelhecimento humano, pois as grades curriculares dos seus cursos não contemplavam o tema. Mesmo nos cursos que, de alguma maneira, o envelhecimento humano é abordado, o manejo sobre relações violentas é constantemente ignorado. Transmite-se conteúdo, nem sempre contextualizado, sem estímulo para que os acadêmicos busquem estabelecer relações com a prática, muito menos com as possíveis estratégias de intervenção. Isso é preocupante, haja visto que não é raro profissionais recém formados estarem atuando na proteção de velhos, pois não há condições para o pagamento de salários mais elevados que atrairiam profissionais com maior experiência. Todavia, muitas pessoas vêm no trabalho de cuidador uma possibilidade de colocação profissional, ou passam a cuidar em função de vínculos familiares, não tendo remuneração. Independente da situação, é sabido que este tipo de cuidado exige dedicação intensa, gerando estresse nestas pessoas. Grupos de apoio a cuidadores poderiam ser mais numerosos e, os já existentes, mais divulgados. Grupos que possam servir para que as pessoas exponham suas angústias, mas também que minimamente as instrumentalize para que possam fazer da tarefa de cuidar um ofício menos desgastante. Também pode ser uma alternativa para aliviar o estresse de cuidar, intercalar com outras pessoas tal atividade. Todavia, sabe-se que é oneroso e difícil encontrar bons profissionais, os quais também não estão disponíveis na rede pública.

Destaca-se aqui o esforço dos profissionais que atuam na rede de proteção para tentar atender às demandas. Compreende-se também, o sentimento de impotência que muitos sentem, por não terem na rede o fluxo necessário de e para encaminhamentos, bem como nas suas formações, não estudarem o suficiente para assegurarem-se em pressupostos teóricos basais para atuarem de maneira resolutiva na problemática apresentada.

Outro aspecto que poderia ser mais aprofundado pelas academias é a padronização de algumas categorias, quando se refere à violência contra velhos. É sabido que a categorização pode limitar a leitura de alguns dados. Como foi constatado nesta pesquisa, a falta de critérios claros para fazer o registro das ocorrências faz com que o empenho dos profissionais não garanta o objetivo do seu esforço, que é dar visibilidade aos cenários

violentos. Isso não é exclusivo ao Brasil, pois como apresentado no estudo americano de Dong (2015), não há padronização, nem na forma de se entender o que é abuso contra idosos. Talvez um caminho seja o de separar o que é condição do que é causa de violência. Por condição, entende-se aspectos presentes no contexto que facilitam a ocorrência da violência, embora não sejam os geradores desta. A presença de condições represente a existência de um ambiente favorável à prática da violência. O desemprego de familiares, a fragilidade do velho, a coabitação são elementos que merecem atenção quando há a intenção de prevenir a violência, pois, costumeiramente, desgastam as relações pelo impacto emocional que pode estar presente.

Ao fazer alusão às causas da violência, aqui explicita-se situações que por si só têm a força para que os atos aconteçam. É o que origina de forma concreta e precisa a ação violenta. A dependência química e a desestrutura familiar são exemplos disso. Para conseguir a droga, o sujeito perde o controle emocional, por vezes não reconhece seus familiares e acaba os agredindo para conseguir dinheiro / bens para comprar a droga, ou, em decorrência dos seus efeitos, por não estar lúcido, agride. Em algumas situações, foi possível constatar que a violência parece acontecer como forma de punição em função do que o sujeito violador carrega da sua infância. A sobrecarga do cuidador, principalmente quando este é um familiar, ganha destaque também neste sentido. Quando acompanhadas situações onde filhas cuidavam de suas mães, Bohm (2009) destaca que a ambivalência de sentimentos durante este cuidado era evidente, já que, por vezes, desejavam a morte da mãe, gritavam com a mesma e, em seguida, sentiam-se extremamente culpadas por reconhecer a intensidade de tal sentimento. Entretanto, para esta dupla (mãe e filha), a agressão já havia ocorrido, o que deixava marcas em ambas. No estudo realizado por Bohm (2009), além da fragilidade das idosas, havia a coabitação e a necessidade das filhas abdicarem de parte significativa de suas vidas para cuidar das mães, como elementos que serviam como condições facilitadoras para a ocorrência da violência, mesmo as filhas sendo consideradas boas cuidadoras. Esta situação poderia ser amenizada se os filhos que assumiram o cuidado de seus familiares idosos pudessem contar com alguém para, eventualmente, cuidarem dos velhos dependentes. Nestes momentos, os cuidadores poderiam ir ao médico, fazer compras para casa, ou, simplesmente, respirarem ares diferentes dos de casa. Talvez, a presença de profissionais cuidadores volantes na rede pública que pudessem ficar um turno por semana na casa destas famílias, já poderia amenizar a sobrecarga do cuidador, evitando possíveis atos violentos.

Outra possível causa da violência está ligada à comunicação. A interpretação equivocada do comportamento do velho, em especial nos casos de demência, pode

desencadear a violência. Palavras descontextualizadas e/ou repetição excessiva de frases, impossibilidade de entender rapidamente o que o mais jovem está falando, ou dificuldade em manifestar através de expressões faciais o que sente, quando a linguagem verbal não é mais possível, também merecem atenção das instâncias que querem prevenir a violência.

Buscando a padronização de informações como forma de mapeamento da realidade, ou de parte dela, aqui é proposto um modelo de planilha de registro das denúncias recebidas (Ver Apêndice E). Como já mencionado nesta tese, muitos dados não foram analisados na íntegra pela falta de padronização nos registros entre os dois serviços que serviram de referência para esta pesquisa. É sabido que apenas a disponibilização da planilha não garante a interpretação adequada da mesma, o que torna imperativo a realização de treinamento junto aos técnicos para que se apropriem do instrumento, comungando dos significados de cada informação que deve ser registrada.

Ao ter clara a distinção entre causas e condições, acredita-se que surge um modelo possível para a realização de trabalhos efetivos visando a prevenção de atos violentos. Identificada a condição, ações poderiam ser feitas imediatamente para evitar o desfazimento dos vínculos familiares por ações de agressão, o que acaba resultando, entre outros aspectos, na institucionalização ou morte dos velhos. Neste sentido, ao identificarmos o desemprego e a fragilidade como condições propícias à violência, já é possível enxergar alternativas de mais ações de prevenção. No caso do desemprego, um caminho poderia ser acionar a rede que existe e atua na capacitação de pessoas para o mercado de trabalho, muitas vezes, oferecendo cursos sem custo direto ao aluno. Também poderia ser desenvolvido um trabalho mais intenso junto ao Sistema Nacional de Empregos (SINE), onde este passe a prospectar vagas constantemente, não apenas aguardando a solicitação de encaminhamentos por parte das empresas que o buscam, agilizando o encaminhamento dos desempregados para otimizar a recolocação profissional.

Quando situações de fragilidade do velho forem percebidas também ações podem ser feitas. A fragilidade sendo constatada na relação, a violência passa a ter um alvo, o que torna imperativo agir preventivamente. Inicialmente, capacitar os agentes comunitários e os demais profissionais que atuam na área da saúde para identificar a fragilidade nos velhos. Já há referencial teórico (NERI, 2013) que pode ser usado como base para este tipo de capacitação. Como Paulo Freire dizia, a educação não transforma a sociedade, mas através dela, as pessoas podem ser transformadas e atuarem de maneira a modificar essas questões que trazem tanto sofrimento aos que nela vivem. Empoderando-os em relação ao protagonismo que possuem, quando bem instrumentalizados através de conhecimentos técnicos e éticos, os profissionais podem ajudar a transformar a sociedade brasileira que

tem quase naturalizado a violência, em uma sociedade pacificada, ou pelo menos, menos violenta.

Outra ação que poderia ser realizada junto às unidades básicas de saúde, ou aos serviços preventivos dos planos de saúde, são grupos de viúvos/solitários, sendo estes do tipo grupo de ajuda mútua ou grupos de convivência. Constatou-se que a viuvez é uma condição para a ocorrência de violência. Esta constatação remete a resultados obtidos pelo *National Center on Elder Abuse* (2005) quando identificam que velhos solitários ou isolados socialmente estão em condição vulnerável. Assim, se este velho não se sentir isolado, reconhecer que tem com quem falar, sentindo-se seguro, respeitado e acolhido, o próprio grupo pode servir como um empoderador para que o velho não aceite ocupar o lugar de vítima/*outsider*. Mesmo não verbalizando, o grupo pode perceber mudança no comportamento do velho, sinalizando indício de situações desconfortáveis no lar, o que poderia servir para um acompanhamento mais próximo dos agentes comunitários, quando em unidades básicas de saúde, por exemplo. O resgate de vínculos desfeitos nas famílias geralmente é um processo árduo e, infelizmente, muitas vezes impossível de acontecer, pois as mágoas são muitas e nem sempre há o desejo dos envolvidos para resgatar aquela relação.

Nesta mesma linha de intervenção, também sugere-se um trabalho ainda mais efetivo junto às mães e aos pais (quando estes estão presentes) durante o período pré-natal e nos primeiros anos de vida da criança. Os entrevistados trouxeram as marcas que carregam de violências que viveram e/ou sentiram na infância. Bandura (1973) deixa claro o quanto a observação de comportamentos agressivos faz com que crianças aprendam e imitem com o passar do tempo tais ações. Percebe-se que todos os entrevistados nesta tese têm registro, nas suas memórias, de agressões que sofreram, o que coloca a violência na infância como uma condição para a ocorrência da violência contra os pais. Relaciona-se esta situação a causas por estar ligada à (des)estrutura familiar. Estudos (MICHENER, DELAMATER e MYERS, 2005) mostram que as crianças que tiveram apego seguro nos anos iniciais das suas vidas são mais equilibradas, cooperativas e seguras nas fases seguintes do desenvolvimento. Foi constatado nas narrativas obtidas nesta tese o quanto estas pessoas cresceram em ambientes e contextos desestruturados. Aprenderam, através dos processos de socialização, que a violência é uma forma de relação interpessoal viável. Estes processos socializadores permitiram o aprendizado dos comportamentos possíveis e esperados quando desempenhando determinados papéis, ou em situações distintas. Fato que preocupa, pois, a medida que estão internalizados, há uma tendência em serem

reproduzido, gerando um círculo vicioso da violência nas relações, passando para as próximas gerações.

Entretanto, nenhuma destas propostas isoladamente consegue dar conta da complexidade da temática aqui apresentada. O desenvolvimento de ações que contemplem equipes interdisciplinares parece ser o caminho para que os inéditos viáveis de Freire e Macedo (2011) sejam encontrados pelas pessoas que efetivamente querem fazer a diferença nas suas ações frente à violência. Para tal, os ladrilhos deste caminho só darão sustentação segura para o percurso através de segurança profissional e empatia. Aqui parece que está a amálgama para manter os ladrilhos no trajeto. Segurança profissional vem de uma formação consistente e sólida, que, além de apresentar teoria, coloca desafios para os alunos alcançarem, que liga a teoria à prática real, contextualizada, preparando as pessoas para fazerem frente às demandas do mundo, não apenas para receberem um diploma. Com segurança profissional, ao estar apropriado do que é empatia, esta passa a ser uma atitude do profissional, uma forma de se colocar no mundo frente aos que ele atenderá. Assim, munido de um arcabouço teórico consistente e com respeito em relação ao outro, percebendo o que de fato ele está vivenciando e necessitando, fica menos difícil para encontrar a parte do caminho menos perigosa. Este outro, não necessariamente será o velho violentado, ou o filho que agrediu, mas pode ser um colega de trabalho. O sucesso para superar os obstáculos do trabalho em equipe interdisciplinar é estar apropriado da sua identidade profissional, do que lhe compete e no que cada um pode contribuir com o outro, e vice-versa. Talvez, o inédito viável aqui proposto seja a *práxis* que possibilite um olhar mais coletivo, colaborativo e solidário com os outros, fugindo da lógica individualista das últimas décadas.

Por ser um estudo exploratório, procurou-se identificar algumas pistas para compreender a partir de um outro lugar, no caso, do agressor, o processo da violência. Estudos como este têm a pretensão de chamar a atenção da sociedade sobre a gravidade do tema, lembrando a todos de que a violência contra os velhos atravessa a história da humanidade, sendo, neste momento, utópico a extinção destes comportamentos, o que justifica a cautela em não buscar soluções mágicas, mas a análise da problemática para encontrar caminhos para reduzir a ocorrência/impacto de tal ato. Enquanto pesquisadora, se está ciente das limitações que mesmo um trabalho intenso e cuidadoso apresenta. Ao longo desta pesquisa, alguns limites foram encontrados, como a falta de publicações sobre pesquisas que ouviram diretamente os agressores, a dificuldade em acessar às pessoas para as entrevistas, o receio inicial dos entrevistados, que, muitas vezes iniciavam com falas quase decoradas, a dificuldade em captar o momento de uma realidade, pois o trabalho de

campo se dava após a ocorrência do ato. A complexidade da realidade em si foi um desafio, pois as histórias das vidas não cabem plenamente em narrativas. As narrativas também são contadas a partir de alguém que coloca as suas intenções e emoções em cada palavra, em cada gesto, bem como na percepção da pesquisadora, que mesmo buscando ser imparcial, acaba tendo a interpretação influenciada pela sua própria caminhada. Outro aspecto que merece destaque quanto às limitações, é o fato de ser um estudo que buscou fazer a leitura de uma problemática, inserido em um contexto específico, com um determinado grupo, o que torna temeroso qualquer generalização, bem como, o apontamento certo de determinada estratégia para fazer frente a tal situação. Todavia, a partir dos resultados aqui encontrados, inferências em relação ao tema cabem, como a possibilidade da realização de novos estudos buscando comparar os achados. Também constata-se que alguns foram os caminhos descobertos nesta trajetória. O contato mais próximo com cada entrevistado, conhecendo seu bairro, sua casa, em um local que era para eles familiar, favoreceu o desencadear das narrativas. Um aspecto que inicialmente pareceu negativo, mostrou-se valioso ao longo do estudo, que foi poder ouvir algumas outras pessoas do núcleo familiar, pois trouxeram elementos interessantes para ampliar a compreensão do contexto.

É certo de que novas pesquisas precisam ser desenvolvidas sobre a temática da violência contra os velhos, investigando os diferentes ângulos desta situação. Fomentar pesquisas nesta área deve ser entendido como investimento, uma vez que a prevenção da violência seguramente fará com que muito dinheiro seja poupado dos cofres públicos em medidas reativas. Considerando dados americanos, no ano de 2009, US\$11,9 milhões foram destinados a ações relacionadas à violência contra idosos. Pode parecer muito, mas se compararmos aos recursos destinados às ações para crianças (US\$7 bilhões), perceberemos que a disparidade é muito grande. Talvez, com maiores investimentos, seja possível trabalhar para a manutenção da maior autonomia dos velhos, sendo este, um pilar da OMS quando se refere ao envelhecimento ativo. Assim, os velhos com maior autonomia, os pais mais preparados para acolherem a criança que está chegando, os técnicos mais capacitados para atuarem na rede, efetivamente constituindo uma, os professores sensibilizados para trabalhar transversalmente conteúdos sobre o envelhecer nas escolas com os alunos, bem como os professores de graduação capacitando melhor os futuros profissionais, certamente estaremos diante de um presente e de um futuro melhor para todos. Inspirada em Berzins e Watanabe (2010), o caminho para esta sociedade melhor parece passar pela ética do cuidado e da solidariedade. Se hoje ainda a juventude é um valor (MEDEIROS, 2004), parece urgente que este seja revisto e o ser humano adquira tal *status*, onde suas idiossincrasias sejam não apenas respeitadas, mas aceitas, o que faria da

sociedade na qual vivemos, uma sociedade para todas as pessoas, não para uma parcela da população.

REFERÊNCIAS

- ABIGALIL, Albamira Paulino de Campos; MENDONÇA, Jurilza Maria Barros de. Violência Financeira Contra a Pessoa Idosa. In: BERZINS, Marília Viana; MALAGUTTI, William. **Rompendo o silêncio: faces da violência na velhice**. Sao Paulo: Martinari, 2010, p.219-236.
- ANDRADE, Sandra dos Santos. **A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas**. In: MEYER, Dagmar Estermann, PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p.173-194.
- APRATTO JUNIOR, Paulo Cavalcante. A violência doméstica contra idosos nas áreas de abrangência do Programa Saúde da Família de Niterói (RJ, Brasil). **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 6, Sept. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000600037&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 Jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000600037>.
- ARAUJO, Ludgleydson Fernandes de; CRUZ, Edilene Alves da; ROCHA, Romulo Araujo da. Representações sociais da violência na velhice: estudo comparativo entre profissionais de saúde e agentes comunitários de saúde. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000100022&lng=en&nrm=iso>. access on 08 Jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822013000100022>.
- BALTES, Paul. **Theoretical propositions of life-span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline**. *Developmental Psychology*, v.23, n.5, p.611-626, 1987.
- BALTES, Paul; SMITH, Jacqui. **Novas fronteiras para o futuro do envelhecimento: da velhice bem sucedida do idoso jovem aos dilemas da Quarta Idade**. In: A Terceira Idade, São Paulo, v.17, n.36, p.7-31, jun.2006.
- BANDURA, Albert. **Aggression: a social learning analysis**. EnglewoodCliffs: Prentice-Hall, 1973.
- BANDURA, Albert. **Social learning theory**. EnglewoodCliffs, N.J.: Prentice Hall, 1977.
- BARRETO, Margarida; HELOANI, Roberto. O assédio moral como instrumento de gerenciamento. In: **Atenção à saúde do trabalhador: sofrimento e transtornos psíquicos relacionados ao trabalho**. CRESPO, Álvaro Roberto; BOTTEGA, Carla Garcia; PEREZ, Karine Vanessa (Orgs.). Porto Alegre: Evangraf, 2014, pp. 52-74.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221.
- BERKOWITZ, Leonard. **Frustration-Aggression hypothesis: examination and reformulation**. *Psychological Bulletin*, v.106, p.59-73, 1989.

BERNAL, Anastasio Ovejero. *Psicologia do Trabalho em um Mundo Globalizado: como enfrentar o assédio psicológico e o estresse no trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

BERNAL, Antonio Moya. Envejecimiento, Bioética y Maols Tratos. In: BERZINS, Marília Viana; MALAGUTTI, Willian (Orgs.). **Rompendo o silêncio: faces da violência na velhice**. São Paulo: Martinari, 2010, pp. 71-90.

BEAULIEU, Marie; GARON, Suzanne; COUTURIER, Yves. **La lutte à lá maltraitance au Québec quel quesmises em parallèle avec la démarche “Villes amies des aînés”**. In: Kairós. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde. V.16, n.6, 2012, pp. 197-218.

BEAUVOIR, Simone. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOHM, Verônica. **Histórias de Vida de Cuidadores de Idosos**. 2009. 73p. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – Rio Grande do Sul, 2009.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Tecnologias do eu e da educação**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994. p.35-86.

BOULDING, Elise. *Las Mujeres y la Violencia*. In: **La Violencia y Sus Causas**. p 265-279. Editorial UNESCO. Paris – França, 1981.

BOSI, Ecléia. **A Pesquisa em Memória Social**. Psicologia USP. São Paulo, 4(1/2), 1993, p.277-284.

BOWLBY, John. **A secure base: clinical applications of Attachment Theory**. London: Routledge, 1988.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1988.

BRASIL. Ministério da Previdência e Assistência Social. **Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994**. Dispões sobre a Política Nacional do Idoso. Brasília: Ministério da Previdência e Assistência Social. Secretaria de Assistência Social, 1997.

BRASIL. Ministério de Estado da Saúde. **Portaria 1395/GM, de 10 de dezembro de 1999**. Dispõe sobre a Política de Saúde do Idoso. Brasília: Ministério da Saúde, 1999.

BRASIL. **Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2004.

BRASIL. Presidência da República. Subsecretaria de Direitos Humanos. **Plano de Ação para o Enfrentamento da Violência Contra a Pessoa Idosa** / Presidência da República. Subsecretaria de Direitos Humanos. – Brasília: Subsecretaria de Direitos Humanos. 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução Nº466**, de 12 de dezembro de 2012. Disponível em:
<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html> Acesso em: 04 jun. 2016.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Brasil: manual de enfrentamento à violência contra a pessoa idosa. É possível prevenir. É necessário superar**. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência; Texto de Maria Cecília de Souza Minayo. – Brasília, DF: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2014.

BREAKWELL, Glynis M., et al. **Métodos de pesquisa em psicologia**. -3.ed. – Porto Alegre: Artmed, 2010.

BRITO, Denise Orbage de; FALEIROS, Vicente de Paula. A Violência Intrafamiliar contra a Pessoa Idosa e as Relações Familiares. In:FALEIROS, Vicente de Paula; LOUREIRO, Altair Macedo Lahud; PENSO, Maria Aparecida (orgs.). **O Conluio do Silêncio: a violência intrafamiliar contra a pessoa idosa.** São Paulo: Roca, 2009, pp. 21-45.

CASARA, Mirian Bonho; CORTELLETTI, Ivonne Assunta; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti (Orgs.). **Idoso asilado: um estudo gerontológico.** 2. ed. Caxias do Sul/Porto Alegre: Educs/Edipucrs, 2010.

CASTILHO, Tai. **O idoso fragilizado e a família:** representações, preconceitos, conflito e solidariedade. A Terceira Idade (SESCSP), v.18, n.38, p.57-63, fev., 2007.

CASTRO, Anúbes Pereira de et al. Violência na velhice: abordagens em periódicos nacionais indexados. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 18, n. 5, May 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000500013&lng=en&nrm=iso>. accesson 08 Jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000500013>.

CENTRO INTERNACIONAL DE LONGEVIDADE BRASIL - **Envelhecimento Ativo: Um Marco Político em Resposta à Revolução da Longevidade.** 1ª edição - Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2015.

CÍCERO. Saber Envelhecer seguido de A Amizade. Porto Alegre:L&PM, 1997.

CHIZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 1991.

CÔRTE, Beltrina. O idoso como agente do crime. In: BERZINS, Marília Viana; MALAGUTTI, Willian (Orgs.). **Rompendo o silêncio: faces da violência na velhice.** São Paulo: Martinari, 2010, pp. 253-274.

CRUZ NETO, Otávio; MOREIRA, Marcelo Rasga. **A concretização de políticas públicas em direção à prevenção da violência estrutural.** Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro , v. 4, n. 1, 1999 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81231999000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 Jun. 2014.

CUNHA, Renata Cristina da. **A pesquisa narrativa:** uma estratégia investigativa acerca do ser professor. Apresentado no Encontro de Pesquisa em Educação da Universidade Federal do Piauí, 2009. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.2/35_Renata%20Cristina%20da%20Cunha.pdf>. Acesso em: 16 ago.2014.

DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri. **Histórias de Vida na Abordagem de Problemas Educacionais.** In: VON SIMSON, MORAES, Olga de (Org.). *Experimentos com Histórias de Vida.* São Paulo: Vértice, 1988, p.44-71.

DIAS, Isabel. Envelhecimento e violência contra idosos. **Revista da Faculdade de Letras: Sociologia**, I série, vol. 15 (2005), p. 249-274. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10216/8789>>. Acesso em: 16 mai. 2014.

DIEESE. **Mulheres e homens em grupos ocupacionais homogêneos:** elas tendem a ganhar menos. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/analiseped/2014/boletimRendimentoMulher.pdf>> Acesso em: 27 jul.2015.

DONG, XinQi. Elder abuse: systematic review and implications for practice. In.: **The American Geriatrics Society Journal Compilation**. June 2015 - Vol.63, Nº.6, pp. 1214-1238.

DURKHEIN, Emile. **O Suicídio**: estudo de sociologia. São Paulo:WMFMartins Fontes, 2000.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John.**Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador, volume 1**: uma história dos costumes. Tradução: Ruy Jungmann. – 2.ed.- Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

EIZIRIK, Marisa Faermann. **Michel Foucault**: a Agonística do Espaço Pedagógico. Educação, subjetividade e poder. Porto Alegre, n. 3, p. 99-109, abr. 1996.

ERIKSON, Erik. **O Ciclo de Vida Completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ESCOLA PÚBLICA. Em busca de Vagas. São Paulo, Editora Segmento. Edição 47 Out/Nov 2015. Disponível em: < <http://revistaescolapublica.uol.com.br/textos/32/em-busca-de-vagas-284459-1.asp>> Acesso em: 16 Abr. 2016.

EVLICH, Pierre. **Globalização e violência**.In: LEVISKY, David Léo (Org.). **Adolescência e violência**: ações comunitárias na prevenção “conhecendo, articulando, integrando e multiplicando”. São Paulo: Caso do Psicólogo / Hebraica, 2001, pp.51-62.

FALEIROS, Vicente de Paula. Violência contra a pessoa idosa. Ocorrências, vítimas e agressores. Brasília: Universa, 2007.

FALEIROS, Vicente de Paula; BRITO, Denise Orbage de. **Representações da Violência Intrafamiliar por Idosas e Idosos**. In: FALEIROS, Vicente de Paula; LOUREIROS, Altair Macedo Lahud; PENSO, Maria Aparecida (orgs.). **O Conluio do Silêncio**: a violência intrafamiliar contra a pessoa idosa. São Paulo: Roca, 2009, pp.1-19.

FALEIROS, Vicente de Paula; BRITO, Denise Orbage de. **Representações da Violência Intrafamiliar por Idosas e Idosos**. In: Ser Social, Brasília, n.21, p.105-142, Jul./Dez. 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FIGUEREDO, Ana Elisa Bastos et al. Centro de atenção e Preservação à Violência Contra a Pessoa Idosa e Observatório Nacional do Idoso: uma questão de direitos. In: BERZINS, Marília Viana; MALAGUTTI, Willian (Orgs.). Rompendo o silêncio: faces da violência na velhice. São Paulo: Martinari, 2010, pp. 109-121.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Cadernos de Pesquisa, n.114, p.197-233, Nov.2001.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização**:leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREUD, Sigmund (1901). **A psicopatologia da vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. VI.

FOUCAULT, Michel.(1969) **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Roberto Machado (Org.). Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 22.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Humbert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. – 2.ed., rev. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, pp, 273-295.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos, volume IV** : estratégia, poder-saber. Organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta; tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. – 3.ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em Educação. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru , v. 11, n. 2, Aug. 2005 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132005000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 Aug. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132005000200013>.

GARCIA, Schirley S; et al. **Violência intrafamiliar contra idosos: perfil do indiciado e do agredido**. ACM arq. catarin. Med; 38(4) out.-dez. 2009.

GIACOMINI, Marcello Paniz; VARGAS, Anderson Zalewski. **Foucault, a Arqueologia do Saber e a Formação Discursiva**. VEREDAS ON LINE – ANÁLISE DO DISCURSO – 2/2010, P. 119-129 – PPG LINGUÍSTICA/UFJF – JUIZ DE FORA - ISSN 1982-2243. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/artigo-09.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2014.

GONÇALVES, Jurema Ribeiro Luiz et al. Perception and conduct of health professionals about domestic violence against the elderly. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 194-202, jan. 2014. ISSN 2175-5361. Disponível em? <<http://www.seer.inirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/2869>>. Acesso em: 04 Jun. 2014. doi:<http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2014.v6i1.194-202>.

GRAY, David E. **Pesquisa no Mundo Real**. – 2.ed. - Porto Alegre: Penso, 2012.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Foucault e Pêcheux na análise do discurso- diálogos & duelos. São Carlos: Claraluz, 2004.

GRILO, Patrícia Medeiros Silva, LOMBARDI Júnior, Império. Maus-tratos em idosos: perfil das vítimas, vínculo com o agressor e atuação dos profissionais. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 611-624, 2015.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **A maturidade e a velhice: um olhar antropológico**. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Desenvolvimento e Envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. – 4.ed. -Campinas, SP: Papirus, 2008.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. In: **Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindicisociais2010/SIS_2010.pdf>. Acesso em: 24 jul.2015.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. In: **Sinopse do Censo Demográfico 2010 - Rio Grande do Sul**, 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=43&dados=26#topo_piramide>. Acesso em: 11fev.2016.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, pp.90-113.

KRUG, Etienne. G. et al. **The world report on violence and health**. Genova, WHO, 2002.

LOUZÄ, José Rodrigues; LOUZÄ NETO, Mário Rodrigues, COHEN, Cláudio. **Os avós maltratados**. *Rev Paul Med*; 105(2): 108-11, mar.-abr. 1987. Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-41463>>. Acesso em: 07 jun.2014.

MACHADO, Laura; QUEIROZ, Zally V. **Negligência e Maus-tratos**. In: FREITAS, Elizabete Viana de et al. (Orgs.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. - 2. ed. - Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p. 1152-1159.

MALUF, Sônia Wedner. **Antropologia, narrativas e a busca de sentido**. Horizontes Antropológicos (Porto Alegre), ano 5, n.12, p.69-82, dez,1999.

MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. – 7.ed. – 6. reimpr. –São Paulo: Atlas, 2012.

MARMOLEJO, Isabel Iborra. **Violência contra Personas Mayore**.Barcelona: Ariel, 2005.

MEDEIROS, Suzana Aparecida Rocha. **O lugar do velho no contexto familiar**. In: PY, Ligia... [et al.]. **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**.Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004.

MEDEIROS, MérciaCarréra de. **Unidos contra a violência**. In: CASTILHO-MARTIN, Marcia.; OLIVEIRA, Suely. (orgs.). **Marcadas a Ferro– Violência contra a Mulher: uma visão multidisciplinar**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. p.100-103.

MEIRA, Edméia Campos; GONÇALVES, Lucia HisakoTakase; XAVIER, Jacilene de Oliveira. **Relatos orais de cuidadores de idosos doentes e fragilizados acerca dos fatores de risco para violência intrafamiliar**. *Cinc. cuid. saúde*; 6(2): 171-180, abr.-jun. 2007.

MELMAN, Jonas; CILIBERTI, Maria Ermínia; AOKI, Mariângela; FIGUEIRA JUNIOR, Nelson. **Políticas públicas para superação da violência contra a pessoa idosa: o desafio para construção de uma cultura de paz**. In: BERZINS, Marília Viana; MALAGUTTI, William (Orgs.). **Rompendo o silêncio: faces da violência na velhice**. São Paulo: Martinari, 2010, pp. 311-325.

MENEZES, Maria do Rosário. et al. **Revelando a violência doméstica contra idosos na cidade de Slavador, Bahia**. Relatório de Pesquisa. Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); Ministério da Saúde (MS); Universidade Federal da Bahia, Escola de Enfermagem. Bahia, 2007. 337 p.

MERCADANTE, Elisabeth Frohlich; BERZINS, Marília Viana. Discriminação e perversidade contra pessoas idosas reveladas nas piadas. In: BERZINS, Marília Viana; MALAGUTTI, William. **Rompendo o silêncio: faces da violência na velhice**. Sao Paulo: Martinari, 2010, p.123-144.

MICHENER, Andrew; DeLAMATER, John; MYERS, Daniel. **Psicologia Social**; tradução Eliane Fittipaldi, Suely Sonoe Murai Cuccio. – São Paulo: Pioneira Thomson Leraning, 2005.

MILLWARD, Lynne J. Grupos focais. In: BREAKWELL, Glynis M. et al (orgs.). 3. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2010, pp. 278-301.

MINAYO, Marília Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 6ª. ed. Petrópolis –RJ: Vozes, 1994.

_____. **Violência contra idosos**: relevância para um velho problema. *Cadernos de Saúde Pública*, 2003, Vol.19(3), p.783.

_____. **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

_____. Suicídio de pessoas idosas e fatores associados a esse fenômeno no Brasil e no Mundo. . In: BERZINS, Marília Viana; MALAGUTTI, Willian (Orgs.). **Rompendo o silêncio: faces da violência na velhice**. São Paulo: Martinari, 2010, pp. 199-218.

_____; SOUZA, Edinilsa Ramos de; PAULA, Danúzia da Rocha de. Revisão sistemática da produção acadêmica brasileira sobre causas externas e violências contra a pessoa idosa. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 6, Sept. 2010 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000600010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 Jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000600010>.

MINOIS, Georges. **História da velhice no ocidente**: Da Antiguidade ao Renascimento. Lisboa: Editora Teorema, 1999.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOTTA, Alda Britto da. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Soc. estado.**, Brasília , v. 25, n. 2, Aug. 2010 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922010000200005>.

MUCHEMBLED, Robert. **História da Violência**: do fim da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MUSSE, Juliana de Oliveira; RIOS, Maria Helena Evangelista. Atuação do enfermeiro perante à violência doméstica sofrida pelo idoso. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 365-379, 2015.

MUSZKAT, Malvina. **Violência intrafamiliar**: novas formas de intervenção. In: LEVISKY, David Léo (Org.). **Adolescência e violência**: ações comunitárias na prevenção “conhecendo, articulando, integrando e multiplicando”. São Paulo: Casa do Psicólogo / Hebraica, 2001, pp.167-173.

NATIONAL CENTER ON ELDER ABUSE. **15 Questions&AnswersAbout Elder Abuse**. NationalAssociationofStateUnitsonAnging. Washington D.C.; 2005. Disponível em: <http://www.ncea.aoa.gov/Resources/Publication/docs/FINAL_6-06-05_3-18-0512-10-04qa.pdf>. Acesso em 14 Dez.2015.

NERI, Anita Liberalesso; SOMMERHALDER, Cinara. As várias faces do cuidado e do bem-estar do cuidador. In.: NERI, Anita Liberalesso (Org) **Cuidar de idosos no contexto da família: questões psicológicas e sociais**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006, p.9-64.

NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Fragilidade e Qualidade de Vida na Velhice**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.

NICO, Lucélia Silva et al. A Grounded Theory como abordagem metodológica para pesquisas qualitativas em odontologia. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 12, n. 3, p. 789-797, Jun 2007 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

81232007000300029&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 Dez. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232007000300029>.

NOGUEIRA, Teresinha de Jesus Araújo Magalhães. **Memória, história oral e narrativa: o encontro do possível na multiplicidade de pontos de vista**. In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação, 2013, Cuiabá – Mato Grosso. Circuitos e Fronteiras da História da Educação no Brasil. Cuiabá-MT, 2013. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/03-%20FONTES%20E%20METODOS%20EM%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/MEMORIA%20HISTORIA%20ORAL%20E%20NARRATIVA.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2014.

NOVO, Ana Lúcia Marques de Souza; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. O outro lado da moeda: velhos violentos. In: BERZINS, Marília Viana; MALAGUTTI, William (Orgs.). **Rompendo o silêncio: faces da violência na velhice**. São Paulo: Martinari, 2010, pp.237-252.

OLIVEIRA, Anelissa Andrade Virgínio de et al. Maus-tratos a idosos: revisão integrativa da literatura. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 66, n. 1, Feb. 2013. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000100020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 Jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672013000100020>.

OLIVEIRA, Simone Camargo et al. Violência em idosos após a aprovação do Estatuto do Idoso: revisão integrativa. **Rev. Eletr. Enf.**, Goiânia, v. 14, n. 4, dez. 2012. Disponível em <http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-19442012000400027&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 Jun. 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Plan de Acción Internacional de Viena sobre el Envejecimiento**. Asamblea Mundial sobre el envejecimiento, 26 de julio a 06 de agosto de 1982, Viena, Austria.

PAIXÃO JUNIOR, Carlos Montes, ROCHA, Sônia Maria da. **Violência Doméstica contra Idosos**. In: FREITAS, Elizabete Viana de Freitas [et al.]. – 3.ed. – Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

PENSO, Maria Aparecida; MORAIS, Ivalda Alves de. **O Ciclo da Violência em Famílias com Idosos**. In: FALAEIROS, Vicente de Paula; LOUREIROS, Altair Macedo Lahud; PENSO, Maria Aparecida (orgs.). **O Conluio do Silêncio: a violência intrafamiliar contra a pessoa idosa**. São Paulo: Roca, 2009, pp.47-62.

PERALVA, Angelina. **Violência brasileira: entre o crescimento da igualdade e fragilidade institucional**. In: LEVISKY, David Léo (Org.). **Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção “conhecendo, articulando, integrando e multiplicando”**. São Paulo: Casa do Psicólogo / Hebraica, 2001, pp.25-36.

PILLEMER, Karl; FINKELHOR, David. **The prevalence of Elder abuse: A random sample survey**. *The Gerontologist*, 1988, 28, pp.51-57.

PLAN DE ACCIÓN INTERNACIONAL DE VIENA SOBRE EL ENVEJECIMIENTO. Asamblea Mundial sobre el envejecimiento, 26 de julio a 06 de agosto de 1982, Viena, Austria.

PORTO, Ivalina; KOLLER, Sílvia H. **Violência contra idosos institucionalizados**. *Psicrev. psicol. vetor Ed*; 9(1): 1-9, jan/jun. 2008.

RAMOS, Anne Caroline. **O corpo-bagulho: ser velho na perspectiva das crianças.** Educação e Realidade, 34(2):239-260, mai/ago 2009.

RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa.** São Paulo: Papirus, 1997.

SANCHES, Ana Paula R. Amadio; LEBRAO, Maria Lúcia; DUARTE, Yeda Aparecida de Oliveira. Violência contra idosos: uma questão nova?. **Saude soc.**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 90-100, Sept. 2008

. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000300010&lng=en&nrm=iso>.

accession 29 July 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902008000300010>.

SANTOS, Hermílio; OLIVEIRA, Patrícia; SUSIN, Priscila. **Narrativas e pesquisa biográfica na sociologia brasileira: revisão e perspectivas.** CIVITAS (Porto Alegre); 14(2):p.359-382, maio-ago.2014

QUEIROZ, Zally. **Violência contra a velhice:** considerações preliminares sobre uma nova questão social. Mundo saúde; 21(4): 205-7, jul.-ago. 1997.

RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia social para principiantes:** estudo da interação humana. – 11.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SARAIVA, Evelyn Rúbia de Albuquerque; COUTINHO, Maria da Penha de Lima. Meios de comunicação impressos, representações sociais e violência contra idosos. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 17, n. 2, June 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso

em: 08 Jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722012000200004>.

SARAIVA, Evelyn Rúbia de Albuquerque; COUTINHO, Maria da Penha de Lima. A difusão da violência contra idosos: um olhar psicossocial / Diffusion of violence against the elderly: a psychosocial look. **Psicol. soc. (Online)**; 24(1): 112-121, jan.-abr. 2012b.

SAUAYA, Dulce; COHEN, Ester. O enigma do suicídio no mundo do trabalho. In. BARRETO, Margarida; NETTO, Nilson Berenchtein; PEREIRA, Lourival Batista. São Paulo: Matsunaga, 2011, pp.163-174.

SCHNITMAN, Dora Fried; LITTLEJOHN, Stephen. **Novos paradigmas em mediação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano.**3.ed. São Paulo: EDART, 1976.

SOUSA, Danúbia Jussara de; WHITE, Harriet Jane; SOARES, Leticia Maria, NICOLOSI, Gloria Teixeira; CINTRA, Fernanda Aparecida; ELBOUX, Maria José D'. **Maus-tratos contra idosos:** atualização dos estudos brasileiros. Rev. bras. geriatr. gerontol; 13(2): 321-328, maio-ago.2010.

SOUZA, Andrea Carolina Veras Oliveira Pereira de. **Violência, mídia e velhice:** o idoso nas páginas policiais de Pernambuco. 2009. 78 p. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SOUZA, Valmir de. **Violência e resistência na literatura brasileira.** In: ANDRADE, Everaldo de Oliveira; SOUZA, Luiz Eduardo Simões de (Orgs.). **Os sentidos da violência na História.** São Paulo: LCTE Editora, 2007, pp.47-55.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. **Trabalhando com a história de vida:** percalços de uma pesquisa(dora?). *Revista da Escola de Enfermagem (USP)*, 37(2), p.119-26, 2003.

STUART-HAMILTON, Ian. **A Psicologia do Envelhecimento:** uma introdução. -3.ed.-.Porto Alegre: Artmed, 2002.

TELES, Maria Amélia de Almeida. Reflexões sobre a violência. Significados historicamente construídos. In.: **Do assédio moral à morte de si:** significados sociais do suicídio no trabalho. BARRETO, Margarida; NETTO, Nilson Berenchtein; PEREIRA, Lourival Batista. São Paulo: Matsunaga, 2011, pp. 45-66.

TEXAS Department of Family and Protective Services. Disponível em: <[http://www.dfps.state.tx.us/documents/about/Data Books and Annual Reports/2013/3APS All.pdf](http://www.dfps.state.tx.us/documents/about/Data_Books_and_Annual_Reports/2013/3APS_All.pdf)> Acesso em: 03 mar.2014.

TORTOSA, Juan Muñoz; PINTO, Catalina Tapia. **Entorno familiar y maltrato.** In: TORTOSA, Juan Muñoz. *Personas Mayores Y Malos Tratos.* Madrid: Ediciones Pirámide, 2004, pp.61-81.

VALE, Maria Sueli do. **Mediação de conflito de violência contra pessoas idosas.** 2010. 119 p. Dissertação de Mestrado em Gerontologia pela Universidade Católica de Brasília, Brasília – Distrito Federal, 2010.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2013:** homicídios e juventude no Brasil. Rio de Janeiro: CEBELA e FLACSO Brasil, 2013. Disponível em: <http://mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013_homicidios_juventude.pdf>. Acesso em: 20 set. 2013.

WANDERBROOKE, Ana Claudia; MORE, Carmen. Significados de violência familiar para idosos no contexto da atenção primária. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 28, n. 4, Dec. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722012000400010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 Jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722012000400010>.

WINNICOTT, Donald Woods. **A família e o Desenvolvimento Individual.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Missing voices:** views of older persons on elder abuse. Geneva: World Health Organization, 2002 (a). Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67371/1/WHO_NMH_VIP_02.1.pdf>. Acesso em 15 Dez. 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **The Toronto Declaration on the Global Prevention of Elder Abuse.** Geneva: World Health Organization, 2002(b). Disponível em: <http://www.who.int/ageing/projects/elder_abuse/alc_toronto_declaration_en.pdf>. Acesso em 15 Dez. 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Tópicos norteadores para entrevista

1. Bloco – Identificação

Sexo
Idade
Escolaridade
Profissão
Renda
Parentesco em relação ao idoso
Idade do idoso
Sexo do idoso
Nível de escolaridade do idoso
Se moram juntos, há quanto tempo

2. Histórias de Vida

Rotina atual
Lembranças da infância
Relação destas lembranças com os dias atuais

3. Explorando a Violência

Percepção de violência
Em que situações percebe comportamento agressivo
Violência contra o idoso
Comportamento após a denúncia

4. Prevenção

O que poderia ter evitado a ocorrência do comportamento violento

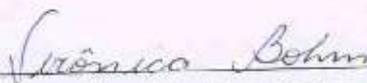
APÊNDICE B - Declaração de Ciência e Concordância da Instituição Envolvida



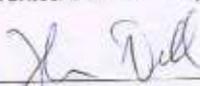
DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO ENVOLVIDA

Com o objetivo de atender às exigências do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o representante legal da Associação Caxiense de Atenção ao Idoso do município de Caxias do Sul, que está envolvida no projeto de pesquisa intitulado **"Violência contra pessoas idosas: narrativas de agressores"**, declara estar ciente e de acordo com seu desenvolvimento nos termos propostos, lembrando aos envolvidos que no desenvolvimento do referido projeto de pesquisa, serão cumpridos os termos da Resolução 466/12 e outras afins emanadas do Conselho Nacional de Saúde, realizando a coleta de dados qualitativos com cerca de 8 pessoas identificadas como agressoras de pessoas idosas.

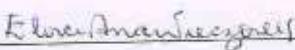
Caxias do Sul, 25 de agosto de 2014.



 Verônica Bohm / Pesquisadora



 Dr. Johannes Doll / Professor orientador



 Assinatura do responsável pela instituição participante
 Nome: Elirci Ana Wieczorek
 Cargo: Coordenadora Técnica
 Instituição: Associação Caxiense de Atenção ao Idoso
 Número de Telefone: (54) 3221-7724

APÊNDICE C- Declaração de Ciência e Concordância Sobre o Uso das Dependências da Instituição



DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA SOBRE O USO DAS DEPENDÊNCIAS DA INSTITUIÇÃO

Com o objetivo de atender às exigências do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o diretor da Faculdade da Serra Gaúcha-FSG, senhor Nelson Felipe de Vargas, declara estar ciente de que uma sala da instituição será utilizada pela pesquisadora Verônica Bohm, que realizará o estudo intitulado "*Violência contra pessoas idosas: narrativas de agressores*". Este espaço servirá exclusivamente para a realização das entrevistas.

Fica acordado que a Faculdade da Serra Gaúcha não terá nenhuma responsabilidade sobre a pesquisa realizada, nem sobre o tempo de permanência da pesquisadora nas dependências da instituição, não tendo esta atividade relação alguma com a atividade profissional desempenhada pela pesquisadora na FSG em outros horários.

Caxias do Sul, 25/08/ 2014.

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Nelson Felipe de Vargas', is written over a horizontal line.

Esp. Nelson Felipe de Vargas
Diretor da FSG

APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Título da Pesquisa: Violência contra pessoas idosas: narrativas de agressores.

Nome da Pesquisadora: Verônica Bohm

Nome do Orientador: Dr. Johannes Doll

Natureza da pesquisa: *o(a) sr(a) está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa que tem como objetivo conhecer os fatores que conduziram à violência contra pessoas idosas através da perspectiva de quem as agrediu.*

Participantes da pesquisa: ao longo da pesquisa, serão entrevistadas pessoas que foram comprovadamente agentes de ações violentas contra idosos.

Envolvimento na pesquisa: ao participar deste estudo, o(a) sr(a) permitirá que a pesquisadora utilize, sem lhe identificar, os dados coletados nas entrevistas em sua tese de Doutorado. O(A) sr(a) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para o(a) sr(a). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto.

Sobre as entrevistas: as entrevistas sempre serão realizadas em data e horário sugeridos pelo entrevistado, em uma sala reservada na Faculdade da Serra Gaúcha, estando o entrevistado livre para interromper a qualquer momento a entrevista.

Riscos e desconforto: a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

Confidencialidade: todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e o orientador terão conhecimento dos dados brutos.

Benefícios: ao participar desta pesquisa o(a) sr(a) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a temática da

violência, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa contribuir para uma reflexão mais aprofundada sobre como o país está se preparando para dar conta dignamente do processo de envelhecimento humano que está ocorrendo, onde a pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos.

Pagamento: o(a) sr(a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa e declaro ter recebido uma cópia do presente termo.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Pesquisador Responsável

TELEFONES

Pesquisadora: (54) 2101.6000

Pesquisador Responsável: (51) 3308.4144

Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS: (51) 3308.3738

APÊNDICE E - Sugestão de Planilha para Registro de Ocorrências

			Vítima						Agressor					Tipo de Violência*				Presença de quais aspectos no agressor*							
	Data do recebimento da denúncia	Data da primeira visita	Fonte da denúncia	Nome	Data de Nascimento	Sexo	Escolaridade	Quantas pessoas moram junto	Grau de parentesco de quem mora junto	Nome	Data de Nascimento	Sexo	Escolaridade	Grau de parentesco	Psicológica	Física	Financeira	Negligência	autonegligência	Outros	Desemprego	Dependência química	Distúrbios psiquiátricos	outros	
001																									
002																									
003																									

Fonte: Elaborado pela autora.

* As informações referentes a estes campos deverão ser respondidas com "x", exceto os itens "Outros" que deverão ser descritos.